COLEÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE GUSTAVO BARROSO - 6

4

HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL

GUSTAVO BARROSO

GUSTAVO BARROSO

HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL

VOLUME 4

1ª REEDIÇÃO

1993

Revisão Editora Ltda.
Conferindo e Divulgando a História
Caixa Postal 10466
90001 — Porto Alegre-RS

ÍNDICE

Volume 4

Capítulo I

A MÃO OCULTA

Na vastidão dos pampas da antiga Vacaria, que constituíram a província de São Pedro do Rio Grande do Sul, nascera uma raça de centauros, cujo "patriotismo se criara e acrisolara nas lutas contra as missões guaranis e contra a ousadia dos invasores castelhanos de Vertiz e de Zeballos. No seio das matas e serras do norte ou dos vastos pampas do sul, varridos de minuanos, ensopados de sol ou de luar, o homem, a pé e a cavalo, de espingarda ou de lança, acostumara-se a esperar o inimigo espanhol. Largava o machado de lenhador, a enxada de roceiro ou o ferro ainda quente de marcar o gado para correr às armas e repelir o vizinho que disputava à expansão brasileira o caminho forçado até seus limites naturais" (1). "As povoações da fronteira — diz um historiador local — eram simples guarnições militares, que as contínuas incursões espanholas mantinham vigilantes e alertas. Tinham mais o aspecto de acampamentos que, propriamente, de centros de população civil (2)."

As forças secretas, aproveitando a oportunidade magnífica que a Regência oferecia para o esfacelamento do Brasil, lançaram suas vistas para essa gente brava, desprendida, honesta, idealista, fácil de enganar, a fim de fomentar um movimento que trouxesse nos seus torvelinhos as sementes da república, capazes de brotar em arbustos de separação, produzindo flores de anarquia. A posição geográfica da região, **marca** ou **frontaria** meridional do Império, como diriam os clássicos, ajudava a esse desideratum. Atacado fortemente o extremo Norte pela revolta cabana, assoprada do fundo das lojas da maçonaria e do iluminismo, era o plano atacar o extremo Sul ao influxo das sugestões e da ação da maçonaria e do carbonarismo.

Se fôssemos nós que afirmássemos isto, era lícito duvidar; mas é a própria maçonaria quem o afirma mais de uma vez e categoricamente, em documento público. A 19 de abril de 1936, na **Seção Livre** do "Correio do Povo" de Porto Alegre, o Oriente desta cidade fez estam-

par a seguinte proclamaçâo, na qual grifamos os pontos mais importantes*

"AD UNIVERSI TERRARUM ORBIS SUMMI ARCHITECTI GLORIAM! Ao Governo, ao Povo, aos Maçons de todo o Brasil e a quem mais a presente vier a conhecer. Nós, representantes legítimos de todos os Maçons Antigos, Livres e Aceitos regulares, residentes no Oriente de Porto Alegre, sob as inspirações do mais intenso júbilo, aqui reafirmamos a mais soberana fé que todos depositamos no destino glorioso de nossa **Raça** (?!). E, na celebração do primeiro centenário de **um dos três maiores feitos maçônicos do Brasil** (1822, 1835-45, 1889), queremos abraçar fraternalmente a todos os nossos irmãos de **raça** (?!), na firme compenetração de todos os deveres cívicos e humanos, subscrevendo na presente os propósitos que animam aos Maçons de todo o globo terráqueo — de lutar sem esmorecimento em favor da Paz, da Ordem e da Prosperidade da Pátria, para que ela seja forte, grande, feliz e amiga das outras Pátrias, concorrendo aureamente para o bem-estar geral da Família Humana.

Quer do ponto de vista ideológico e quer na feição prática, já não pode caber a mínima dúvida sobre o fato de haver sido a Grande Revolução um movimento visceralmente maçônico, DE JURE ET DE FACTO.

E, nesta hora em que tudo é esplendente vibração na alma do Rio Grande do Sul, entendemos devido e necessário concitar os Maçons e os profanos brasileiros a que tenham fé nos propósitos ordeiros, progressistas e fraternos de todos os Maçons regulares riograndenses — os defensores dos mesmos ideais pacíficos e fraternais de Bento Gonçalves, Onofre Pires, Garibaldi, Padre Caldas, Padre Santa Bárbara e de tantos outros, que fizeram realidade o sonho farroupilha, **já anterior a** 1835 (?!).

AS INSÍGNIAS DO ESTADO, **as proclamações da época, tudo quanto existe de autêntico sobre a Grande Revolução serve para atestar a estruturação** GENUINAMENTE MAÇÔNICA do **movimento.**

E, por tudo isso, o regozijo dos Maçons Antigos, Livres e Aceitos do Oriente de Porto Alegre, no instante em que todo o Brasil, pelo Poder Público, pelo Povo e por todas as expressões de sua cultura e de sua vida, está sagrando o **feito heróico dos nossos Irmãos Maçons do decênio glorioso,** daqueles que souberam render, durante dez anos, um **culto de sangue** (?!) à Liberdade, à Justiça e à Moral.

Reafirmamos, nesta hora de esplendentes comemorações, a jnquebrantável fé que tributamos à liberal-democracia — **filha primogênita da Grande Revolução Francesa de** 1789 **e, conseqüentemente, da** BENEMÉRITA, HUMANA, GLORIOSA E REAL ARTE DA FRANCO-MAÇONARIA, conforme seria mesmo fácil constatar no próprio livro "As forças secretas da Revolução", de Léon de Poncins.

E, ao fazermos tão solene proclamação, concitamos todos os patrícios e todos os Irmãos ao cumprimento estrito dos deveres assumidos para com a Pátria e a Humanidade, constituindo-se defensores da Paz e do Progresso, para perfeita e produtiva colaboração de quantos se dedicam à glorificação da **Raça** (?!) e à felicidade da Pátria.

As duas colunas maçônicas, Jakin e Booz, Boaz ou Bohaz, segundo a fig. 4 do t. VI da obra "Biblioteca Maçônica ou Instrução Completa do Franco-Maçon", dedicada aos Orientes Lusitano e Brasileiro por um Cavalheiro Rosa-Cruz, Aillaud, Guillard &Cia., Paris, 1864. Compare-se o símbolo com o brasão do Rio Grande do Sul. A maçonaria tem toda a razão, quando afirma oficialmente que são maçônicas as insígnias do Estado. E nós, apoiados na documentação insofismável que apresentamos, temos toda a razão em dizer que o glorioso e heróico povo gaúcho deve substituir esse escudo, que não é dele, mas de uma sociedade secreta, por um seu, que simbolize seu nobre e tradicional papel de guarda vigilante e muitas vezes sacrificado das fronteiras meridionais do Brasil.

Deus dê ao Rio Grande do Sul, nesta hora que nos é sagrada, tudo quanto pode e deve aspirar uma terra que encerra as mais altas virtudes no coração de seu povo!... Deus dê ao povo gaúcho a nítida compreensão de seus deveres pelo bem comum da Pátria! Deus dê a todos nós o poder de nos elevarmos acima de todas as questiúnculas partidárias, pessoais ou escolásticas, permitindo-se, assim, um congraçamento real e total dos filhos do Pampa, econômica, política e socialmente, para juntos podermos tributar a devida reverência aos **Maiores** (?!) e cumprirmos nosso dever de gaúchos, AD MAJOREM DEI GLORIAM.

Que, assim, o Grande Arquiteto do Universo nos ajude, pelo bem geral da brasilidade!...

Oriente de Porto Alegre, aos 24 dias do mês de setembro de 1935 da Era Cristã, Centenário da Revolução Farroupilha e Oitavo da fundação de nossa Grande Loja Simbólica. **Conde** Cagliostro, Mestre Maçon; **Aulon,** Mestre Maçon; **Sócrates,** Mestre Maçon; **Wilson,** Mestre Maçon."

Como se vê, em 1936, reproduzia-se essa proclamação de 1935. O jornal referido a publicou com todos os carimbos e selos da Grande Loja, a fim de autenticá-la, porque está firmada por pseudônimos. A maçonaria até hoje não desmentiu esse papel. Devemos aceitá-lo como prova. Por ele se verifica que os feitos do povo gaúcho são feitos dos Irmãos Maçons e que as grandes datas de nossa história são simplesmente datas maçônicas. Se a maçonaria fala a verdade, é tempo de nos libertarmos desse Estado secreto que tudo manobra dentro do país, segundo confessa, o que pode ser muito agradável para os Maçons Aceitos ou não Aceitos, porém muito desagradável para os **profanos,** que são a maioria. Se a maçonaria mente e se pavoneia com glórias alheias, então acabemos com essa tropilha ridícula que está lançando o desprestígio sobre os fatos da história nacional, fazendo-os todos passarem como forjados no seu cadinho secreto. Os documentos e a lógica infelizmente demonstram que a ação maçônica é verdadeira.

De braço dado com a maçonaria se encontram por toda a parte outras sociedades secretas, trabalhando em prol da RAÇA, eufemismo com que os anônimos autores do manifesto retro escondem seu preito de vassalagem vil, abjeta e infame à Raça Judaica, ao povo maldito de Israel. Em São Paulo, a Burschenchaft age de concerto com as lojas; no Pará, é o iluminismo; no Rio Grande do Sul, o carbonarismo, em cujos sete primeiros graus muito se fala no cristianismo para embair os papalvos; mas em cujos três últimos se declara guerra a toda religião e sociedade. No grau de mestre, o ritual carbonário acusa Nosso Senhor Jesus Cristo por ter atentado contra a igualdade original dos homens, dizendo-se Filho de Deus. No sétimo grau, o carbonário jura guerrear toda religião e todo governo positivo (3).

O carbonarismo nasceu e se desenvolveu no reino de Nápoles, onde tomou grande impulso quando da ocupação austríaca com a queda de Murat. Ligou-se à maçonaria através da loja francesa Amis **de** la Verité, no dia 1º de maio de 1821. Chamamos a atenção para essa data simbólica, sempre escolhida pelas forças secretas e pelo judaísmo por ser uma data pagã, anti-cristã por excelência. É a data da chegada a Paris, com a mensagem comunista, como demonstra

Salluste, do judeu Caim Buckeburg, que se convertera e tomara o nome de Henri Heine, e que, segundo o testemunho de J. Santo em "Les méfaits d'Israel", "adotara a armadura e a bandeira do inimigo para poder feri-lo com mais segurança".

A ligação da carbonária à maçonaria foi resolvida, conta João de Witt, o grande unificador das sociedades secretas, numa reunião de onze chefes carbonários em Cápua (4). Dali partiram para a França, munidos de credenciais para agir em nome da Alta-Venda Carbonária o duque de Garatula, siciliano, e Cario Chiricone Klerckon, filho do duque de Framarino, napolitano. Os franceses dessa época conheciam os carbonários como **Adelfos** e **Filadelfos,** achando seus primeiros graus demasiadamente cheios de cristianismo, o que os outros explicavam pela necessidade de usar dessa isca numa terra profundamente católica como a Itália. Ainda de acordo com a insuspeitíssima opinião de João de Witt: "O pensamento dominante da associação nada tinha de preciso, mas os **consideranda** se resumiram a decretar a **soberania nacional** sem a definir... Porém, quanto mais vaga fosse a fórmula, melhor servia à diversidade dos ressentimentos e dos ódios. Ia-se, pois, conspirar em vasta escala e isso sem idéia de futuro, sem estudos preparatórios, ao sabor de todas as paixões e caprichos." Uma beleza!... O famoso Lafayette, maçon de quatro costados, foi um dos primeiros a se fazer carbonário, quando se realizou a união da Alta-Venda com o Grande-Oriente, que a Venda oficialmente denominava o Alto Firmamento.

Alexandre Dumas conta que o carbonarismo se espalhara na Itália em 1820, sobretudo nos Estados da Igreja, unindo-se aos restos da antiga seita ou partido dos Guelfos e aos elementos bonapartistas. A GRANDE LUZ dessas sociedades era Luciano Bonaparte, irmão do Imperador, o qual combatia violentamente o clero e preparava os espíritos para a república. No reino das Duas Sicílias, chegou a haver seiscentos e quarenta e dois mil carbonários (5)! La Farina, apavorado, computava-os em mais de oitocentos mil (6)!

A carbonária, embora sob formas diferentes, tem as mesmas doutrinas do rito maçônico de Misraim. Sai diretamente da chamada cábala egípcia. "Devendo o carbonarismo operar sobretudo na Itália, terra toda impregnada de catolicismo, precisava até certo ponto tomar emprestados as suas crenças, mistérios e linguagem, palavras e usos próprios, para enganar os povos, destruindo com mais segurança toda a fé nos seus adeptos e conduzindo-os pelo mais obscuro fanatismo ao último limiar do panteísmo e da anarquia moral (7)." Seus membros não se tratam por **irmãos,** mas por **bons primos.** Na sua impiedade,

Jesus é o primeiro dos **bons primos.** Nada mais. Nos dois primeiros graus, falam muito da Santíssima Trindade, da Santa Virgem, de São José e dos Apóstolos, empregando termos como "batismo", "pecado original e mortal", referindo-se sempre à Fé, à Esperança e à Caridade, chegando a recitar Padres-Nossos e Ave-Marias, e afirmando que o fundador da Ordem foi São Teobaldo (8).

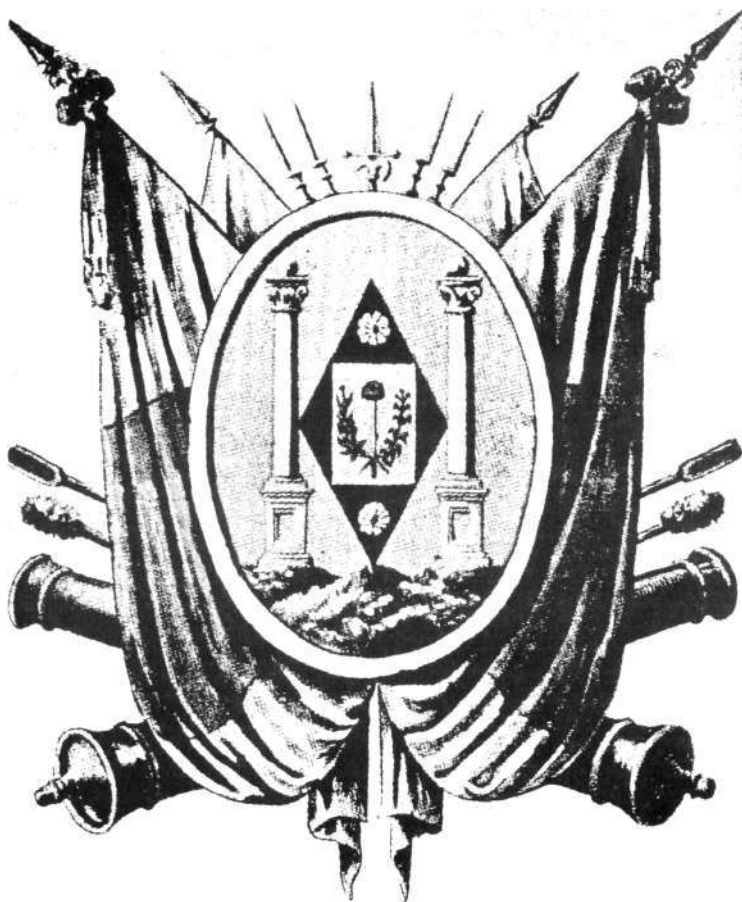
Assim, a maçonaria carbonária designa seu fundador, Teobaldo, a que alude Larmening de Alexandria, o restaurador da Ordem dos Templários depois de esmagada pelo Rei Filipe e Belo e abolida pelo Papa Clemente, tendo sido o primeiro Grão-Mestre em seguida a Jacques Molay (9).

Todos os nomes a que aludimos são invocados sem o menor respeito pela verdadeira fé. Pouco a pouco, conforme se vão elevando os graus, as impiedades se tornam também mais visíveis e grosseiras até se chegar, ritualmente, aos Deus-Fogo, ao Panteísmo, **a todos os mistérios da santa religião carbonária.** O último grau é a proclamação do iniciado como FILHO DE DEUS E REI, isto é, a última palavra do Iluminismo, do Martinismo e do Panteísmo. Tal rito destrói a base do cristianismo, pois, se todos nós somos deuses e reis, Jesus Cristo não poderia ser mais do que somos. A divindade e a realeza do iniciado completam-se na liturgia da vingança contra os tiranos. A constituição carbonária preceitua textualmente o seguinte: "Um concilio de todos os bispos reeleitos ou confirmados pelo povo restabelecerá a religião cristã na sua pureza primitiva (10)." Essa reconstituição desse pseudo cristianismo antigo e puro equivale à destruição da verdadeira Igreja. Tanto que, segundo o testemunho irrefutável do grande carbonário João de Witt, além dos graus de todos conhecidos, havia um **inteiramente desconhecido,** análogo ao HOMO REX dos iluminados, no qual se revelava que o fim supremo da Ordem era, em verdade, a destruição de toda religião (11).

Esta seria a seita maçônica escolhida para atuar na primeira linha no Rio Grande do Sul, através de um enviado culto e inteligente, o conde Tito Livio Zambeccari, através de um condottiere de poucas letras e grande bravura, **pianto uomo** viçosa, Giuseppe Garibaldi, e através de outros, como veremos com tempo e vagar. Na opinião de Pietro Borelli, Garibaldi era uma **nulidade intelectual** (12). Revolucionário indisciplinado e talvez um tanto inconsciente do que fazia. -Mais força instintiva do que reflexão. Por isso, Cavour servia-se dele (13). Pela carbonária, estava ligado a Mazzini, que fundara em Marselha, no ano de 1831, a famosa sociedade Jovem Itália, que se refugiara em Londres, onde, à sombra da proteção das lojas e do Kahal, nada mais

fizera do que organizar conjuras entre 1833 e 1834. Naturalmente, Garibaldi devia ter alto posto nas Vendas carbonárias, porque fôra elevado a Grão-Mestre Geral do Rito de Mênfis e de Misraim, do qual elas emanavam (14). O maçon arrependido Domenico Margiotta, que foi uma das figuras primaciais da Ordem, afirma que Garibaldi não passava de um instrumento da política judaica da Inglaterra, então dirigida por lord Palmerston (15). "Na história — acrescenta — sabe-se o que se vê no teatro, ignora-se o que se passa nos bastidores (16)." Lord Palmerston era amigo íntimo do tirano Rosas, visitava-o no seu desterro da Inglaterra freqüentemente e herdou-lhe o arquivo, por testamento...

Notemos de passagem estas **coincidências acidentais:** Garibaldi, Grão-Mestre Geral do Rito de Mênfis e de Misraim; o carbonarismo originário das Duas Sicílias e saindo do Rito de Misraim e da cábala egípcia; Cagliostro, o aventureiro siciliano misterioso, enviado maçônico às lojas francesas, Grão-Copta da cábala egípcia, fundador do Rito de Misraim; a assinatura do Mestre Maçon que vem em primeiro lugar no documento anteriormente publicado neste mesmo capítulo, no qual o Oriente de Porto Alegre reivindica de público para a maçonaria a autoria da revolução dos Farrapos e até a do próprio brasão do Estado, é, simplesmente, este: CONDE CAGLIOSTRO! A identificação dos criminosos secretos exige uma atenção e uma paciência de Sherlock Holmes; mas, quando se apanha uma pista ou se consegue apontar o rastro marcado na areia, os maçons gritam que é mentira, mentira, mentira!... Deixemo-los gritando e vamos tratando de os desmascarar.

É fato inegável que, segundo a afirmação de Canabarro Reichardt, "idealistas teóricos da revolução", vieram juntar-se aos Farrapos e trazer-lhes "o seu contingente de idéias" (17). O principal desses **teóricos** foi justamente Zambeccari, "o famoso carbonário e intemerato adepto da unificação italiana", grande conspirador, técnico no assunto, cuja influência sobre o espírito de Bento Gonçalves, o chefe dos Farrapos, não se pode negar (18). Bento Gonçalves foi, nos sucessos do Rio Grande, o "organizador e coordenador dos ânimos descontentes" (19). Como tantos outros caudilhos daquela região fronteiriça, era um homem de pouca instrução, criado na vida rude dos campos, cheio de pundonor, veterano de todas as lutas platinas, tendo-se alistado no Exército Pacificador de D. Diogo de Souza, em 1811, aos vinte e três anos de idade. Aliava à grande e natural bravura gaúcha, uma honestidade sem par, todo eriçado de pontos de honra e de escrúpulos morais (20).

Na seção livre do "Correio do Povo" de Porto Alegre nº de 24 de setembro de 1935, em artigo 2ob o título "Maçonaria **versus** Integralismo", a maçonaria riograndense declarou **oficialmente** o seguinte: "As **insígnias do Estado,** as proclamações da época, tudo quanto existe de autêntico sobre a grande revolução servem para atestar a estruturação **genuinamente maçônica** do movimento." Refere-se à revolução dos Farrapos, de 1835 a 1815.

Estudemos essas insígnias maçônicas no seu painel oficial do tempo da revolução, aqui estampado. No meio de um troféu de armas e bandeiras, um escudo oval, tendo duas colunas plantadas sobre rochedos, e, no meio delas, um losango com rosáceas às pontas e um quadro, em que o barrete frígio republicano repousa sobre uma haste, entre dois ramos.

Analisemos documentadamente os símbolos aí contidos. O barrete frígio se encontra entre rosáceas simbólicas, que, mais tarde, se transformarão em estrelas. Essas rosáceas são as do Sephiroth da Cábala, como se pode facilmente verificar na gravura colorida que abre o cap. XXI da grande obra de Manly P. Hall. "Encyclopedia

of masonic, hermetic and rosicrucian symbolical philosophy", São Francisco, 1928, que pode ser consultada na Biblioteca Nacional, na Seção de Gravuras, sob os nºs 31 -3-8. Isso mostra que nenhuma minúcia deve ser desprezada no estudo, interpretação e leitura de qualquer sinal maçônico. O losango nada mais é do que a representação dos dois triângulos que formam a chamada Estrela de David. Estão unidos pela base e significam o dualismo maniqueu, a igualdade do Bem e do Mal, em luta constante.

Os rochedos são o que se chama em linguagem maçônica a **Pedra Bruta:** o homem tal qual o fez a natureza e a sociedade, ensina Henri Durville em "Os mistérios da maçonaria e das sociedades secretas", pg. 45. O maçon Dario Veloso, em "O templo maçônico", considera a **Pedra Bruta** o "estado primitivo, ignorância, paixões, egoísmo" e acrescenta: "Trabalha com ardor na **Pedra Bruta** e verás brilhar a **Estrela Flamejante",** pg. 221.

As duas colunas são as que estão em todas as lojas. "As Colunas do Templo simbolizam — declara Dario Veloso, op. cit., pg. 178 — dois princípios de equilíbrio social: Tolerância e Solidariedade. Na família, representam o Homem e a Mulher, cujo antagonismo se resolve pelo Amor. Analogicamente, representam ainda: a Razão e a Fé; a Ciência e a Religião; o Bem e o Mal; a Luz e a Treva." À pg. 220, ainda escreve que uma delas, Jakin, é o Espírito, e a outra, Boaz, é a Matéria: o Ativo e o Passivo; a Liberdade e a Necessidade.

"As duas colunas, Boaz e Jakin — define D. José M. Caro, à pg. 57 de seu livro "Mistério!", representam os dois princípios que, segundo os gnósticos e maniqueus, produziram o mundo, o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas, Osíris e Téfon, Ormuz e Arimano, Satanás e Jesus Cristo, a Forma e a Matéria, o Fogo e a Água, o Macho e a Fêmea. A coluna branca é o emblema do sexo feminino, a negra do masculino. Lendo-se as letras ao inverso, tem-se o segredo da natureza formulado em hebreu."

Afinal, o grão-mestre do Paladismo maçônico, das lojas de retaguarda, dá a última revelação para uso somente dos altos graus, no seu "Sepher H'debarim", pg. 46, que citamos em inglês para evitar torpezas em vernáculo: "Jakin thus while symbolized the state of erection of the Membrum virite, when prepared for begetting or creating in the womb: Bohaz symbolized the potency, vigor and fierce, and even cruel desire of the same member"

O povo gaúcho, sentinela de nossas fronteiras, coberto de glória, devia ter um brasão que simbolizasse sua coragem, seu denodo, seu sacrifício, seu cavalheirismo sem par, que merecem o respeito e a gratidão de todos os brasileiros. A maçonaria judaica e infame, iludindo seu heroismo magnífico de 1835 a 1845, desrespeitando o sangue de tantos heróis tombados por um ideal, impôs-lhe subrepticiamente essas armas, cuja autoria ela própria confessa e cuja indecente e satânica significação seu grão-mestre, o general Albert Pike, revela aos iniciados.

Que os bravos riograndenses, compreendendo nosso amor pela sua glória e nossa estima pelas suas belas tradições, recusem a heráldica maçônica-carbonária-judaica e adotem um novo brasão, cristão, nacional, expressivo de seus altos feitos, histórico. À mocidade dos pampas, que deve ser brasileira e não maçônica internacional, cabe de pleno direito essa necessária, imprescindível reivindicação.

Como se vê, nada inventamos sobre o assunto e nada mais fizemos do que esclarecer definitivamente o caso com as palavras da maçonaria e dos maçons, capazes de, sob o véu de seus mistérios, impor a um povo admirável e generoso os seus símbolos imorais e bafométicos.

Os dois aventureiros italianos e carbonários, vindos para a América do Sul a insuflar revoluções, a sugestionar os seus chefes ou a procurar imprimir-lhes rumos, nada tinham de superior, quer em valentia, quer em cultura, aos brasileiros que se lançavam por idealismo, inconscientes de estarem servindo a desígnios ocultos, na voragem da guerra civil. Somos neste ponto da opinião de Souza Docca: "A ninguém é lícito negar que José Garibaldi pelejou com bravura ao lado dos heróicos farroupilhas e que a estes prestou serviços relevantes. Mas a verdade histórica não pode consentir que se coloque o herói italiano acima dos heróis rio-grandenses, usurpando o lugar destes nas comemorações públicas, na recomendação de seus nomes à posteridade, como se tem feito e como acontece no momento a Bento Gonçalves na cidade do Rio Grande. Não são de hoje essas idéias, as expressamos há quatorze anos, na conferência que proferimos ao ser inaugurada a herma de Gomes Jardim, em Pedras Brancas. Garibaldi foi grande pelo heroísmo e pelo arrojo, embora nesse particular não sobrepujasse os farroupilhas. Foi, entretanto, menor que estes, na tenacidade em defesa do ideal que deu vida e movimento à Revolução. Combateu como aventureiro para o que tinha **disposição,** segundo ele mesmo confessou em suas "Memórias". Entrou para o serviço da República Riograndense com desaire, quando esta ascendia gloriosamente para o fastígio a que chegou, e a abandonou, também com desaire, em suas horas amargas para o declínio e foi, em seguida, à legação brasileira em Montevidéu, anular, renegar o seu passado de lutas, em troca de uma anistia, conforme documento existente no arquivo do Itamarati" (21).

É ainda o mesmo Souza Docca que assegura: "Zambeccari não foi desterrado, não foi deportado, nem seguiu para a Europa com pressa de abandonar **os seus amigos,** foi por seu desejo, em virtude de uma anistia que lhe foi concedida, **por humanidade,** no dia do aniversário natalício do Imperador, **com a cláusula de sair para fora do Império e de não poder voltar jamais a ele, sob pena de ficar sem nenhum efeito a presente graça.** Zambeccari aceitou isso como um presente do céu e foi embora, sem um adeus aos **seus amigos,** e se manteve em mutismo absoluto, lá no velho mundo (22)."

Perdida a partida nos pampas, o Poder Oculto salvava seus agentes, necessários noutro setor da luta anti-cristã internacional. Os que iludiram que suportassem as conseqüências. Tanto Garibaldi como Zambeccari iriam servir na cruzada pela unificação italiana, grande e formoso ideal que escondia nas suas dobras tricolores a obra virtualmente maçônica da destruição do poder temporal do Papa-

do e de destruição, se possível, do próprio Papado. Tanto assim que o dia 20 de setembro de 1870 marca a supressão desse poder e, concomitantemente, o estabelecimento em Roma, conforme documenta Margiotta, do rito satânico-paládico da maçonaria, decorrente do sistema de Herodom ou Rito Escocês de Perfeição, que o judeu Stephen Morin, desde 1761, tivera por missão, como delegado dos Soberanos Príncipes Maçons, propagar na América, ajudado pelos judeus Francken e Moisés Hayes (23).

O conde Tito Livio Zambeccari viera para o Uruguai em 1826, quando Lavalleja lutava contra o Império e apresentou-se a esse general em Durazno. Convidado a assumir o comando geral da artilharia, arma em que havia carência de oficiais preparados, "não escondeu a sua inexperiência da guerra e preferiu recusar o posto a investir-se de funções para que se não julgava apto ainda (24)." Em 1829, quando da luta entre federais e portenhos, recusou o comando de uma companhia da Legião Italiana também por incapacidade militar. Baseando-se nesses fatos, Souza Docca nega tivesse ele sido o mentor guerreiro, o estratego dos Farrapos. De acordo. Aliás, não viera à América do Sul para bater-se, mas para sugestionar, intrigar, inspirar e fazer os outros se baterem, retirando-se de mansinho, quando as coisas ficassem pretas. Então, os idealistas farroupilhas, lançados à atroz fogueira, derramariam seu sangue, enquanto os aventureiros carbonários mendigavam a anistia para pregar noutras paragens. Os Farrapos traziam n'alma um ideal, que não queremos saber se era justo ou injusto, ideal que se alicerçava no amor ao chão e ao povo do Rio Grande. Os carbonários obedeciam às ordens misteriosas da Alta-Venda ou do Supremo Conselho do Rito de Misraim. Todavia, como que zombando do sangue dos heróis gaúchos tombados "do vasto pampa no funéreo chão", o Oriente de Porto Alegre reclama de público, **de jure et de facto,** para as forças secretas, a completa autoria da Grande Revolução e até **as insígnias do Estado!** Isto é um verdadeiro escárnio às legítimas glórias dos rio-grandenses. O Rio Grande se apaga no seu papel histórico para deixar brilhar unicamente a maçonaria.

Souza Docca não admite uma preponderância marcada de Zambeccari sobre Bento Gonçalves, de quem era verdadeira "sombra" (25). Nega que ele tivesse sido secretário e chefe de estado-maior do caudilho Farrapo. Na verdade, não há nenhum documento de sua nomeação para o primeiro cargo e já se conhece sua incapacidade para o segundo. Os secretários de Bento Gonçalves foram Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, **braço direito** do chefe, morto

em conseqüência de ferimentos recebidos no ataque às trincheiras de Porto Alegre, e José da Silva Brandão, que lhe sucedeu, "espíritos cultos e dotados de grande inteligência" (26).

O carbonário só esteve na revolução farroupilha até 1836. Somente uma das proclamações revolucionárias, a de 24 de março de 1836, é reconhecidamente sua. Naturalmente, seu papel era dar unicamente impulso ao movimento que se desenvolveria ao sopro das idéias-forças despertas e postas em ação. Ele agia simplesmente "como propagandista **internacional** do credo político-social explanado nas lojas secretas a que pertencia na Europa" (27). E longo preparo antecedera a sua ação. Várias redes de sociedades e influências secretas cobriram com suas malhas a província, antes que a revolução se desencadeasse. Houve a **Cruzada da Liberdade,** "com sede no Rio de Janeiro e filiais em Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul, correspondendo-se com suas congêneres existentes em Paris. Tinha por fim instituir o regime republicano, segundo uma carta, datada de Washington, de 5 de novembro de 1839, de Ernesto Ferreira França ao ministro da Justiça do Brasil" (28). Demais, a chamada Sociedade Continentina, que era simples ante-câmara da loja **Filantropia e Liberdade,** fundada, diz Fernando Osório, sob a "aparência enganosa" de fomentar o progresso... (29)

Zambeccari é o tipo completo do agente revolucionário internacional, judaico-maçônico, do **Intelligence Service** das trevas. Preso na fortaleza de Santa Cruz, a oposição ao governo logo tratou de ampará-lo com o fito de restituir-lhe a liberdade. A comparar, modernamente, com a campanha **liberdade pro Genny!** e com as ligações de oposicionistas e comunistas. O Conselho de Estado opôs-se terminantemente a qualquer tentativa de libertação. Passou três anos dentro do forte. Em 1839, por ocasião do aniversário natalício do jovem Imperador, a prisão foi convertida em desterro, o que valia por uma anistia, sendo ele estrangeiro. Seguiu para a Europa. Em 1841, **seus amigos** abriram-lhe as portas de Bolonha. Conspirou, mas a polícia papal não o perdera de vista. Tramou a revolução da Sicília, que gorou. Em 1843, participou dos tumultos de Ancona e Rimini; em 1848, dos de Módena. Exilaram-no em Corfu, nesse mesmo ano. Velho, alquebrado e doente, pôs-se ainda ao lado de Garibaldi, em 1860. Morreu em 1868.

Desde a adolescência se entregara às mãos diabólicas das sociedades secretas, que lhe haviam amoldado o espírito a seu bel prazer. Filiara-se às lojas conspiradoras italianas aos dezenove anos e já nos bancos acadêmicos teve "comissões reservadas" (30). Trazia

constantemente o anel de ferro dos carbonários, símbolo de sua escravização. Depois de ser ajudante de ordens do maçon Riego, na revolução da Espanha, fôra mandado ao Prata em luta com o Império, onde as forças ocultas grandemente atuavam, aproveitando-se da anarquia caudilhesca e fomentando-a (31). Passou para o Rio Grande, quando se assopravam as brasas da revolução ainda sob as cinzas dos mistérios. "La rivoluzzione bateva alla porte anche di quelle provinde brasiliana, e lo Zambeccari lavoró a tutto uomo, per afetarne lo scoppio(32)."

Que importa, pois, não tivesse sido nomeado isto ou aquilo? Que importa não tivesse assinado esta ou aquela proclamação? Não eram esses os papéis que lhe haviam sido destinados na tragédia nascente. Sua obra tinha de ser, pela própria natureza, feita anonimamente e deixando o menor número de vestígios possível. Os que acham que Zambeccari foi o "pai espiritual da revolução", como diz Alfredo Varela, sentem, como que inconscientemente, a verdade oculta por aqueles anarquistas que se mascaravam no movimento maquiavelicamente preparado e provocado, denominando-o "a nossa revolução".

As tramas carbonárias sempre se distinguiram pelo mais absoluto segredo. Quando a polícia de Sua Santidade Gregorio XVI apanhou o arquivo da Alta-Venda, cujas peças principais foram publicadas por Crétineau-Joly, houve grande pasmo diante das revelações do que urdia e estava urdindo. Assim se fez no Rio Grande, desde as primeiras agitações do período regencial. Vimos as organizações maçônícas precursoras. Já em 1832, Zambeccari aparecia em Porto Alegre como naturalista... Convidara-o a vir seu amigo, o maçon Modesto Franco (33). Começou a atuar. Os iniciados no plano fundamental da revolução guardavam o mistério. O centro propulsor e irradiador dos trabalhos subversivos era a loja ou sociedade Maribondina, onde o conde carbonário pontificava. De onde vinham as ordens e diretivas, ninguém sabia. "Este sistema não constitui uma novidade: na organização carbonária que floresceu em França (34), além dos membros de uma Venda desconhecerem os das outras, todas elas eram manejadas pelas que tinham a categoria de Vendas-Grandes, sem lhes comunicar o segredo de suas deliberações, simplesmente transmitidas às primeiras, para observância geral, quando isto convinha aos interesses da Ordem (35)."

Agindo através desses compartimentos estanques, a intriga maçônica naturalmente criaria no Rio Grande do Sul um ambiente de fogo. Os aventureiros estrangeiros corvejavam na capital gaúcha, esperando a hora da explosão do movimento, cujas idéias as forças

ocultas, sobretudo desde 1832, vinham esparzindo na sociedade rio-grandense. Luiz Rossetti fazia-se eco dessas idéias, numa carta escrita em 1840: queria a passagem de um "regime funesto a outro melhor". Poderá alguém de boa fé e em sã razão crer no amor desse **agente internacional** pelo Rio Grande do Sul? Outro estrangeiro, Manuel Ruedas, pregava doutrinas maçônicas no "Recopilador", declarando-se, numa revolução toda ela de idéias gaúchas, "entusiasta da causa da liberdade universal" (36). A consumada boa fé do coronel Bento Gonçalves e de seus companheiros estava longe de poder compreender o que se ocultava sob esses manejos. De olhos fitos no ideal da liberdade, cegos pela irradiação dessa **estrela flamígera** com que a maçonaria hipnotiza os povos, aceitavam as decididas simpatias do governo uruguaio e esperavam até seu socorro (37), certos de que a aproximação provinha da semelhança de idéias, sem a menor suspeita, talvez, do tenebroso plano judaico-maçônico internacional a que eram arrastados...

Alfredo Varela declara haver quem pense ter sido Zambeccari o **pai espiritual** da revolução farroupilha. Assis Brasil acredita que ele pode ser considerado seu "verdadeiro e real diretor mental" (38). Souza Docca nega-lhe essa primazia nos acontecimentos, achando, porém, que "colaborou na propaganda das idéias republicanas, mas não exerceu o predomínio que se lhe empresta". O brilhante e documentado historiador esquece a dificuldade de provar documentadamente uma influência sinuosa, subreptícia e insinuante, filtrada através de segredos carbonários.

Os aventureiros alienígenas vieram comanditados ao feito que visava enfraquecer o Império degradado pela Regência, arrancando-lhe a província de São Pedro, depois de amputado da da Cisplatina. Uma coisa era o seguimento lógico da outra. "O conde Tito Livio Zambeccari era bolonhês, descendente de um dos ramos da nobreza italiana. Liberal extremista, era filiado ao carbonarismo, associação vastamente ramificada por todos os ângulos da península", depõe Eduardo Duarte (39). O antigo condenado à morte na Itália, em 1821, o agitador da Espanha de Fernando VII, o intrigante da política interna do Prata, veio, em 1831, começar seu **trabalho** em Porto Alegre, **sempre oculto.** Já ali havia um jornal de tendências republicanas, o "Continentino" (40). no qual colaborou. Em 1834, redigia "O Republicano". Foi ele quem desenhou a bandeira maçônica da revolução, segundo o depoimento de Manuel Lobo Ferreira Barreto, a qual fôra preparada em Buenos Aires, **antes de estourar o movimento,** por

seu amigo do peito, Francisco Modesto Franco, de acordo com o que declarou o espanhol Carlos Maria Huerga (41).

O agente carbonário vinha habilmente aproveitar o demagogismo da política local, casado ao provincialismo, para o lançar no sentido de uma revolução susceptível de se desenvolver de etapa em etapa até a república e à secessão. O ambiente era propício à sua atividade. Desde 1828, na retaguarda das fronteiras invadidas pelo inimigo externo e das tropas imperiais desmoralizadas, **troavam revoltas,** como o reconhecia o visconde de São Leopoldo. Em 1829, por toda a parte, foram espalhados boletins, concitando os rio-grandenses a seguirem o exemplo dos orientais, separando-se e proclamando a república. A polícia não conseguiu achar seus autores. Em 1830, segundo um ofício minucioso de Araújo Barreto ao Governo Imperial, esboçavam-se na província dois movimentos antinômicos: o da reincorporação da Cisplatina ao Império, reacionário, nacionalista, imperialista; e o da separação do Rio Grande, passando a constituir com ela um Estado Independente, maçônico, internacional (42). Essa idéia de reincorporação da Cisplatina parece que era agitada de propósito, unicamente para provocar reação, porque os políticos do Rio Grande, embora se hostilizassem nos dois partidos provinciais, eram acordes quanto à separação da antiga província (43). Ao próprio Bento Gonçalves se acusava de **aliado oculto** de Lavalleja (44).

Além disso, "as sociedades políticas, ou secretas ou públicas, estabelecidas na província do Rio Grande do Sul, são também acusadas de haverem concorrido para os acontecimentos de 20 de setembro de 1835. Houve na cidade de Pelotas uma Sociedade Defensora à semelhança da sociedade que debaixo do mesmo título se fez tão notável, como é sabido, na capital do Império. A Sociedade Defensora de Pelotas foi pelo menos um foco de liberalismo exagerado. Houve sociedades secretas no Rio Grande e no'Rio Pardo. Naquela, o façanhudo Francisco Xavier Ferreira e, nesta, o sagacíssimo José Mariano de Matos procuravam fanatizar os seus adeptos com os sonorosos vocábulos — liberdade, igualdade, fraternidade. Na sociedade secreta do Rio Pardo se decretavam homicídios; e um se perpetrou com circunstâncias horrorosas na pessoa do digno juiz de paz Antonio Casemiro Cirne: mas de todas as sociedades estabelecidas na província de São Pedro nenhuma adquiriu celebridade como a que se denominava do **Continentino,** estabelecida na cidade de Porto Alegre. Esta sociedade tinha no exterior o aspecto de um Gabinete de Leitura (45) e tomava o nome de um periódico intitulado "Continentino", publicado a expensas dela, e redigido por alguns de seus mem-

bros, mas o Gabinete de Leitura na realidade era uma loja de pedreiros-livres: o que depois se fez patente. Atribuía-se a esta loja o trabalho para a federação da província do Rio Grande com a Cisplatina, proclamando o sistema republicano (46)."

Vê-se deste documento que o trabalho pela separação com a república estava sendo feito pela maçonaria. É disso que ela se orgulha na proclamação que estampamos: de um crime contra a unidade da pátria. O nome do jornal aludido é típico: nem brasileiro, nem rio-grandense, mas **continentino,** do continente. Meio caminho para **internacional...** O "Continentino", fundado por João Manuel de Lima e Silva, circulou de 1831 a 1833 (47). Nessa época, Zambeccari estava oculto em Porto Alegre e, naturalmente, trouxera para o grupo que o mantinha credenciais maçônico-carbonárias. Souza Docca acha que não colaborou nesse jornal, o que não quer dizer que não inspirasse da sombra onde se escondia aos que nele escreviam o separatismo republicano, incentivando-os a perseverarem nesse ideal. De 1835 a 1836, publicou-se em Porto Alegre o "Continentista", que Lobo Barreto declara **veículo dos aturdidos republicanos.** Para ambos os periódicos, o continente estava acima do Brasil e a brasilidade abaixo da continentalidade... Etapa maçônica para o internacionalismo judaico fantasiado de humanidade...

Um dos agentes de ligação com os orientais era um agitador maçon contumaz, excomungado pelo Direito Canônico e pelas condenações pontifícias, o padre José Antônio Caldas, que os orientais chamavam El Cometa, natural de Alagoas. "Tendo sido partidista da Confederação do Equador em 1824, apareceu em Buenos Aires na ocasião da insurreição da Cisplatina e, na qualidade de capelão dos exércitos da República Argentina, passou a servir no quartel general de Lavalleja, proclamando aos rio-grandenses para que se revoltassem e promovendo a deserção das tropas brasileiras, por intermédio de seus amigos de Montevidéu. Chegou a Porto Alegre em 1832, onde teve "atuação formidável", como "veiculador de todo o revolucionarismo nacional". Constituinte de 1823, pertenceu ao Apostolado e participou da Confederação do Equador (48). Disse bem quem disse que a maçonaria transforma o cristão em judeu artificial. O padre é um exemplo disso. Rebelde à disciplina da Igreja, apóstata de seus dogmas, como brasileiro enfraquece o seu exército para dar a vitória aos inimigos da pátria. É difícil ser mais infame.

Em 1829, o padre pretendeu revoltar a Cisplatina, então para voltar ao Brasil, do que se infere que não tinha patriotismo como não tinha lealdade para com aqueles a quem servia contra sua pátria.

Joguete das forças secretas internacionais e anti-cristãs, fomentava quaisquer agitações que lhe encomendassem.

Somente depois de proclamada a república pelos farroupilhas, apareceram os outros dois enviados do carbonarismo. "À velha Piratini, ainda capital da República, chegaram dois forasteiros, oriundos de longínquas terras, traindo no linguajar o seu país de origem, **il bel paese che l'Appennin parte, il mar circonda e l'Alpi:** Garibaldi e Rossetti. Agitadores na sua pátria, arautos da idéia nova, membros da

Bento Gonçalves da Silva

famosa sociedade "Giovine Itália", apresentaram-se ao governo da revolução. Não era a sua pátria, mas o ideal era o mesmo (49)."

Vinham dar a última demão à obra iniciada por Zambeccari. O ideal era o mesmo, porque era o da maçonaria internacional. Rossetti fundou o jornal "O Povo", no qual escreveu artigos significativos, como, por exemplo: "República" e "Agonia do Império". Vinha deitar o azeite carbonário na imprensa dessa época, que já de si "semelhava um vulcão em chamas" (50).

Sebastião Ferreira Soares, no seu trabalho "Breves considerações sobre a revolução de 1835", viu bem os interessados no incêndio do Rio Grande, os interessados sem pátria, visando o enfraquecimento do Grande Império. Escreve: "Aqueles que só têm por princípio e lei o ouro vil, os quais, em todas as lutas que tem atravessado o Brasil, têm lucrado com as nossas desgraças; porquanto, não sendo seguidores de nenhuma idéia política, só se ocupam em traficar e intrigar, com o fim de nos enfraquecerem para dominar... No Rio Grande do Sul, nós e muitos brasileiros observamos que os maiores contrabandistas e os que forneciam os punhais, a pólvora e as balas aos dissidentes, não eram nascidos no Brasil; assim como os que mais perseguidores se mostravam dos míseros que a sorte das armas nos entregava prisioneiros, também não eram brasileiros, mas sim do número daqueles que, às nossas plagas aportando, nós os acolhemos como irmãos e amigos, e alguns dos quais nesta terra de prodígios hoje figuram tanto... Sabemos que, assim falando, não podemos agradar, porém somos brasileiros e jamais prostituiremos nossa consciência. A febre áurea ainda não nos contaminou, e em Deus esperamos que nunca nos infeccione (51)." Este homem viu claramente a ação judaico-maçônica na revolução a que assistiu: o ouro, os aventureiros, as intrigas, os negócios de contrabando e teve a coragem de denunciar a vileza com veemência, sentindo como bom brasileiro que tudo tendia a nos enfraquecer para nos dominar... Bem haja a sua memória pelo desassombro!

No seu famoso discurso, pronunciado em Aylesbury, no dia 20 de setembro de 1876, dizia textualmente lord Beaconsfield, o judeu Benjamin d'sraeli, corri absoluto conhecimento de causa, porque era israelita e estadista inglês, ao mesmo tempo: "Os governos deste século não têm somente que lutar com governos, imperadores ou reis e ministros, mas também com as sociedades secretas, que, no último momento, podem reduzir a nada os acordos, as quais possuem agentes em toda a parte, agentes sem escrúpulos, que pregam o assassínio e podem, se for preciso, provocar uma matança." A matança entre imperiais e Farrapos no Rio Grande do Sul, promovida por essas sociedades, duraria dez longos anos, de 1835 a 1845! De lado a lado, verteu-se, quase em proveito somente de contrabandistas de armas, de adoradores do ouro vil e de maçons ou carbonarios, o sangue de nobres brasileiros iludidos pelas palavras sonoras das lojas: Liberdade, Igualdade e Fraternidade ou Humanidade.

Note-se a curiosa coincidência entre as datas da explosão do movimento revolucionário dos Farrapos, da entrada de Garibaldi na

Roma Papal pela brecha da Porta Pia e do discurso judaico e memorável de Aylesbury, espécie de advertência aos governos sobre a força do Poder Oculto de que o lord-israelita era o delegado à frente do Império Britânico: 20 de setembro! Os desavisados dirão que é mero efeito do acaso. Nós não acreditamos no acaso.

Foi nesse dia, em 1835, que se deu o rompimento em Porto Alegre. Desde a véspera, 19 de setembro, os revolucionários estavam reunidos, sabendo que as forças do governo eram diminutas e minadas pela deserção. Na impossibilidade de resistir, o presidente da província embarcou para a cidade do Rio Grande. No dia 21, Bento Gonçalves entrava na capital à frente de seus partidários. No dia 25, lançava um manifesto, justificando a rebelião: declarava, como todos os rebeldes da Regência, respeito "ao nosso código sagrado, ao trono constitucional e à conservação da integridade do Império". A proclamação de Marciano Pereira Ribeiro, em 1836, ainda terminava com um viva a D. Pedro II (52). Toda revolução maçônica começa com essas juras hipócritas e só Deus sabe até aonde pode ir, de etapa em etapa. A Revolução Francesa começou querendo constituição e rei. Acabou querendo cada vez mais terror e guilhotina. A russa principiou na república liberal-burguesa de Kerenski e terminou no marxismo de Lenine. A verdade é que, dentro de pouco mais de ano, se proclamaria a Independência e a República Rio-grandense em Piratini, a 6 de novembro de 1836, tornando-se a revolução "francamente separatista" (53). Ora, que novidade! Ela não saiu das lojas com outra finalidade. A república se instalou quando Bento Gonçalves estava prisioneiro do Império. De volta ao Rio Grande, libertado pela maçonaria baiana, ele aceitou os fatos consumados e — diz textualmente Rio Branco — "combateu contra a União Brasileira" (54).

A causa aparente da explosão revolucionária era, segundo diziam, o fato do presidente Fernandes Braga se entregar no governo da província a influências reacionárias. É motivo muito miúdo para justificar dez anos de sangue derramado nas coxilhas! Aliás, lendo-se a Representação contra ele, publicada no volume XXIX do Arquivo Nacional, não se encontra um argumento de peso. A eterna acusação de reacionarismo que se costumava fazer, durante a Regência, às autoridades que se queria depor. Bento Gonçalves era o chefe dos liberais, que desejavam conquistar a autonomia provincial, idéia do federalismo com que as forças secretas envenenavam o país para dividi-lo e anemiá-lo. Calógeras chama-lhe "corrente de pensamento político". O Pará estava em franca ebulição revolucionária, Era preciso agitar o outro extremo da Nação, o mais perigoso, o da fronteira

castelhana, além da qual grulhava, como eterna ameaça da ordem, o caudilhismo maçonizado. Sem grandes recursos no Sul, o governo regencial receou, em vista do que ocorria no Norte, a generalização do movimento. Compactuou com o fato consumado, embora isso mais o enfraquecesse, não repondo à força, como devia, Fernandes Braga refugiado na cidade do Rio Grande. Fez o que fazia em todas as províncias conflagradas. Procurou um **tertius gaudet.** Mandou substituí-lo por Araújo Ribeiro, futuro visconde do Rio Grande, que tinha a vantagem de trazer para seu lado o velho e prestigioso guerrilheiro das coxilhas, Bento Manuel Ribeiro, seu parente e amigo. Era homem patriota, humanitário, esmoler, viajado e culto (55).

Feijó fôra eleito Regente do Império a 7 de abril de 1835. Tomou posse a 12 de outubro. Descrente, enfermo e abatido, não tinha mais aquela prontidão de resoluções e aquela férrea energia do tempo em que, como ministro da Justiça, esmagara a hidra da anarquia. Mas Evaristo da Veiga, perfilava-se por trás dele, sustendo-o, apoiando-o, dando-lhe forças (56). Depois da morte de Evaristo, se tornaria o caco velho que a maçonaria e a bucha lançariam aos azares da triste revolução de 1842, diversão favorável aos Farrapos, como a Sabinada, para que acabasse no ridículo de ser preso por aquele que fôra seu braço direito na manutenção da ordem pública.

A Assembléia Provincial, obediente aos ditames de Bento Gonçalves, criou dificuldades à posse de Araújo Ribeiro, que teve de realizar-se na cidade do Rio Grande, de modo pouco legal, o que teria más conseqüências futuras. Em 1836, baseando-se nisso, a assembléia votaria uma lei suspendendo-o de suas funções. Nesse ano, a 10 de setembro, o coronel Silva Tavares, depois visconde de Serro Alegre, à frente das tropas imperiais, foi derrotado no Seival pelo caudilho Farrapo Antonio de Souza Neto, que tinha de seu lado os soldados orientais do cabecilha uruguaio Calengo, mandado por Manuel Oribe, o Corta-Cabeças, ajudar à revolução (57). Fizera-se a ligação com o estrangeiro, realizara-se o **continentismo** contra a verdadeira brasilidade. Por trás de Oribe estava Rosas, apoiado na Argentina Federal e Vermelha, em cujo escudo oficial se encruzam até hoje as duas mãos maçônicas apertadas. O estrangeiro vizinho e interessado intervinha no pleito. O soldado estrangeiro ajudava a derramar sangue brasileiro. Os imperiais também lançaram mão desse odioso recurso ao mercenário.

O ouro vil a que se referia Sebastião Ferreira Soares, ouro internacional, corria nos bastidores da contenda. É Alfredo Varela, um grande historiador gaúcho, quem o diz nestas palavras: "A República

Farroupilha era alimentada pela MÃO OCULTA de Mauá (58)." É preciso, em homenagem à verdade, dizer que Irineu Evangelista de Souza era pessoa ligada intimamente a negócios de caráter internacional, que se tornaram vultosos e se entrosaram com o Prata. Alberto Faria, seu panegirista, reconhece suas relações com os farroupilhas, dando razão a Varela: "Rezam as crônicas que na ponta do Curvelo, em Santa Teresa, residência de Mauá, encontravam abrigo revoltosos foragidos. Certo é que nessa casa se trabalhava em favor deles; e veremos pela confissão de um, que, para a fortaleza de Santa Cruz (59), o negociante Irineu fazia transportar, **ocultamente e à sua custa,** a alimentação de trinta prisioneiros (60). Aí dormiu várias noites o emissário que David Canabarro mandou a Minas consultar o liberalíssimo Teófilo Ottoni (61) sobre as condições da Capitalização (1844) e aí se tramou a evasão de Onofre Pires da Silveira, da fortaleza de Santa Cruz (62)." Não é preciso acrescentar mais uma linha para ficar cabalmente demonstrada a ação da MÃO OCULTA de Mauá nos graves acontecimentos da revolução republicana & separatista. Quando D. Pedro II tinha pouca simpatia pelo visconde é que sabia mais do que nós o que tinha feito e poderia fazer. Alberto Faria naturalmente ensaia uma explicação **inocente** dessa dedicação ampla à causa da revolução: "Riograndense de nascimento e filântropo de alma (sic!), é fora de dúvida que, ou tivesse o espírito de revolucionário ou não, o morador da chácara de Santa Teresa fez jus à denominação que sua casa ganhou, **quilombo riograndense."**

A filantropia do negociante levou-o a gastos excessivos (63) e até a "fazer sustos ao Imperador" (64), isto já depois da maioridade, no último e desesperado quartel da luta fratricida de dez anos. Seria também por **filantropia** que a MÃO OCULTA se estendera com ouro aos **Treinta y Tres** da cruzada libertadora da Cisplatina, depois de 1825 (65)? Da Cisplatina, que, independente, iria ser por longos anos o feudo dos negócios da casa bancária de Mauá? Não pode ser invocada seriamente a desculpa do bairrismo para este caso: Irineu Evangelista de Souza não era uruguaio de nascimento. De fato, o que sempre teve foi grandes interesses na Banda Oriental. O dinheiro não tem cheiro e os negócios não têm pátria...

O enviado de Canabarro, que vinha consultar o ouro, a MÃO OCULTA, isto é, Mauá, e a força secreta do judaísmo-maçônico representada por Teófilo Ottoni, se se devia ou não aceitar como último e único recurso a paz com o Império, conforme a propunha o barão de Caxias, foi o tenente Martins, que chegou ao Rio de Janeiro

sob o nome de José Simeão, se ocultou na residência de Mauá, partiu para o Serro a conferenciar com Teófilo Ottoni, recebeu suas "instruções secretas", voltou, de novo esteve na casa de Santa Teresa e levou a Canabarro a palavra de ordem definitiva (66).

Mauá chegara muito moço à posição de gerente do negociante judeu-inglês Carruthers, o qual gozava de tal prestígio na Corte que **influenciava as medidas governamentais e influía no ânimo de estadistas como Paraná, Uruguai, Euzébio, Monte Alegre, Itaboraí** (67). Era quem mandava! Por que artes? Por que segredo, sendo um comerciante e um estrangeiro se tornara manda-chuva político? Pelo dinheiro, já que se lhe não conhece talento ou outra qualquer virtude. Não há outra explicação, doa em quem doer. Ricardo Carruthers era sócio, por sua vez, do judeu anglo-luso José Henrique Reydell de Castro. Ambos tinham estreitas e muito antigas ligações de família, que datavam do tempo em que o pai de José Henrique, enobrecido com um Dom e usando um velho e nobre nome peninsular, para maior disfarce, D. Miguel Caetano de Castro, fôra físico-mór isto é, médico-chefe da casa de D. João VI. A firma dos descendentes entrelaçados era Carruthers, de Castro & Cia., de Manchester, cujo chefe, unha e carne com Mauá, Ricardo Carruthers, era um **socialista sansimoniano, viajado e de temperamento messiânico** (68)...

Encontramos a MÃO OCULTA dando ouro aos farroupilhas para a guerra. Seguramo-la. Era a mão de Mauá. Este o vimos ligado a um judeu inglês **socialista e messiânico,** naturalmente pessoa de importância no Kahal. Outros historiadores nos deram as deixas. Nada mais fizemos do que estabelecer as ligações lógicas entre os fatos que eles documentaram. Será possível que nos possam taxar de vesânicos, de fantasistas ou de caluniadores?

"Les hommes d'aujordhui sont semblables á un voyageur qui a parcouru beaucoup de chemin, marché pendant des lieues, et qui s'aperçoit qu'il a tourné sur lui-même, qu'il est revenu á son point de départ. Aprés bien des circuits, nous nous retrouvons en face du juif tel qu'il était au Moyen-Age. S'il n'a plus Ia rouelle jaune, il a le même visage, le même sourire, les mêmes procedés, Ia même haine de Ia societé chrétienne, et surtout le même systéme économique (68)."

Esse sistema econômico que nos depaupera e se exerce por todos os meios é o que, no mais alto sentido da palavra, a Igreja denomina USURA, que a Doutrina Social Católica qualifica **provento sem causa.** São Boaventura chama-lhe "açambarcamento do alheio sob o véu do contrato", o que equivale a beneficiar-se ilicitamente sob

as fórmulas legais. É a **ars nequissima ex ipso aurum nascitur** de Santo Ambrósio. É o que mereceu a imprecação de São Basílio: — **Tu vero fenerator... Sine terra plantas, sine statione metis.** É o que São Crisóstomo considera: **pestiferam agriculturam...** Como não recua diante dos maiores crimes, na torpe avidez do lucro, fomentando revoluções de irmãos contra irmãos, dando a mão ao estrangeiro contra a própria pátria, São Gregorio de Nyssa equipara a usara ao parricídio. Chamamos hoje ao que os antigos denominavam singelamente USURA — **capitalismo.**

"Nenhum cristão pode confundir capitalismo e propriedade. O capitalismo parece com a propriedade como a obra de um falsificador com o documento autêntico. Um dos pergaminhos é a verdade e outro, a mentira. Não são somente diferentes, mas fundamentalmente opostos. São o contrário e a negação um do outro. O capitalismo parece com a propriedade como o sofisma parece com o raciocínio, como Caim talvez parecia com Abel (70)." O cristianismo representa, na vida econômica, a defesa da propriedade atacada por Israel, pelo capitalismo e pelo comunismo. Essa luta que, assim, vemos no plano material, é conseqüência da que se trava no plano espiritual; o Cristo e o Anti-cristo. Para chegar a seus fins, o judaísmo mascara-se com todas as máscaras e manobra todas as maçonarias por meio de sua MÃO OCULTA. É muito difícil apanhá-la em flagrante como no caso da revolução farroupilha.

Nessa luta dos Farrapos contra o Império, apanhamos o judaísmo e a maçonaria: esta, preparando o terreno, criando o clima, deflagrando o movimento (71); aquele — MÃO OCULTA de Mauá ligada ao braço de Carruthers, de Castro & Cia., de Manchester, distribuindo o ouro judaico que alimentava o derramamento de sangue brasileiro. Muito sangue de herói iria custar a República Riograndense, "Estado efêmero — diz Assis Brasil — erguido na extrema meridional do território brasileiro e cuja tumultuosa existência, constantemente hostilizada pelas armas do Império, não conseguiu transpor o seu período de formação. Nunca a bravura, a constância e as virtudes cívicas, servidas por homens de minguada educação, deram de si mais surpreendente espetáculo do que nessa luta de cerca de dez anos, que ao espírito do historiador evoca a tradicional tenacidade dos povos antigos (72)."

Aplaudimos de todo coração estas palavras!

Capítulo I!

A EPOPÉIA DOS CENTAUROS

Os centauros estavam largados nas coxilhas, de ponchos ao vento, espadas nuas, lanças em riste, seus bravos caudilhos à frente: Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, Lima e Silva, Onofre Pires, João Antônio da Silveira, Côrte Real, Gomes Jardim, Crescêncio, Manuel Lucas de Oliveira, Antônio Joaquim da Silva, o Menino-Diabo. Nem todos eram filhos dos pampas e o último era português. Vestiam fardas vermelhas, quando tinham fardas. Sobre a cabeça, gorros, chapeirões ou os pequeninos quépis à francesa, com as argelinas de pano branco protegendo a nuca. Farrapos? Por quê?

O nome começou sendo farroupilha, esfarrapado, e representa uma tradição revolucionária maçônica-judaica, como o de jaques e jacobino, vindos de Jaques ou Jacob Molay, grão-mestre dos Templários. Designaram-se com o apelido de esfarrapados, farrapos, farroupilhas, maltrapilhos, **gueux,** os confederados da Holanda, da Gueldria, da Zelândia do Brabante, revoltados contra a **tirania** espanhola. Não estamos aqui para fazer a história dos Países-Baixos e, por isso, nos limitamos a simplesmente dizer que, no fundo dessa revolta, estavam os judeus dos ricos e populosos guetos que haviam tornado, na época, a Holanda a "Judéia do Norte". Eram eles que incitavam contra Filipe II, o grande Rei cristão odiado e caluniado, os calvinistas enleados em sociedades secretas. Quando os fidalgos protestantes postos à frente do movimento foram a Bruxelas apresentar à regente Margarida de Parma suas reivindicações, um dos conselheiros da princesa não quis que ela os tomasse a sério e disse-lhe: — Senhora, não passam de maltrapilhos! Daí por diante, o grito de guerra dos rebeldes foi: — Vivam os maltrapilhos! Vivam os farroupilhas! Vivam os farrapos! como se queira traduzir. E houve os **farrapos do mar,** armados em corsários, e os farrapos dos bosques, guerreando em terra.

Talvez porque a luta riograndense tivesse de ser disputada, como o foi, no mar e em terra, haja acudido aos seus fomentadores ocultos a idéia de batizá-los com o apelido já tradicional nos movimentos provocados contra a religião e a monarquia. Na verdade, o nome de farroupilha começa a aparecer nas agitações liberais de 1830. Em 1832, já existe o Partido Farroupilha. O nome vinha de fora da província. Traziam-no do Rio de Janeiro, onde já existia um grupo maçônico tramando a sublevação do Rio Grande e com essa alcunha, alguns **liberais-farroupilhas,** entre os quais se destacavam pela sua atividade e entusiasmo o major João Manuel de Matos e o tenente José dos Reis Alpoim (1). Depois de farroupilha, com o tempo, veio a palavra farrapo.

O chefe supremo dos Farrapos era Bento Gonçalves da Silva, veterano de Sarandi e Ituzaingó, comandante superior da Guarda Nacional e da fronteira do Jaguarão. O comandante das armas, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, fez-lhe acusações quanto a negócios na raia do Uruguai. Foi chamado ao Rio para justificar-se. Ali chegou em maio de 1835 e a cada aperto de mão que trocava sentia os toques rituais da maçonaria. Quase toda a gente, os pró-homens da govemação à frente, pertenciam à irmandade da Acácia. Evaristo da Veiga, seu amigo. Diogo Antônio Feijó, seu amigo. Voltou triunfante, trazendo o compromisso de providências formais contra os **retrógados,** que embaraçavam os planos dos liberais e da nomeação à presidência do gaúcho Antônio Rodrigues Fernandes Braga, homem honesto e de caráter moderado. Os retrógados eram os adversários políticos dos farroupilhas. Estes os denominavam: galegos, caramurus, absolutistas, camelos, carimbotos e escravos do duque de Bragança. Eram por sua vez mimoseados com os apelidos de farrapos, anarquistas e pés de cabra.

"Afirmam alguns contemporâneos que a idéia da revolução se assentara definitivamente no ânimo de Bento Gonçalves durante sua permanência na capital; que um plano existia ali, concebido por homens como Evaristo da Veiga, de sublevar ao mesmo tempo o país inteiro para estabelecer-se a federação, que, pelos meios legais, já se afigurava impossível; que, no Clube Federal, secretamente se tramara a ruína completa do partido retrógrado, como condição de vida para a nacionalidade brasileira (2)."

Antes de Fernandes Braga, veio para o governo da província aquele mesmo José Mariani, que vimos impedido de governar o Pará. Tomou posse a 22 de outubro de 1833, numa capital agitada pelos retrógados, chefiados por Sebastião Barreto, e os liberais, alarmados

com o estabelecimento da Sociedade Militar, ninho de absolutistas. Fernandes Braga, nomeado a 14 de fevereiro de 1834, empossou-se a 2 de maio, no meio de "festas ruidosas". De ânimo brando e conciliador, o presidente não poderia agradar nessa época de ebulição e de ódios. Nem Jesus Cristo poderia servir a gente que estava inflamada para brigar pelo menor motivo, que não queria outra coisa.

Bento Manuel Ribeiro

Qualquer um ali seria, como diz o povo, preso por ter cão ou por não ter cão. Mesmo aquele que se resolvesse a abdicar de toda personalidade, entregando-se completamente às mãos dos mutinos maçônicos, acabaria desgostando-os pela própria moleza. Fernandes Braga fôra levado ao governo por influência dos exaltados, mas estes se irritavam com a sua mansidão, isto é, já que conhecemos as molas secretas da história, eram impelidos pelas mãos ocultas a se irritarem.

Tanto fizeram que o obrigaram a se apoiar nos inimigos da véspera. Estava declarada a guerra.

Quando se fizeram passeatas populares por causa da reforma liberal da Constituição, em outubro de 1834, o irmão do presidente, que se achava na cidade do Rio Grande, Pedro Chaves, armou tropas e tomou providências contra essas manifestações, as quais quase degeneraram em conflito. Braga foi avisado e apelou para Bento Gonçalves, a fim de impor ordem, o que este, no caso, conseguiu (3). Mas não havia providências possíveis contra uma agitação que vinha do fundo do mar. O presidente não podia conhecer, naquela época, a ação das forças ocultas como a conhecemos hoje. Via somente as ondas, fervendo na superfície. Algumas traziam vegetações lá das profundidades. Denunciou ao poder central a existência de um **partido separatista, tramando de combinação com influentes caudilhos das repúblicas do Uruguai e Argentina, às quais cogitava de anexar o Rio Grande.** A Regência negou-lhe recursos para manter a ordem. Não os tinha, mas, se os tivesse, negaria. Não estavam seus pro-homens maçons de acordo com Bento Gonçalves? Não partiam de seus clubes e lojas os militares farroupilhas que iam tocar fogo no sul?

Os tumultos começaram pela vila do Rio Pardo vieram por Viamão e Cachoeira; acabaram em Porto Alegre. Não havia prudência capaz de conter os excessos. Sentia-se o roncar de um motor escondido, impelindo todos para a catástrofe. Quando se processavam os mutinos, homens mascarados, seguindo o exemplo clássico dos carbonários italianos, penetravam nas casas dos juizes e os assassinavam (4). Em abril, com a abertura da Assembléia Provincial, para ela se transportou, na inflamada palavra dos oradores demagógicos, a agitação que andava à matroca pelas ruas, tomando expressão legal e tão soberana como o executivo. Encontrara seu centro de polarização.

Fernandes Braga sentia-se tonto em face dos efeitos de uma obra secreta que percebia, porém mal. Mas teve, assim mesmo, a coragem de desmascará-la: "Na sua fala de abertura, denunciou à Assembléia a existência de um **plano oculto,** formado por grande número de indivíduos, com o fim de revolucionar a província e de separá-la da comunhão brasileira (5)." Isso nada adiantava, porque a maioria da assembléia, obediente à voz de Bento Gonçalves, participava das lojas, das Vendas e dos conluios. Os deputados, ao invés de o auxiliarem, azedaram-se com a revelação. O presidente procurou organizar um corpo de polícia para sua defesa e garantia. — Janíza-

ros! gritaram os maçons. Enquanto um berrando, nas tramas andavam de parceria os irmãos da Acácia: Bento Gonçalves, o famigerado padre Caldas, "El Cometa", e o caudilho Lavalleja, que pertencia à loja maçônica de Jaguarão (6). E Rosas "afagava já a idéia de açular a revolução no Rio Grande, para impedir que a influência do Brasil se atravessasse diante dos seus projetos de exclusivo domínio do Prata (7)." O oriental Ruedas, que agredia violentamente o governo da província e do Império nos periódicos, não passava de um espião e agente provocador da Argentina rosista e rubra. Ao mesmo tempo, os comandantes das fronteiras, Bento Manuel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva, os dois Bentos, como diziam no Prata, desavindos, ofereciam o triste exemplo da indisciplina por causa da política de campanário. O maçon Sebastião Barreto ajudava a embrulhar tudo. Ameaçado de prisão, Bento Manuel ocultou-se.

A publicação pela presidência de um manifesto em que aludia ao **plano secreto dos farroupilhas lavallejistas** (8), determinou o rompimento definitivo de hostilidades. A revolução estourou na **curiosa** data carbonária de 20 de setembro. Houve ligeiro combate na ponte da Azenha, na noite de 19. Na manhã seguinte, os revolucionários entravam como faca em manteiga na capital, "tão bem combinadas estavam as coisas", declara um historiador gaúcho. O presidente tomou a escuna "Riograndense" e, seguido da "Dezenove de Dezembro", rumou pela lagoa dos Patos para a cidade do Rio Grande. Sobre as tropas revolucionárias ainda palpitava ao vento a bandeira auri-verde do Império... A verde, amarela e vermelha viria depois...

Bento Gonçalves, vindo de Jaguarão, entrou em Porto Alegre a 21, no mesmo dia em que a Assembléia dava posse ao quarto vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro, sob o pretexto de ausência dos outros três. Fernandes Braga respondeu, mudando a sede do governo para o Rio Grande, onde se achava. Tentava a luta, porque "não conhecia o alcance do poder que o derrubara", escreve Assis Brasil, naturalmente conhecedor **pessoal** desse poder por muitos e muitos motivos...

O governo semi-revolucionário, pois se aterrava ainda a uma substituição vice-presidencial, nomeou Bento Manuel comandante das armas, em lugar do marechal Sebastião Barreto. A derrota dos imperiais no Seival abrira aos Farrapos o caminho do Rio Grande, obrigando Fernandes Braga a retirar-se para a Corte. Bento Gonçalves entrou vitorioso na segunda capital, a 21 de outubro. Avisado no seu esconderijo do que se passava, Bento Manuel procurou evitar a responsabilidade da atitude que, talvez, fosse obrigado a tomar, con-

seguindo da Câmara Municipal de Alegrete um ofício em que lhe pedia se pusesse à frente de forças capazes de evitar o derramamento do sangue gaúcho. Dirigiu-se, depois, para São Gabriel, com duzentos homens, que ali viu grandemente aumentados. O marechal Barreto quis se lhe opor, porém suas tropas estavam minadas pela indisciplina e se esfarinhavam em suas mãos. Passou a fronteira uruguaia com alguns oficiais fiéis e desistiu do intento. Somente no Rio Pardo os rebeldes encontraram alguma resistência. A revolução mal acabava de começar; no entanto, Bento Gonçalves anunciava a sua extinção, como se se tratasse unicamente da expulsão de Fernandes Braga (9). Estaria iludido ou estaria iludindo? Por escrito, como **Libertador da Província,** protestava fidelidade ao Governo Imperial. Qual a revolução maçônica no Brasil que não começou com protestos de fidelidade ao trono e à religião? Desde a Guerra dos Mascates. Deveriam, no Recife, correr para as ruas, gritando: VIVA EL REI!...

Na Corte, Fernandes Braga não encontrou mais a antiga Regência Trina e sim a Regência Una, exercida por Feijó, com Evaristo por trás. Vinha apavorado, porque sentira de perto o "alcance daquele poder que o derrubara". Feijó entendeu de reagir, ou tinha interesse oculto em reagir, ou recebera ordem secreta para reagir, a fim de que lá nos pampas os ânimos asserenados se esquentassem de novo e os acontecimentos se precipitassem.

Nomeou Araújo Ribeiro, homem probo, austero, firme, autoritário; mas não lhe deu forças. Lá se arranjasse como pudesse. Vimos que a Regência procedia assim, indefectivelmente, com os presidentes que nomeava para o Grão-Pará devorado pelos cabanos. A mesma coisa em relação ao Rio Grande dos Farrapos. Que conivência essa do governo regencial, disfarçada, mas constante, com todos os fautores de desordem! O novo presidente demorou um mês na cidade do Rio Grande e foi a Pelotas conferenciar com Bento Gonçalves, que lhe disse esperar somente fosse o procedimento do governo justo e razoável, e que sua demora e ligação com certos elementos do Rio Grande já o estavam tornando suspeito...

Araújo Ribeiro chegou a Porto Alegre, onde Bento Gonçalves já o esperava, no dia 5 de dezembro de 1835. A anistia prometida por Feijó tardava. A maçonaria urdia a tessitura imponderável das suspeitas. Bento Manuel era o único chefe militar que privava com o novo presidente. A Assembléia começou a negacear para dar-lhe posse. Os juizes de paz, naturalmente industriados, fizeram uma representação em nome do povo, pedindo que a mesma posse fosse adiada.

Excelente e **bem arranjado** pretexto para a Assembléia consultar antes de mais nada a Esfinge do poder central.

A essas manhas, Araújo Ribeiro revidou com outras. Voltou ao Rio Grande, a fim de aguardar a solução do caso, disse; porém, de fato, para combinar com Bento Manuel meios e modos de esmagar os contrários. O velho soldado reuniu as forças que pôde na fronteira e proclamou Araújo Ribeiro presidente, na sua qualidade de comandante das armas. O presidente, por esse tempo, se ia apercebendo para a luta, organizando depósitos e tropas. Quando se julgou forte, tomou posse do cargo perante a Câmara Municipal do Rio Grande, a 15 de janeiro de 1836 (10). A Assembléia convidou-o a ir ratificar o juramento em sua presença, "sem o que não o poderia reconhecer." Ele não caiu na armadilha. Recusou. A Assembléia mandou que o vice-presidente continuasse na administração e ninguém obedecesse ao presidente ilegal e intruso. Quase os mesmos processos se puseram em prática na República para depor oligarcas e fabricar coronéis interventores e governadores. Dos coronéis baixou-se para os tenentes. Com o comunismo, iremos para os comissionados e sargentos. O sargento Batista não se apoderou de Cuba? O nivelamento moderno começa por baixo...

Todos os fatos que sumariamos, em que se não encontra um ato de verdadeira opressão, uma exação odiosa, uma execução injusta, uma tirania caracterizada, absolutamente não justificam a guerra cruel de dez anos entre irmãos, com saques e crueldades de lado a lado. Agitações estéreis, aproveitando inimizades individuais, personalismos, regionalismos, intrigas políticas locais, pouco e pouco levaram uma província inteira aos campos ensangüentados das batalhas civis, porque MÃO OCULTA se encarregou de baralhar todos os fios, de estabelecer a confusão, de criar o clima revolucionário, de atiçar e de açular a rebeldia, que só trouxe dor, sacrifício, ódio e prejuízos aos riograndenses dos dois lados e ao Rio Grande, aos brasileiros e ao Brasil. Os únicos a lucrar foram os elementos internacionais, destruidores das pátrias, que lucram com todas as confusões. E a confusão era a melhor atmosfera para o contrabando...

No mês de janeiro de 1836, a guerra civil está virtualmente ateada. Os grupos se entreveram pelas coxilhas. As lâminas das espadas e as choupas das lanças se empurpuram no sangue dos bravos anônimos, sangue de heróis brasileiros que o vasto chão verde dos pampas bebe em holocausto aos agitadores sem pátria. A 17 de março, no Rosário, os legalistas batem os rebeldes. De um e de outro lado, os estrangeiros mercenários, pagos a dois patacões diários,

derramavam o sangue dos nossos centauros. Se os Farrapos se ajudavam com um Calengo, os legalistas estipendiavam um Albano Bueno. Havia alemães em armas. Os reides de cavalaria percorrem a província, sobre Pelotas, sobre Porto Alegre, para aqui, para ali, para acolá, rodopiando nos entreveros. Ora, um tiroteio, ora um combate, ora uma carnificina. As cargas de Onofre Pires, de Crescêncio, de Manuel Lucas tamboreavam no solo fronteiriço a marcha épica dos heroísmos riograndenses. No fundo daquele mar, revolto e encapelado, holotúria que devora lama fétida, arrastava-se lesmaticamente a maçonaria. As ondulações do seu dorso infecto e submerso transmitiam-se a toda a água, de camada em camada; mas, quando chegavam, na pureza do ar, sob o céu azul, os cavalos netunianos das vagas se empinavam, sacudindo no espaço as crinas de espumas brancas. Esqueçamos a miserável holotúria rastejante nas trevas diante da clara e leal cavalgada das ondas. Esqueçamos o judaísmo e o maçonismo escondidos no lameiro para somente admirarmos as linhas de cavaleiros audazes e bravos, que galopam ao sol, embatem, chocam as armas retumbantes e caem, cobertos de sangue, num derradeiro grito de incitamento pelo seu Ideal... Brava gente! Brava gente! que o teu espírito hoje iluminado na luz da Eterna Aurora inspire aos gaúchos de nossos dias evitar a intriga babosa da holotúria maçônica, que continua a arrastar-se no fundo do mar social e vem à tona vomitar a imodéstia de tudo ter feito por nossa pátria!

Logo, começam reveses para a revolução. A Assembléia Provincial continua a manter correspondência com a Regência, protestando obediência e pedindo autoridades que sancionem com a legalidade os fatos consumados. É preciso acabar com os processos que se estão fazendo. Mas o governo aprova os atos de Araújo Ribeiro e transfere as repartições públicas para o Rio Grande. A esquadrilha imperial incomoda as operações dos rebeldes, cuja cavalaria chega bravamente a tirotear com ela (11). Os legais apoderam-se de Pelotas e, auxiliados pela conspiração de seus prisioneiros na capital, restauram sua autoridade em Porto Alegre, para onde o presidente se transporta e que jamais seria retomada. Depois de muitas correrias, marchas e contra-marchas, Bento Gonçalves dispôs-se a assaltar a cidade, mas foi obrigado a retirar para Viamão. E os imperiais, atacando e tomando o forte de Itapuã, acabaram com "o último domínio que a revolução exercia nas águas".

Os revolucionários sentiam-se abatidos; mas a Regência achou que devia confiar a um general o governo da província, a fim de esmagá-los de vez. Foi **mal aconselhada..**. Demitiu Araújo Ribeiro e

nomeou o marechal Elisiário de Miranda Brito. A medida trazia a justificativa acima mencionada. Verificando suas lastimáveis conseqüências, quem, como nós, conhece a ação solerte das forças ocultas é levado a crer que fosse proposital para produzir aqueles mesmos efeitos ou sugestionada com esse fito. Os legalistas cindiram-se logo em duas facções: ribeirinhas e elisiaristas. O novo presidente tomou posse a 14 de julho de 1836. O povo fez uma representação contra a desnecessária mudança e Araújo Ribeiro voltou ao poder, por ordem da Regência, a 24 do mesmo mês. Que força ou que prestígio poderiam ter autoridades assim malferidas no seu princípio vital a cada passo?

A 10 de setembro, Neto batera os imperiais de Silva Tavares no Seival; depois, foram repelidos na sua tentativa sobre Viamão. Os guerrilheiros Farrapos tomaram alento. A bravura de David Canabarro começou a brilhar nos entreveros das coxilhas (12). Renasceram as esperanças de triunfo. O fato de militarem nas fileiras do governo muitos portugueses, bem explorado e exagerado pela propaganda maçônica, despertara o patriotismo gaúcho para a epopéia. "Só havia dois caminhos a seguir nas atuais circunstâncias: a submissão, com prejuízo da liberdade, ou a separação da província, com a vitória dos princípios (?), bem como com enormes sacrifícios; que este último era o único compatível com a honra e patriotismo; que, pela sua parte, estava **(é o general Antônio Neto quem fala)** disposto a sacrificar tudo por este sentimento; que o Rio Grande do Sul, desligando-se do Brasil, formaria um Estado livre e independente sob a forma republicana (13)." Por fás ou por nefas, a verdade é que se chegava à finalidade visada da sombra pelo judaísmo-maçônico: separação e república. E "esse pensamento havia já insensivelmente penetrado o partido revolucionário inteiro (14)." Antes de tomar a grave resolução de proclamar a república, Antônio Neto mandara seu irmão José pedir auxílio a Manuel Oribe, no Uruguai (15). Assis Brasil tem razão, pois, quando diz: "Os homens são instrumentos das idéias: trabalham por elas sem saberem o conjunto dos fatos a que se dirigem..." Acrescentamos por nossa conta e risco: porque o Poder Oculto é o único que sabe a verdadeira meta que deve ser atingida pelas idéias que instila.

No dia 20 de setembro, aniversário da revolução — a tal data coincidente —, a república foi proclamada pela Câmara Municipal da vila de Jaguarão. Muitas adesões. Bento Gonçalves recebeu o título, de estilo maçônico desde Cromwell, de Chefe e Protetor da República e da Liberdade Riograndense (16). Na balaiada do partido Bemtevi, no Maranhão, o negro Cosme se intitularia Tutor e Imperador da Liberda-

de. Coincidência acidental? Ó Liberdade, de quantos tutores e protetores tens tido necessidade na tua ensangüentada história?

A posição de Bento Gonçalves em Viamão era, contudo, crítica. Pôs-se em marcha para o Jacuí. A cavalaria de Bento Manuel vigiava-lhe os movimentos. O chefe imperial tomou-lhe a dianteira nos barcos da flotilha de Grenfell e surpreendeu-o na passagem do rio. A indecisão de Bento Gonçalves fez com que se metesse na ilha do Fanfa, onde foi batido a 4 de outubro. Depois de mortífero combate a fogo e arma branca, capitulou, sendo enviado para Porto Alegre, com Onofre Pires, Zambeccari e outros chefes (17). O agente carbonário foi metido a ferros. Mais tarde, seguiram todos para o Rio de janeiro, onde os encarceraram na fortaleza de Santa Cruz. Os civis conseguiram habeas-corpus e voltaram às escondidas ao Rio Grande do Sul. Zambeccari e Bento Gonçalves estiveram também algum tempo na fortaleza da Lage. O segundo foi transferido posteriormente para a Bahia, onde os **irmãos** lhe deram escápula.

Antônio Neto não se deixou abater pelo grave revés do Fanfa e se tornou o mentor decidido do movimento, do ponto de vista militar. Diz Carlos von Koseritz que o "cérebro da revolução" era o culto e nobre Domingos José de Almeida. Neto reuniu um congresso de Piratini, o qual oficializou a República. Foram eleitos presidente Bento Gonçalves, vice-presidentes Antônio Paulino da Fontoura, José Mariano de Matos, Domingos José de Almeida e Inácio José de Oliveira Guimarães. José Gomes de Vasconcelos Jardim foi escolhido substituto efetivo do presidente prisioneiro. A Neto coube, por aclamação, o comando geral do pequeno e aguerrido exército farroupilha. Todas as autoridades prestaram juramento. Escolheram-se ministros. Copiou-se no que se pôde a organização administrativa do Império. Era no dia 6 de novembro de 1836. Estava inaugurada a República Riograndense que o Oriente de Porto Alegre, em documento público e notório, declara obra exclusiva e totalmente sua, até nas insígnias, um século depois.

Iniciava-se a longa epopéia dos centauros e das guerrilhas. Os Farrapos "apuravam paciência e valor de seus adversários por sua constante mobilidade. Possuíam abundância de cavalos, o elemento essencial para incursões e entreveros de cavalaria, quais os impunha tal gênero de campanha. Iam e vinham os soldados voluntários a seu bel prazer. Batiam-se, perseguiam ou dispersavam-se, conforme exigiam os acontecimentos e ordenavam os chefes. Reuniam-se, quando convidados por seus generais. Tais processos eram ideais no tocante à rapidez das movimentações. Nunca foram mais de seis mil

homens, ao máximo. Quase não tinham artilharia, senão a que haviam conquistado às colunas imperiais, umas vinte peças, quando muito (19)."

No começo de 1837, Feijó comete o erro grosseiro ou proposital de demitir Araújo Ribeiro, que quase tinha já toda a província sob sua autoridade. "Desesperado de ódio e perdendo todo o senso da medida, Bento Manuel bandeia-se para os rebeldes. Em 23 de março, o velho caudilho prende no passo do Tapevi o próprio presidente da província, brigadeiro Antero José Ferreira de Brito. Todos os pormenores desse feito ele mesmo nos dá nos seus ofícios de comunicação, publicados pelo Arquivo Nacional no seu volume XXXI. Em 8 de abril, Antônio Neto ocupa Caçapava. É a primeira conseqüência da defecção de Bento Manuel, que, no dia 5 de junho, destroça seu inimigo pessoal, o marechal Sebastião Barreto, no combate de Santa Bárbara. A 12 de agosto, no Triunfo, são batidos os legais de Gabriel Gomes Lisboa. Em outubro, a derrota da Vacaria (19). Os republicanos reconquistam a palmo o território.

No dia 10 de setembro, ajudado notoriamente pela maçonaria, Bento Gonçalves evade-se do forte do Mar, na Bahia, e volta ao Rio Grande do Sul, que mais se inflama de entusiasmo (20).

No panorama político da Regência, alteava-se então a figura de Bernardo de Vasconcelos. A de Feijó diminuía, sobretudo após a morte de Evaristo da Veiga, que o sustinha com todo o seu valor. O padre era maçon, mas homem de vida limpa, pobre como Job. A vida do outro não ganharia muito em ser esmiuçada. Os dois não se toleravam.

O Regente não se podia conformar em vê-lo no poder, como ministro do Império, o que queriam certas forças políticas e não sabemos se as forças de retaguarda daquelas... A 18 de setembro conferenciou com Araújo Lima, futuro marquês de Olinda, ficando resolvido que este seria nomeado ministro da Justiça e, na forma da constituição, assumiria a Regência pela renúncia de Feijó, que ia até aí para não chamar Bernardo de Vasconcelos ao ministério. A 19 de setembro, o padre resignou o cargo que vinha exercendo desde 12 de outubro de 1835. Araújo Lima o substituiu. Seria eleito definitivamente em abril do ano seguinte. Chamado ao poder, Bernardo de Vasconcelos constituiu seu gabinete com Miguel Calmon, futuro marquês de Abrantes, na pasta da fazenda; Maciel Monteiro, futuro barão de Itamaracá, na de Estrangeiros; Sebastião do Rego Barros, na da Guerra; Rodrigues Torres, futuro visconde de Itaboraí, na da Marinha (21). Foi o chamado Ministério das Capacidades, com o qual Bernardo

de Vasconcelos, vendo, como ele próprio dizia, a Liberdade comprometida pelos excessos dos facciosos, que brotavam como tortulhos por todo o país, se tornava regressista ou retrógrado para salvar essa mesma Liberdade, sempre, desde que nasceu, carecida de defensores, tutores, protetores e salvadores...

Nascia no maremagno de confusões da Regência o Partido Conservador, da fusão dos liberais-moderados com os antigos restauradores ou reacionários. Criava-se um grande fator de equilíbrio político na vida até então tumultuosa da Nação. O grande serviço dessa criação foi o estabelecimento definitivo da ordem, mais tarde.

A proclamação do novo Regente, em outubro, concitando os brasileiros à concórdia, morreu sem repercussão prática no entrechoque dos motins. Riram-se naturalmente dela nos conciliábulos das lojas, entre as duas colunas salomônicas. O sangue brasileiro continuou a ser derramado nas imolações da guerra civil. Derrotas e reveses estéreis para ambos os lados. A 25 de fevereiro de 1838, os rebeldes são derrotados no combate de São Gonçalo (22). Se os Farrapos contam com o prestígio de Bento Gonçalves, o valor de Neto, a consumada mestria caudilhesca de Bento Manuel, "a eminência moral de João Antônio e a bravura inexcedível de Jacinto Guedes", como diz Canabarro Reichardt, do lado do Império se altanam também grandes figuras e, entre elas, o famigerado Moringue, Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, em quem como que se encarnara o espírito de Pinto Bandeira e de Chagas Santos. Era, então, major. Bate os revoltosos onde os encontra: no arroio Pitim, a 1º de setembro; em Santo Amaro, a 19 de novembro. No dia 22, entrara na vila do Rio Pardo e a 24 vencera o próprio Bento Gonçalves no passo do Vigário. No combate, morreu o oficial de marinha e carbonário Rossetti, amigo do peito de Garibaldi, enviado dos poderes ocultos internacionais (23).

As revoluções que se concentram morrem devoradas no próprio fogo. Toda revolução precisa alastrar, expandir-se para viver. Os farroupilhas sentiram instintivamente essa necessidade em 1839. Inicia-se o ano pela transferência da capital republicana, de Piratini para Caçapava (24). Depois, procuram avançar para o corpo do Império, quer tentando a união com outras províncias, como documenta Souza Docca em trabalho especial, quer transpondo em armas a fronteira de Santa Catarina.

O poder central dera uma "prova de fraqueza", diz Calógeras, que muito contribuira para as tentativas de alastramento revolucionário, oferecendo anistia a 1º de janeiro de 1839. Repetia as promessas

de 1835 e 1836. Em julho, os rebeldes se apresentam na velha cidade da Laguna, por mar e por terra. Já existem os **farroupilhas do mar,** como na revolução holandesa do século XVI. A bandeira revolucionária, diferente da tricolor gaúcha de Zambeccari, amarela e branca, fôra levantada no dia 1º de março, na vila de Lages, onde Aranha e Serafim Muniz haviam soltado o grito de Independência e Federação

Manuel Lucas de Oliveira

ao Rio Grande do Sul. Os dois chefes comunicaram-se logo com David Canabarro, que sitiava Porto Alegre (25).

A esquadrilha republicana que se mostrava na Laguna sob o comando de Garibaldi fugira **por terra** da Lagoa dos Patos, onde ficaria bloqueada pela Armada Imperial. Dois barcos de coberta, o "Farroupilha" e o "Seival", construídos às ocultas no rio Camaquã, foram arrastados mais de sete léguas por juntas de bois até flutuarem

no Tramandaí, pelo qual desceram para o oceano na tarde de 13 de julho de 1839 (26). No dia 22, Laguna foi conquistada. Aí Garibaldi conheceu e amou Anita, que haveria de ser a sua dedicada companheira de toda a vida. No dia 24, proclamou-se solenemente a Repú-

David Canabarro

blica Catarinense, dando-se à velha povoaçao bandeirante o nome de Cidade Juliana (27). República tão efêmera quanto aquelas que o maçonismo da Revolução Francesa semeou na Europa com nomes pomposos, do mesmo sabor clássico do que fôra dado à fundação dos Brito Peixoto: Bátava, Partenopéia, Transalpina. No correr do ano, porém, Soares de Andréia, vencedor dos cabanos, limparia de rebel-

des o interior da província e, em novembro, Frederico Mariath, seu companheiro naquela luta, restauraria a autoridade imperial na ex-Cidade Juliana. Mariath destroçou completamente a esquadrilha garibaldina com suas tripulações italianas (28).

Os combates no sul prosseguiram durante todo o ano. Um cruzeiro de Garibaldi, feito corsário, nas costas de São Paulo, no qual fez algumas presas, redundou, afinal, em lamentável desastre. Perseguido pela corveta "Regeneração" e, depois, por outros barcos de guerra, embora pequenos, abandonou ou queimou as presas para escapar. Enquanto isso, a cavalaria do Moringue batia os revoltosos no arroio dos Ratos (29). Para compensar, a 14 de dezembro, os legais foram vencidos em Santa Vitória.

Sem navios, Garibaldi comanda a infantaria das tropas que, em 1840, teimam em manter na região fronteiriça das províncias limítrofes a República Catarinense. Recuam, desfeitas no combate de Curitibanos ou da Forquilha. O Moringue, ora ajudado pelo bravo Andrade Neves, futuro barão do Triunfo, ora sozinho, é o herói do ano. Em janeiro, destroça os Farrapos na Sanga da Bananeira; em junho, na estância do Salgado; em agosto, no Capivari; em setembro, na Roça Velha; em dezembro, hostiliza a retaguarda de Bento Gonçalves, que retira de Viamão (30). Tudo isso, apesar da quase inércia do governo provincial, dividido inábil ou **propositalmente** pela Regência entre o presidente civil e o comandante das armas. Andam ambos às turras. A Regência não queria o comando único, mais capaz de agir.

No dia 3 de maio, o marechal Manuel Jorge Rodrigues, que defendera no começo do século, heroicamente, a Colônia do Sacramento, que estivera na cabanada do Grão-Pará, derrotou o exército republicano, comandado em pessoa por Bento Gonçalves, na batalha de Taquari, o que lhe deu mais tarde o título de barão desse nome. Em julho, São Gabriel foi tomada pelos imperiais. Em outubro, os rebeldes de Portinho são varridos por Taborda no rio Canoas, em Santa Catarina. Em dezembro, o presidente Alvares Machado rompe as negociações de paz que se entabulavam, taivez envaidecido pelos triunfos, talvez em obediência às insídias das lojas. Isto foi no dia sete. A 21, Jacintho Guedes esmagava uma força legal na estância de São José (31).

Começa a desarticulação dos Farrapos. Estouram dissensões intimas. O vice-presidente Foutoura inimiza-se com Bento Gonçalves, em 1841, segundo revela uma carta deste a Manuel Lucas de Oliveira (32). Apela-se, com mais anseio, oficialmente, para o auxílio estrangeiro. A 5 de julho, assina-se a Convenção de Auxílio Mútuo entre

Bento Gonçalves e Frutuoso Rivera, então na presidência do Uruguai. Quando, em 28 de outubro de 1841, o Moringue surpreende a vila de São Gabriel, ali encontra grande cópia de armamento e munições enviada pelo governo oriental. À tomada de São Gabriel, segue-se a derrota do Capão Bonito, a 25 de novembro. Sempre o Moringue! Novo apelo mais desesperado ao Uruguai, do qual resulta a Convenção Secreta de Bento Gonçalves com Rivera, datada de 28 de dezembro (33).

Desde julho de 1839, Bento Manuel se arredara da atividade militar. Metera-se nas encolhas. Em 1840, escrevia ao presidente da província, "propondo-se a abandonar as fileiras rebeldes a troco de anistia para si e para mais alguns amigos e parentes, ficando toda a negociação em segredo (34)." O general Soares de Andréa, que presidia já o Rio Grande, deferiu-lhe o pedido. Os Farrapos tinham perdido um trunfo.

Cerca de quatro anos mais durará a agonia da revolução, como veremos no volume seguinte desta história. Aqui somente podemos chegar até a restauração da autoridade imperial com a maioridade de D. Pedro II. Mas já os heróis farroupilhas, famintos e perseguidos, parecem "mais Farrapos do que nunca" (35). Pouco e pouco, por isto ou por aquilo, os chefes vão desaparecendo do proscênio e o comando supremo das guerrilhas, que ainda teimam, irá parar às mãos do bravo e resignado David Canabarro. Assim mesmo, andaram a negacear-lhe a confirmação do generalato — declara um historiador rio-grandense (36). Deram-lhe a chefia, quando a revolução era um **rabo de foguete,** conclui. Que acabasse na sua mão! Restou-lhe o calvário. Soube ser digno do sacrifício. Até o fim!

Antônio Vicente da Fontoura, "cronista lúcido, íntegro e sóbrio da agonia da república", segundo a expressão de J. Pinto da Silva, escreveu no seu "Diário", que começa a 1- de janeiro de 1844, estas palavras: "Que parecidos que são estes nossos doidos com os doidos governantes do Brasil! Diabos! Assim fazem correr jorros de sangue brasileiro!" Sim, parecem todos doidos, os homens da Regência e os homens da Revolução nesse duelo atroz, mesclado de heroísmos, sacrifícios e barbaridades inúteis, que durou dez anos! Doidos, porque os endoidecera quem, por trás da maçonaria, endoidecia a ela própria, endoidecendo os povos com utopias e miragens, no sortilégio da falsa liberdade. Não esqueçamos um instante, sob o esvoaçar de flâmulas e bandeiras da epopéia dos centauros sacrificados, aquela MÃO OCULTA a que se refere Alfredo Varela. Era a de Mauá, que se ligava ao **sansimoniano e messiânico** Carruthers, representante da

casa bancária anglo-judaica-portuguesa de Manchester, com influência de tomo sobre os políticos brasileiros. Vimos isso clara, insofismável, **documentadamente.** Respondam-nos agora: quem deveria naturalmente se achar na sombra, por trás da casa bancária?

Pobres Farrapos, mais farrapos do que nunca! Se tivessem despendido tantas energias, se tivessem dedicado tanta constância e tanto valor, se tivessem consumado tantos e tão nobres sacrifícios, se tivessem praticado tantos heroísmos em prol da verdadeira grandeza do Rio Grande do Sul unido à grandeza Imperial do Brasil, que impulso de progresso e de civilização não teriam dado à nossa pátria comum! Malbaratando todo esse maravilhoso esforço numa horrenda guerra civil, iludidos pelo Poder Oculto, fizeram o seu eterno jogo: enfraquecimento e morte das sociedades cristãs.

Lamentemos o seu desvario, mas celebremos a sua glória ganha nas refregas, paga pelo seu sangue e pela sua dor!

Capítulo III

A REPÚBLICA QUE NASCEU MORTA

Federalismo, separatismo e república eram as idéias assopradas do fundo das lojas para enfraquecer e fragmentar o Brasil, aproveitando as debilidades e cumplicidades da Regência. A obra se realizava no Norte pelos cabanos; no Sul pelos Farrapos. O Centro, a Bahia, ia também entrar na dança trágica. Ali, a plebe, insuflada pelos mutinos, festejava publicamente, nas barbas das autoridades, as vitórias farroupilhas, e as eternas Sociedades, os eternos Clubes políticos fomentavam idéias de separação. Criava-se um clima de simpatia evidente pelo separatismo republicano (1). Na formação desse ambiente, punha-se em relevo a figura do dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, que escrevia artigos inflamados no "O Investigador", em oposição à Regência. Diz Spencer Vampré, naturalmente bom conhecedor dos segredos da Faculdade de Direito de São Paulo, cuja história minuciosa traçou em dois alentados volumes; que ele era insuflado pelos Andradas e tinha a assessorá-lo Teixeira de Freitas, moço de 21 anos, vindo da Paulicéia, decerto iniciado na Burschenchaft ou Bucha, e já processado pela justiça paulista como réu ausente (2).

Na verdade, parece que a missão de que se incumbira o dr. Sabino na Bahia fôra encomendada por um poder mais alto... Sacramento Blake, defendendo-o, mais tarde, de todas as inculpações que lhe faziam, rasga uma pontinha do véu do mistério, embora deixe entrever que sabia mais do que de público podia dizer. Procura mostrar que os horrores praticados na cidade do Salvador não tinham sido ordenados por ele e sim obra das forças legalistas. Afirma que não fôra autor da revolução, "iniciada e resolvida por altos estadistas da Corte, como um meio de oposição à Regência." Ele não fizera mais do que se entusiasmar com exagero pelo ideal. E conclui que se ralara de desgostos no abandono e no exílio, porque tinham receio de que, livre na Corte ou na Bahia, trouxesse a público certas verdades... arrancasse certas máscaras... (3)."

A maçonaria dominava a política nacional e fazia dos homens de Estado joguetes de seus planos secretos. O panorama foi pintado com muita propriedade por Francisco de Souza Paraíso, o presidente expulso pelos rebeldes: "Homens insensatos, sem lei, sem consciência, sem pejo, sem temor de Deus e de seus semelhantes, levados unicamente de desmarcada ambição e desejos de fazer fortuna, com os nomes sagrados de Pátria e Liberdade na boca, têm conseguido chamar a si massas de pessoas ignorantes e díscolas para acenderem o facho da anarquia, que, qual venenosa hidra, tem erguido o colo para assolar o país em que por desgraça viram a luz. O resultado de suas falazes promessas é patente a todos os olhos: misérias, ruínas, mortes, roubos, incêndios atrozes, pobreza, viuzes e orfandade, eis a bela obra do falso patriotismo de que tanto blasonam (4)."

Era sob a Regência de Araújo Lima, que sucedera a Feijó. Presidia a província o dr. Francisco de Souza Paraíso, homem bom, mas fraco, cuja prudência seria facilmente iludida pela traição, sobretudo da parte dos militares em quem confiava (5). "Bem críticos iam os tempos, reinavam a efervescência e a agitação, hasteava o pendão da revolta a província do Rio Grande do Sul, e as demais províncias, desgostosas, sem fé no presente, sem esperanças no futuro, minadas pela descrença, apresentavam assustadores sintomas e tendências de separação (6)." Panfletos e pequeninos jornais virulentos espalhavam idéias de turbulência, empeçonhavam os espíritos. Corriam vozes malévolas de que havia a intenção de separar a Bahia do Império **até** a aclamação da maioridade do Imperador; "Mas, ao depois, tirando a máscara com que aliciavam adeptos, declaram-na Estado Livre e Inidependente, sob a forma republicana (7)." Plano de absoluto acordo com as linhas gerais dos "Protocolos dos Sábios de Sião", o que demonstra a eterna conspiração judaico-maçônica contra o mundo. Basta ler essa obra infernal para se dar conta disso. As diretivas atuais do Komintem, emanadas da mesma fonte espiritual judaica, preconizam os mesmos engodos e as mesmas etapas, através do falso liberalismo, para ir iludindo os incautos.

Um dos fins — talvez o principal do movimento baiano, que tomou o nome de Sabinada, era distrair para outro foco republicano-separatista as forças destinadas a abafar a revolução farroupilha (8). Essa, então, de acordo com o plano carbonario, terminaria seu ciclo à sombra da anemia do poder central a braços com explosões revolucionárias por todos os lados e de todos os feitios. Era a desagregação completa do Império Brasileiro. Não se esqueça que, em setembro, as forças secretas haviam dado fuga a Bento Gonçalves do forte do Mar.

As ligações da Sabinada com os Farrapos são claras. Seus próceres que conseguiram fugir foram servir no Sul, nas hostes dos centauros rebeldes. A 2 de novembro, quatro dias antes da insurreição, o chefe de polícia da Bahia oficiava ao ministro da Justiça, comunicando-lhe as suas apreensões e dizendo "que existia um plano de revolta, até mesmo de separação da província... formado por muitos indivíduos, cujos nomes me foram revelados, e talvez deixado por Bento Gonçalves, manejado hoje por quem lhe deu a fuga (9)."

A Sabinada estalou na noite de 6 de novembro de 1837. Desde muitos dias, o presidente Paraíso estava avisado de que se tramava um movimento nos clubes políticos que infestavam a capital. Ele mesmo o confessava na sua "Exposição" (10). No dia 7, pelas dez horas da manhã, com grande ajuntamento de povo, proclamava-se a República Baiana na Câmara Municipal e logo, por motivo da presidência da mesma, começava a discórdia entre seus partidários, causando abstenções e até deserções. O presidente legal da província, sem forças para se opor ao feito, visto como a tropa se passara para os conspiradores, refugiou-se a bordo de uma fragata e partiu para a Corte. No tempo da Regência, as fragatas eram a salvação dos pobres presidentes das províncias conflagradas uma após outra. A guamição do forte de São Pedro apoiava incondicionalmente os sediciosos. Comandava a soldadesca insurgida o tenente-coronel Pinto Garcez(11).

A proclamação da república obedecia ao plano de etapas judaico-maçônico que o comunismo prossegue através das frentes populares e ligas anti-guerreiras ou anti-fascistas. Será **até a maioridade,** uma república provisória — para não espantar... Foi aclamado seu presidente Inocêncio da Rocha Galvão, que pertencia à maçonaria internacional e andava pelos Estados Unidos, não se sabe bem fazendo o que. É demasiado curiosa essa escolha, para o primeiro posto do novo Estado segregado do Brasil, de um ausente que não tomara parte nas conjuras. Nenhum historiador se deteve até hoje nessa curiosidade. Contam o fato todos como coisa natural, quando nada tem de natural. Que influência esquisita era essa que se processava através de tão grande distância?! Aclamou-se também o vice-presidente que o deveria substituir e isso motivou a divergência: o velho ricaço João Carneiro da Silva Rego. Escolheu-se o dr. Sabino para secretário do novo governo. Nomeou-se o major Veloso comandante das armas (12). Criou-se também um Corpo de Voluntários Leais à Pátria.

O movimento não se pôde ramificar. Teria de morrer rapidamente no próprio foco de sua eclosão. Nem ao menos conseguiu atingir a ilha de Itaparica, posição estratégica quase indispensável à defesa da capital. Os rebeldes tinham inteligências ali e contavam com a adesão do tenente-coronel Francisco Xavier de Barros Galvão, que lá residia. Ele tentou o golpe, mas encontrou reação imediata e nada pôde fazer. Julgando que os havia traído, os insurgentes de São Salvador enviaram uma expedição à ilha, que foi repelida pelos guardas nacionais e paisanos em armas, comandados pelo coronel Antônio de Souza Lima, no dia 18 de novembro (13).

As cidades de Cachoeira e Santo Amaro tornaram-se bases da resistência legal. Para lá se retiraram, na grande maioria, os empregados públicos. A população sensata condenou a desarrazoada revolta. O próprio comércio fechou as portas. Entocada, assim, a burguesia, como se diz na gíria comunista de nossos dias, divertiu-se o governo do novo Estado Independente maçônico-bucheiro a mandar apagar, por decreto, de todos os monumentos públicos as datas da história pátria que neles figuravam (14). Pela mão dos inconscientes, ojudaísmo-maçônico tentava, assim, a destruição das tradições nacionais.

A Câmara Municipal de Santo Amaro aclamou presidente da província o desembargador Honorato José de Barros Paiva. Reuniamse no histórico Pirajá os contingentes da Guarda Nacional do Recôncavo, os índios mansos da Pedra Branca e os voluntários cachoeirenses, sob o comando de um veterano da guerra da Independência, Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, barão de Cajaíba, auxiliado por Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, visconde da Torre de Garcia d'Ávila (15)".

Dias após dia, o núcleo de forças do Pirajá aumentava, enquanto os sabinos, circunscritos à cidade do Salvador, se viam obrigados a preparar trincheiras, a fim de oferecer resistência ao ataque iminente. O presidente de Sergipe, convidado a abraçar a causa republicana, recusara. O de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, enviou uma coluna de reforço aos legais, sob o comando de José Joaquim Coelho, composta de bravos soldados que receberam o título de Libertadores.

Antes de chegar a notícia da revolta ao Rio de Janeiro com as tardas comunicações da época, a Regência nomeara presidente da Bahia Antônio Pereira Barreto Pedroso, que tomou posse na Cachoeira e logo providenciou para o bloqueio da capital, que alguns navios de guerra tornaram efetivo (16). Evidenciou-se mais uma vez o grande papel da Marinha Brasileira como fator da unidade nacional. Na caba-

nada e na revolução farroupilha, o bloqueio que estabeleceu, circunscrevendo a ação dos rebeldes, em muito decidiu da vitória final das armas imperiais.

O juiz Antônio Simões da Silva, convidado pelo governo republicano a assumir a chefia de polícia, conferenciou com alguns amigos que lhe aconselharam aceitasse o posto para fazer uma contra-revolução. A gente que tinha o que perder temia a anarquia que se anunciava. Assim procedeu o juiz e, à frente do corpo policial, marchou a reunir-se aos legalistas do Pirajá (17).

Os revolucionários estrebuchavam no estreito âmbito em que haviam sido confinados. Retiraram quinhentas espingardas **que estavam na** alfândega. Munições não lhes faltavam e estava a chegar maior quantidade. Fornecimento judaico. Resolveram uma sortida no dia 28 de novembro, mas foram repelidos pelos imperiais e recolheram aos seus entrincheiramentos. Um documento judeu e curioso revela um pouco o que se passava no seu seio. Em 1864, o israelita-inglês Isaac Amzalak, negociante na Bahia, publicava pequeno "Memorial", que a nossa Biblioteca Nacional conserva, o qual começa com este período em que se misturam a prosápia, a falsa modéstia e a defesa do sórdido interesse monetário: "Não que tenha em mira apregoar um mérito que não possuo, nem que pretenda por vã ostentação alegar serviços prestados ao país, se bem que em sacrifício de minha própria existência: bem longe de querer eivar-me de insensato vitupério, que abomino, meu fim único e especial nesta singela e tosca narração de minha vida passada durante a época da guerra da Sabinada, é fazer sentir que, se não tinha por meus atos direito algum a uma recompensa vantajosa, qualquer que ela fosse, ao menos, presumo, me fazia credor de ser atendido em uma justa reclamação do governo da Inglaterra ao do Brasil em benefício meu, na qualidade de súdito inglês que sou, solicitando a indenização dos prejuízos que sofri naquela época, avaliados em 5.594 libras esterlinas (18)." Apesar do apoio do governo inglês, tendo a Sabinada ocorrido entre novembro de 1837 e março de 1838, em 1864, vinte e seis anos depois, como se vê da própria publicação, o Governo Imperial não se resolvera a dar ao judeu **que prestara serviços até com sacrifício da sua existência,** como vai dizendo quem lhe gatafunhou o aranzel, os cinco milhares e meio de libras que pretendia e reclamava. Com certeza, durante duas décadas e pico, não houvera meios de provar claramente a procedência do pedido.

Por que essa indenização?

O judeu conta as coisas a seu modo. Não quisera vender aos republicanos o brigue sardo "Pinguen", que lhe estava consignado e que, antes, andara anunciando por trinta contos, porque, afirma, **era leal ao Império.** Então, os rebeldes intentaram enchê-lo de armas às escondidas, para acusá-lo de contrabando de guerra e puni-lo. Confessa que tinha **muitos** amigos e vê-se pelo seu próprio testemunho que **dos dois lados.** Um desses amigos, oficial da República, fôra quem lhe revelara o plano. Conseguira despachar o brigue, que fôra, não diz como, parar no meio dos imperiais que ocupavam Itaparica. Acusado por isso de traidor à causa republicana, foi salvo graças à intervenção de **outros amigos.**..

Vá lá alguém de juízo perfeito acreditar nesse conto da Carochinha! Então, os revolucionários que andavam à cata de armas iriam esconder armamento num brigue que podia se escafeder como se escafedeu? E, se estavam com o poder na mão, não poderiam requisitar o brigue ou apoderar-se dele, como se apoderaram da cidade?

Houve ainda o caso do brigue-escuna inglês "Elisabeth", vindo de Gibraltar com carga para o judeu Amzalak, súdito britânico. Trazia cento e cinqüenta quintais de chumbo. Era chumbo para muita bala! O brigue, também não diz por que, acostou à fragata "Príncipe Imperial" e passou-lhe a pesada carga, que o governo regencial não encomendara... Então, o israelita acaba por uma história de enternecer: havia fome na cidade investida por mar e terra; à noite, ele ia buscar víveres às escondidas **para distribuí-los com os mendigos e famintos** (19). Onde achava esses víveres? Para nós, ainda não nasceu o judeu capaz de tamanha caridade em tempo de guerra para com os pobres **goyim.** O fato glorioso e único deve ser assinalado no imenso rol dos benefícios prestados pelo judaísmo ao Brasil. Tomem a devida nota dele os panegiristas Solidônio Leite Filho e Isaque Izeckson...

A verdade verdadeira, como diria o falecido judeu Barbusse, é que as coisas estavam desde o começo visivelmente mal paradas para a morti-nata República da Bahia. Os ratos, conforme o secular costume, abandonavam o navio em perigo. O judeu que lhe prometera fornecer o brigue e o chumbo, sentindo a causa perdida e que não seria pago nem pelos vencidos, nem pelos vencedores, arrepiou carreira, mandou o barco sardo para Itaparica e entregou o chumbo à esquadra do Império para com ele matar os amigos da véspera; mas ele tinha, como todos os judeus, amigos **dos dois lados... Amigos?** É lá o seu modo de dizer... Restava-lhe com o procedimento que adotou a esperança de receber os cobres, com lucro, do Governo Imperial, escudado no governo da liberal Inglaterra... Isaac Amzalak,

cidadão da livre Albion, **civis romanus sum,** para os efeitos de abocanhar do nosso erário sempre tísico cinco mil e quinhentas e tantas libras, poderia ter contado muita coisa interessante sobre os fornecimentos judaicos à Sabinada, se não fosse, com toda a certeza, devoto da Divindade do Mistério e crente da Religião do Segredo e sócio da Mão Oculta...

Para que, com antecedência ao estouro da rebeldia, mandara buscar tanto chumbo?...

O bloqueio asfixiante só podia ser combatido ou violado por navios ligeiros e armados. Daí o empenho da República Sabina em conseguir o "Pinguen". Afinal, arranjou o brigue-escuna "Trovão", cujo comando foi entregue a um tal Malhado, que pelo nome não se perca e se bandeou para os imperiais. Outro rato em fuga do barco desarvorado. Reinou o desespero entre os sabinos e esse desespero os levou às maiores violências contra pessoas e propriedades: prisões, castigos bárbaros, confiscos e incêndios (20). Queimaram a casa do pobrezinho do Amzalak! Tudo isso se pode verificar nos depoimentos do processo da Sabinada, existente na Biblioteca Nacional. Dos referidos autos se vê, sem a menor sombra de dúvida, que a revolta foi separatista. Aliás, o advogado ou advogados que procuraram perante o Supremo Tribunal defender os militares implicados no movimento reconhecem a sua culpa como separatistas e republicanos, reclamando somente para eles, ao invés do foro civil, o foro militar, de acordo, dizem, com a hermenêutica e com a praxe em casos análogos (21).

Até fevereiro de 1838, os rebeldes permaneceram entocados na capital. No dia 21 desse mês, chegou do Rio de Janeiro e tomou posse do comando chefe do Exército Restaurador dos imperiais o marechal de campo João Crisóstomo Calado, veterano das campanhas do Sul, coberto de louros na resistência homérica do seu quadrado de caçadores na batalha do Passo do Rosário. Apertou mais o sítio. O presidente insistia por um ataque breve e definitivo. O general ia deferindo-o com o sentido de poupar o sangue brasileiro que demasiado se derramava por todo o país naquela época sombria. Queria enfraquecer os contrários para encontrar de sua parte menor resistência. No dia 6 de março, tomaram-se as trincheiras avançadas de Campina. No dia 13, iniciou-se o assalto geral. Engajaram-no os Libertadores pernambucanos, que o foram levando por diante com ardor insopitável. Os republicanos, faça-se-lhes justiça, resistiram como bravos. Conquistou-se trincheira a trincheira, casa a casa, durante os dias 14 e 15. A 16, os derradeiros defensores estavam

encurralados nos fortes de São Pedro e do Mar. Renderam-se. Eram 2.890 homens. 1.091 cadáveres de brasileiros juncavam as ruas! Entre os chefes aprisionados, o médico de sangue judeu Alexandre Gaulette. O dr. Sabino foi encontrado oculto no vice-consulado da França. As ruínas de cento e sessenta prédios queimados enegreciam a cidade (22).

Contam os jornais da época que: "quando Sabino viu do Passeio Público que os imperialistas estavam vitoriosos, deu ordem ao chefe de polícia Matos que lançasse fogo à cidade (23)." Os jornais de 1838 mentiam muito menos que os de 1937 e os sabinos eram useiros e vezeiros no incêndio de prédios. Que o diga **seu amigo,** o pobrezinho Isaac Amzalak, choramingando em pós as cinco mil e quinhentas e tantas louras esterlinas que o governo de Sua Majestade Britânica reclamava do Governo Imperial para o seu leal súdito!... Mas não esposemos a acusação neroniana, contra a qual se indigna Sacramento Blake. Custa a crer que o emissário da Bucha paulista, o maçonismo dos politicões que lhe encomendaram o triste feito e o convívio nos ritos das sociedades secretas lhe tivessem embotado a tal ponto todo sentimento de amor e respeito ao torrão natal. É verdade, porém, que até as inocentes datas da gloriosa história baiana haviam sido apagadas dos monumentos públicos...

O governo inglês solicitava pelos seus representantes diplomáticos que o Brasil pagasse o brigue, o chumbo e a casa incendiada do **caridoso** judeu Isaac Amzalak. Onde os representantes diplomáticos do Brasil para reclamarem da maçonaria internacional ou do Kahal, seu amo e senhor, o **Wehrgeld,** a **compensatio,** o preço do sangue daqueles 1.091 pobres sabinos anônimos e iludidos, mortos em combate, e o dos soldados do Império tombados em defesa da ordem legal? Em que dia soará a hora trágica e libertadora do grande ajuste de contas do Mundo Cristão com Israel?...

Por sentença do juiz Vítor de Oliveira, o Tribunal do Júri da Bahia condenou o dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, maior responsável pela revolução, cabeça do motim, a esta ridícula pena: um ano de prisão e multa correspondente à metade do tempo (24).

Em 16 de março de 1838, escreve Rio Branco nas suas Efemérides", "termina a Sabinada, pois de manhã capitulou a última fortaleza que ainda estava em poder dos revoltosos. O presidente da província, Barreto Pedroso, dirige às tropas legais e aos habitantes da Bahia uma eloquente proclamação a propósito do auspicioso fato (25)." É a data geralmente aceita. Mas Joaquim Pires Machado Portela se insur-

ge contra essa aceitação e documenta a restauração da capital baiana, definitivamente, no dia 17 (26).

Que importa um dia mais, um dia menos na curta idade de uma República sem pé nem cabeça, que nasceu morta?... As obras da maçonaria judaica têm duração efêmera. Ela combate a Igreja. Pois a Igreja viverá até a consumação dos séculos e se prolongará na Eternidade!

Capítulo IV

O REINO ENCANTADO DO DIABO

Satanás não andou solto unicamente na Paulicéia. No tempo da Regência, sua ação se estendeu aos sertões nordestinos, numa região em que a mão da natureza erguera, por estranha e curiosa coincidência, duas altas colunas de pedra, que pareciam as de uma colossal loja maçônica em campo raso...

Estudemos documentadamente o fantástico acontecimento.

A anarquia maçônica que dominava as capitais litorâneas alastrara pelos sertões, fomentando rebeldias reacionárias, comunistas ou de caráter místico. No sertão pernambucano, em 1835, lavrava a desordem. Grupos rivais hostilizavam-se, "não se respeitava rei nem roque, o bacamarte funcionava como lei (1)." O bispo de Olinda, querendo ajudar o governo provincial de Pernambuco a acabar com aquele estado de coisas, mandou para ali, como vigário interino, um velho e virtuosíssimo sacerdote, o padre Francisco José Correa de Albuquerque, conhecido pelo êxito de suas missões entre as populações sertanejas. Ele conseguiu, depois de árduos esforços, impor a paz aos fomentadores de dissídios e distúrbios (2).

A paz não foi, porém, duradoura. Um ano após, em 1836, um surto de fanatismo verdadeiramente satânico viria perturbá-la de vez. "O Espírito das Trevas — diz um historiador que estudou o caso — tem suas coerências no implacável propósito de perder a humanidade, servindo-se às vezes de instrumentos ou meios à primeira vista insignificantes e desprezíveis (3)."

"Perto de Vila Bela, existia um cenário apropriado à tragédia que se ia desenrolar. Do solo áspero do sertão surgem ali duas altas agulhas de pedra, afeiçoadas pela mão da natureza, semelhando dois minaretes, de mais de trinta metros de altura. Uma delas, coberta de rnica faulhante, recebeu o nome de Pedra Bonita. Entre as duas, um corredor arejado e claro. Ao pé de uma, larga alfurja formada por três grandes lajes que se apoiam no colossal menir. Depois, um amontoa-

do de rochas com um terraço em cima. Do outro lado, uma laje baixa, lembrando um altar. Mais distante, vasta caverna de capacidade para duzentas pessoas. Em volta, catolezeiros gementes e cardeiros de toda a espécie (4)."

No começo do ano de 1836, apareceu nessa região um mameluco velhaco e manhoso e que se não sabia de onde vinha nem que mandado trazia, João Antônio dos Santos. Constava ter vindo do Catolé do Rocha, na Paraíba. Mostrava secretamente aos incautos e incultos habitantes daquelas brenhas umas pedrinhas claras e luminosas, que afirmava serem brilhantes de uma mina oculta que descobrira. Lia também trechos em verso de velho folheto sebastianista, no qual se contava que o soberano desaparecido nos torvelinhos de Alcácer Quebir ressuscitaria, quando se lavassem com sangue humano aquelas pedras erguidas no campo e:

"Quando João se casasse com Maria
aquele reino se desencantaria..."

Tudo isso era levado por diante com a maior sagacidade e dissimulação (5).

Para realizar o que profetizava e que seria, com o desencanto do Reino Sebastianista, a transformação da furna e dos dois obeliscos em suntuosa catedral, onde se encontraria um tesouro que enriqueceria a todos quantos houvessem contribuído para a obra, casou com uma rapariga chamada Maria e começou a obter dos moradores da redondeza dinheiro e gado, os quais lhes seriam devolvidos no dobro e no triplo por El Rei D. Sebastião...

"Lentamente se foi espalhando a história urdida pelo esperto mestiço. Primeiramente, acreditaram nela seu pai, irmãos, tios e primos; depois, os criadores e moradores do termo; por fim, as gentes das ribeiras mais distantes. Uns aceitavam a coisa por mera ignorância ou simplicidade, outros por avidez, seduzidos pela promessa da mina de diamantes, e alguns porque viam no movimento ensanchas de satisfazer instintos, vinganças, apetites e ambições (6)."

Afluía gente para aquele local misterioso. A pedra chata começou a servir de altar. O terraço passou a ser o púlpito ou tribuna de onde arengava o sagaz mameluco. A caverna grande se chamou Casa Santa e era abrigo dos fanáticos. A pequena, o santuário.

Quem primeiro se ocupou desse caso assombroso, até hoje mal estudado no seu fundo de mistério, foi o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, em meados do século passado. Já ao findar o centenário,

o dr. Antonio Atico Leite publicou a respeito pequeno livro em Juiz de Fora. Como prefácio, traz uma carta daquele conselheiro a monsenhor Pinto de Campos, biógrafo do duque de Caxias, em que explica alguma coisa: "No acontecimento da Pedra Bonita não operou somente o fanatismo religioso; ali transparece também o pensamento socialista."

Estas palavras, partindo de um homem eminente e que estudou o assunto como o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, profundo conhecedor dos problemas do Nordeste, dão o que pensar. Ele acrescenta: "No horrível drama da Pedra Bonita, revela-se claramente o proletarismo, que se ergue contra o trabalho e a riqueza, bases das sociedades civilizadas, e fundamento da grandeza dos povos." E conclui: "Idéias errôneas apoderam-se de classes, a quem a indolência ou o vício dominam; e daí o pensamento que leva o homem a desconhecer que a propriedade se estende e se centuplica com o trabalho; e a acreditar que, com a destruição dos proprietários, diminuirá o número dos monopolizadores da fortuna, com cujo quinhão o proletário então já conta, prelibando as doçuras da riqueza e ensaiando as forças do poder, que ela dá (7)."

Tais idéias foram assopradas em todas as rebeldias campônias do mundo: jaqueria, albigenses, bogomilios, transilvanos, balaios, cabanos, vilões de Maria da Fonte, etc. E sempre no meio delas surgiu um Hoja ou um João Antonio, vindos da sombra, do mistério.

O auditório às práticas do mameluco aumentava todos os dias. Seu próprio pai, Gonçalo José dos Santos, seu irmão, Pedro Antônio, seus tios e parentes, José Joaquim, Manuel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José Maria Juca e João Pilé, serviam-lhe de acólitos e apóstolos, espalhando o novo credo. Vinha para ali gente do Piancó, dos Inhamuns, do Cariri, do Riacho do Navio e das duas margens do São Francisco.

As pessoas de certa ordem, alarmadas com aquelas reuniões e com as teorias nelas pregadas, reclamaram nova missão do padre Correa de Albuquerque. O ancião veio e aboletou-se na fazenda Cachoeira, nas cercanias da Pedra Bonita. Mandou chamar João Antônio dos Santos à sua presença. Este compareceu e, depois de ouvir o padre, confessou publicamente os embustes de que lançava mão, entregou-lhe as pedrinhas brilhantes e prometeu abandonar aquele rincão, o que fez, seguindo para o rio do Peixe e, depois, para os Inhamuns (8). Anos mais tarde, seria preso já no interior de Minas Gerais (9).

A falta do chefe não matou o movimento. Mal o missionário deu as costas, João Ferreira, cunhado de João Antônio dos Santos, proclamou-se rei do Reino Encantado, em seu lugar. Usava o título de Rei-Santidade. Manuel Vieira passou a acolitá-lo com o nome de frei Simão. As práticas e arengas prosseguiram e mais numeroso se tornou o agrupamento de desocupados na Pedra Bonita. O rei usava uma coroa de cipó na cabeça e, depois de falar à massa, do alto do terraço, se punha a cantar e a pular como um energúmeno. Logo após, iam todos, entoando cânticos, para a Casa Santa beber o Vinho Encantado, composição de jurema e manacá com que se embriagavam até cair. Ali se realizavam os casamentos, que "eram por demais ligeiros e simples. Presentes os noivos, testemunhas e espectadores, o intitulado frei Simão, proferindo certas palavras cabalísticas (10), mandava a noiva apertar com os seus os beiços do noivo, entregando-a em seguida ao rei para **dispensá-la.** Consistia esta **dispensa** em passar a noiva ao poder do rei, que a restituía no outro dia ao marido, completamente **dispensada** (11)." A poligamia era permitida. O Rei Santidade tinha sete rainhas, esposas oficiais.

Era a restauração da prática do antigo e ominoso **jus cunni,** o **cazzagio** do Piemonte, a **cullage, culliage** e **cuissage** de França, a **pernada** de Espanha, a **prelibação** ou o **direito de gambia** de Portugal (12), com a diferença de que o simbolismo do empernamento desaparecia para dar lugar ao ato prelibatório.

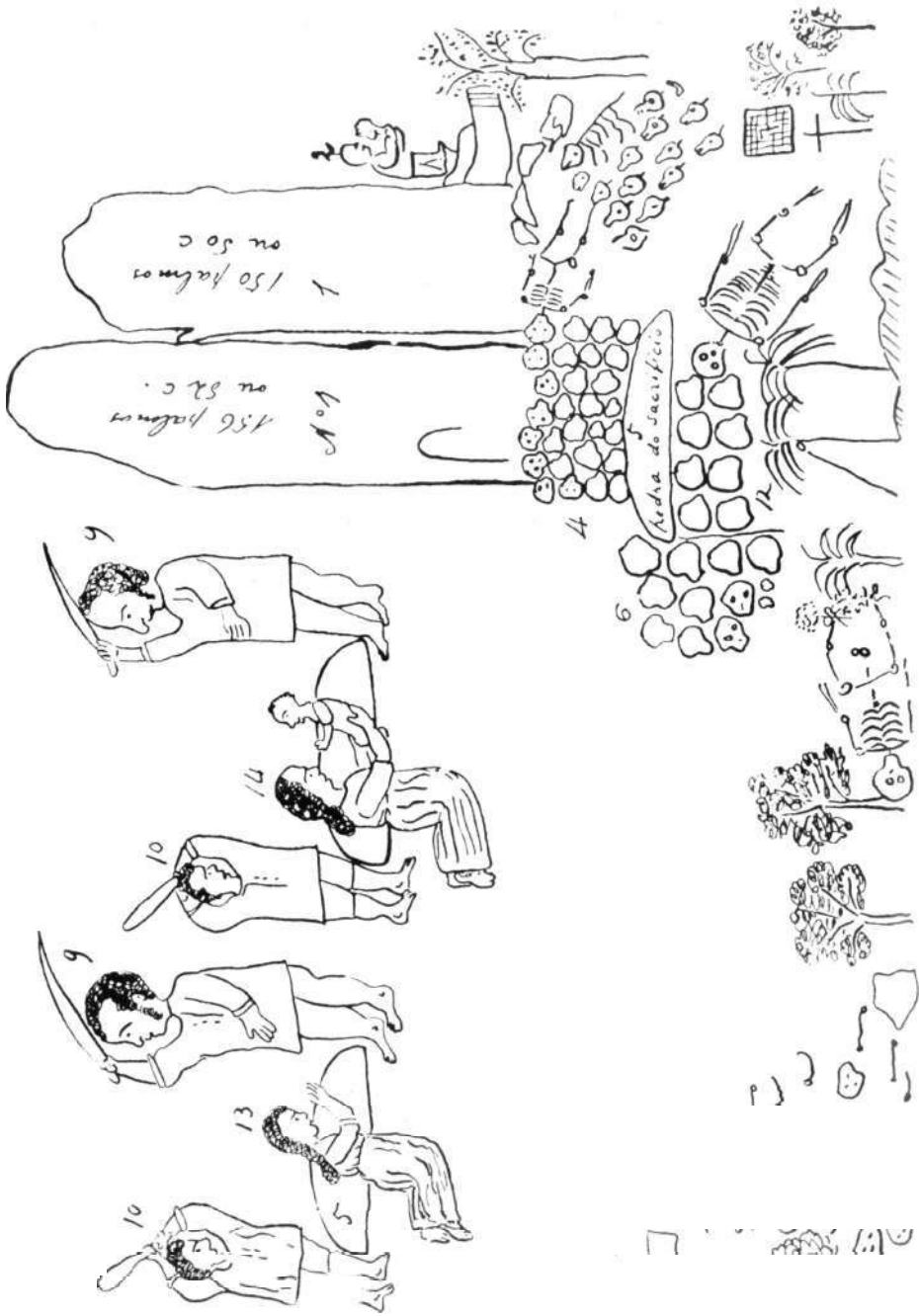
Terminada a bebida do vinho de jurema e manacá, que lembrava os velhos **adjuntos de jurema** ou reuniões para a embriaguês em comum, já considerados "supersticiosos" no século XVIII, pelas autoridades, que prendiam os viciados, como documenta Luiz da Câmara Cascudo; terminada a bebida, os fanáticos passavam a fumar cachimbo **para verem as riquezas,** declarou a testemunha José Gomes, citada na obra do dr. Ático Leite, o que nos leva a supor com fundamento um entorpecente que lhes dava a visão de coisas esplêndidas ou vários delírios, como o ópio, o haxixe ou a maconha. "Macumba é a maconha, moconha, diamba, liamba, pango, cânhamo **(Cannabis sativa Indica)** — escreve Câmara Cascudo — da qual a Ilustríssima Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1830 proibia o uso." É a cangonha do explorador Serpa Pinto e a makiah de Bentley. Anfião e bangue chama-se na Índia. Garcia da Orta diz que seus tomadores ficavam "enlevados, sem nenhum cuidado e prazimenteiros" ou com um "piso parvo". Também produz o delírio furioso, como em diversos casos registrados na obra de Rodrigues Dória (13).

Diante desses fatos, não pode deixar de acudir ao espírito a lembrança da famosa seita dos assassinos ou **haschischi,** tomadores de haxixe, chefiados pelo Velho da Montanha, que floresceu na Síria e na pérsia, do século X ao século XIII, **bathmi, fédavi, mulahida** ou i**smálios,** cujos dogmas são um mistério histórico, que derramavam sangue gostosamente nos delírios produzidos pela droga que tomavam, que assassinaram chefes das Cruzadas e soberanos muçulmanos, que espalharam o terror no Oriente e que influíram sobremodo na transformação da Ordem cristã dos Templários em uma maçonaria diabólica, na qual o rito maçônico escocês, de que nasceu o rito paládico ou satânico, pretende entroncar-se (14).

Ouçamos a voz da citada testemunha: "Todos os dias, saíam meu tio José Joaquim, Gonçalo José, Carlos Vieira, José Maria Juca e outros, e, quando voltava conduziam homens, mulheres, meninos e cães, que enganavam e traziam, furtando os caminhos, como sucedeu comigo... Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia: que seu irmão e rei João Antônio estava reunindo gente no Cariri, de onde brevemente voltaria para ajudá-lo nos trabalhos da restauração do reino; que aquele reino era de muitas glórias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantaria com sangue, era necessário banhar-se as pedras e regar-se todo o campo vizinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças e de irracionais; que isto, além de necessário para D. Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a socorrê-lo assim; porque, se eram pretas, voltavam alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas; e, se eram velhas, vinham moças e, da mesma forma, ricas, poderosas e imortais, como todos os seus (15)."

A depravação satânica é manifesta. Não é à toa que a Igreja denomina o demônio Pai da Mentira. O culto orgíaco foi o seu começo. O culto sangrento vai ser o seu fim. Um dia, principiou a horrível rega de sangue do campo e das pedras. O velho José Maria Juca foi o primeiro a dar o exemplo, entregando o pescoço ao afiado facão de Carlos Vieira. Seguiu-se a matança de homens, mulheres e crianças. As mães, no auge da loucura produzida pelas beberagens e drogas, levavam os próprios filhos aos algozes. O sangue corria aos jorros sobre a ara de pedra, em face das duas colunas graníticas, como no teocelli dos deuses astecas.

José Gomes, que era vaqueiro da fazenda Caiçara, de Manuel Pereira da Silva, horrorizado, fugiu e foi contar essas monstruosidades ao seu patrão. Dois meninos também escapuliram e foram dizer ao fazendeiro de Poços, Manuel Ledo de Lima, que, na Pedra Bonita,

10
9
10
9
13
5
14
1.56 palmos
ou 52 c.
N.º 1
150 palmos
ou 50 c
1
2
4
6
5
Pedra do Sacrificio
12
8

DESENHO DA PEDRA ENCANTADA, E DO MAIS QUE VI, INDAGUEI, E FUI TESTEMUNHA OCULAR NOS DIAS 19 E 20 DE OUTUBRO DE 1838

(desenho feito no local pelo padre Francisco José Correa de Albuquerque e notas de seu punho.)

Nº 1- Formatura das duas pedras com a frente para o nascente sobre a serra do Catolé, que está em nove graus meridionais desta para o Piancó, para o Jardim e para o Pajeru.

Nº 2- João Pilé tendo nos braços uma menina para subir ao céu em corpo e alma por ordem do Rei Santidade João Ferreira; e, dando um salto, veio do rochedo abaixo; morre a menina, e ele ficou maltratado. Gritavam as mulheres — viva! viva! quem dera que fosse eu.

Nº 3- Os cadáveres de quatorze cachorros que deviam ressuscitar como feras para acabar os que não davam crédito.

Nº 4- Vinte e oito cadáveres de meninos de um ano a oito arrumados como se vê.

Nº 5- A pedra onde se fazia o sacrifício da matança.

Nº 6-Dez cadáveres de mulheres e dois dos filhinhos que duas tinham no ventre.

Nº 7- A sepultura em que enterrei esses cadáveres.

Nº 8 -O cadáver do rei João Ferreira morto pelo filho de Gonçalo José, que lhe tomou a coroa e ficou sendo D. Pedro I.

Nº 9- A figura do Rei Santidade em fralda de camisa e uma coroa de cipó na cabeça.

Nº 10- O algoz que dava a primeira pancada sobre a cabeça da vítima, e o rei dois talhos, depois degolava.

Nº 11- Dez cadáveres dos que morreram, entre estes se achavam os cadáveres das duas rainhas D. Joana, senhora do rei, com a qual se casou, e D. Joaquina, filha desse Gonçalo José, com a qual se casou sua Santidade no mesmo dia.

Nº 12- Dez cadáveres de dez homens que foram sacrificados de sua boa e livre vontade.

Nº 13- Uma mulher de joelhos esperando a morte com a pancada e as duas cutiladas.

Nº 14- Uma mulher entregando a filhinha ao sacrifício.

Toda a mortandade foi feita nos dias terça e quarta-feira, 15 e 16 de maio de 1838. Aos 17, não podendo sofrer o fétido dos corpos mortos, se mudaram distante 1/4 de légua, onde foram batidos.

"estava havendo grande mortandade de gente para desencantar-se um reino". A matança durou três dias a fio (16).

Os fazendeiros reuniram imediatamente seus acostados e marcharam sem detença para a Pedra Bonita. Pela serra Formosa, já prevenida, devia vir uma força às ordens do capitão Simplício Pereira da Silva, irmão do dono da fazenda Caiçara. Ao chegarem, porém, os primeiros a um lugar onde havia algumas choupanas sombreadas de umbuzeiros, deram com Pedro Antônio, de coroa de cipó de japecanga à cabeça, nu da cintura para cima, capitaneando um grande troço de homens, mulheres e meninos, semi-nus, armados de facões e cacetes (17).

O vaqueiro José Gomes fugira no dia 14 de maio de 1838. Os sacrifícios prolongaram-se pelos dias 15 e 16 com o maior desvairamento, "numa espécie de delírio ou embriaguês continuada". O pardo João Pilé precipitou-se de uma altura de dez metros com dois netos nos braços. Agarrando-se às palmas de um catolezeiro e largando as crianças, que se esborracharam nos penedos, salvou-se malferido. José Vieira matou a golpes de facão o filho pequenino que lhe pedia misericórdia de mãos postas. Uma viúva, candidata à rainha, imolou dois filhos menores. Os dois maiores lograram fugir e levaram a notícia da hecatombe ao fazendeiro de Poços. O rei João Ferreira mandou executar sua cunhada Isabel, grávida, a fim de não sofrer duas dores, a do parto e a do desencantamento. Ao receber a cutilada fatal, a desgraçada deu à luz. Mataram-se donzelas e a própria rainha Josefa, mulher de João Ferreira, irmã de João e Pedro Antonio, foi sangrada com setenta e tantas facadas (18)!.

"Desta forma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execrável e desumano João Ferreira conseguido lavar as bases das duas torres de granito e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de trinta crianças, inclusive os dois netos de João Pile, doze homens, entre estes seu próprio pai, e onze mulheres, cujos corpos, exceto o de uma donzela que correra, o qual fôra achado indigno de estar com os demais, bem como os esqueletos de quatorze cães, que havia morto com o mesmo fim, iam sendo colocados ao pé das pedras em grupos simétricos, conforme o sexo, idade e qualidade dos mesmos (19)."

A propósito dos cães, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe dá esta curiosa nota: "Além do sacrifício de criaturas humanas, cujo sangue devia regar as duas pedras graníticas, fictícias torres, e o terreno adjacente, para o desencantamento do misterioso reino, havia o sacrifício de cães, verdadeiros molossos, que, no dia do grande

evento, se levantariam como valentes e indômitos dragões para devorar os proprietários (20)." Seja dito de passagem que o conselheiro manuseou todas as peças do processo instaurado pela justiça pernambucana sobre esses crimes. Não afirmaria o que não tivesse encontrado nos depoimentos das várias testemunhas.

Na manhã de 17 de maio, o rei João Ferreira fôra destronado, Pedro Antônio subiu ao terraço de pedra e anunciou ter sonhado com D. Sebastião, que lhe disse faltar somente a presença do rei para se desencantar. João Ferreira, compreendendo o que lhe ia acontecer, tremia como varas verdes. A multidão começou a ulular, pedindo a sua morte. Os irmãos Vieira agarraram-no à força e o executaram. Seu cadáver foi amarrado fortemente pelos pés e pelas mãos em duas árvores próximas.

Por quê?

Porque, conforme vamos ver, não passava de um possesso satânico: "As pessoas que estiveram no Reino são concordes em afirmar, sem admitir a mínima contestação, e isto desde aquela época até hoje, que se viram forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrair-lhe as entranhas, e a atar o seu cadáver de pés e mãos naquelas árvores, por causa dos berros, das roncarias e dos sinistros movimentos que ele, **depois de morto,** executava com a boca, com o ventre e com os braços (21)."

De fato, mais tarde, quando ali foi sepultar os cadáveres, o padre Corrêa de Albuquerque encontrou o de João Ferreira amarrado. O desenho original que fez e do qual foi tirado o painel do Instituto Histórico que publicamos achava-se guardado no arquivo do saudoso escritor Mário de Alencar, juntamente com a carta autógrafa do venerando missionário ao bispo de Olinda. Damo-lo neste volume. Da carta basta citar o final, conservando a sua redação e ortografia: "Eu fui sepultar os cadaveres dos mortos sacrificados no reino encantado da serra do Catolé, e remeto a V. Exa. esse painel no qual verá como se fôsse pessoalmente do lugar. No anno de 837 eu andei perto dêsse lugar, e sabendo dessa sedução, clamei, e mostrei a falsidade daquêles sedutores: centos e centos de pessoas ouvirão, me derão credito e forão exentas desse contagio; exceto três ou quatro famílias que com o mmo. aviso quiserão ficar na dureza de seus corações e forão esses os que perecerão, e agora todos conhecem e até me xamão o seu Anjo que os acodio com a verdade. Está delatada a mma. escripte, e agora rogo a V. Exa. Rma. se digne de me dizer q. recebeo esta, e com isto crescerá em mim mais e mais a mª gratidão, confessando

que sou. D. V. Exa. Rma. Umilde subdº e filho obº Pe. Fco. José Corrêa de Albuq. **Bezerros,** 9 de abril de 1839."

O que se passou com o corpo é o que os fatos demonstram que se passa com o de todos os satanistas. Lembremos **o que fez o cadáver** do endemoniado Rasputine, depois do charlatão siberiano haver tomado uma dose de veneno bastante para matar doze homens e recebido uma bala no coração: "Então, aconteceu uma coisa horrenda. Com um movimento brusco e violento, Rasputine pôs-se de um salto em pé, a boca espumando. Era horrível vê-lo. Um rugido selvagem ecoou no aposento e vi suas mãos convulsas agitando-se no ar. Depois, precipitou-se sobre mim e seus dedos, procurando agarrar-me a garganta, se enterravam como tenazes no meu ombro. Seus olhos saíam das órbitas e o sangue corria de seus lábios.

Com uma voz baixa e rouca, Rasputine chamava-me continuamente pelo meu nome — diz seu assassino. Nada se pode comparar ao sentimento de horror que se apoderou de mim. Procurei livrar-me de suas mãos, mas estava seguro como em uma canga. Houve terrível luta entra nós... Parecia-me compreender ainda melhor quem era Rasputine. Tinha a impressão de ter diante de mim o próprio Satanás encarnado naquele camponês... Graças a um esforço sobre-humano, consegui desvencilhar-me... Ele tornou a cair de costas, estertorando horrorosamente... Jazia de novo sem movimento sobre o chão. No fim de alguns instantes, mexeu-se. Precipitei-me pela escada, chamando Purichkevitch... Nesse momento, ouvi um rumor atrás de mim... Arrastando-se sobre os joelhos e o ventre, rugindo como um tigre ferido, Rasputine subia rapidamente os degraus. Encolheu-se sobre si mesmo e deu um último salto, conseguindo alcançar a porta secreta que dava acesso ao pátio. Sabendo que ela estava fechada a chave, coloquei-me no patamar superior, apertando fortemente na mão um cacete de borracha. Quais não foram meu espanto e meu pavor, vendo a porta abrir-se a Rasputine desaparecer na escuridão. Purichkevith lançou-se em seu seguimento. Ouviram-se dois tiros ecoarem no pátio. A idéia de que podia nos escapar me era intolerável. Saí pela escada principal...

Terceiro e quarto tiros... Vi Rasputine cambalear e tombar sobre um montão de neve. Purichkevitch correu para ele, ficou alguns instantes junto ao corpo e, certo de que, desta vez, tudo estava acabado, dirigiu-se a largos passos para a casa... Fui até onde estava o cadáver... Rasputine, todo encolhido no mesmo lugar, tinha, contudo, mudado de posição. — Meu Deus! — pensei — ainda está vivo?" (22)

A morte de João Ferreira é idêntica à de Rasputine. Ambos eram possessos.

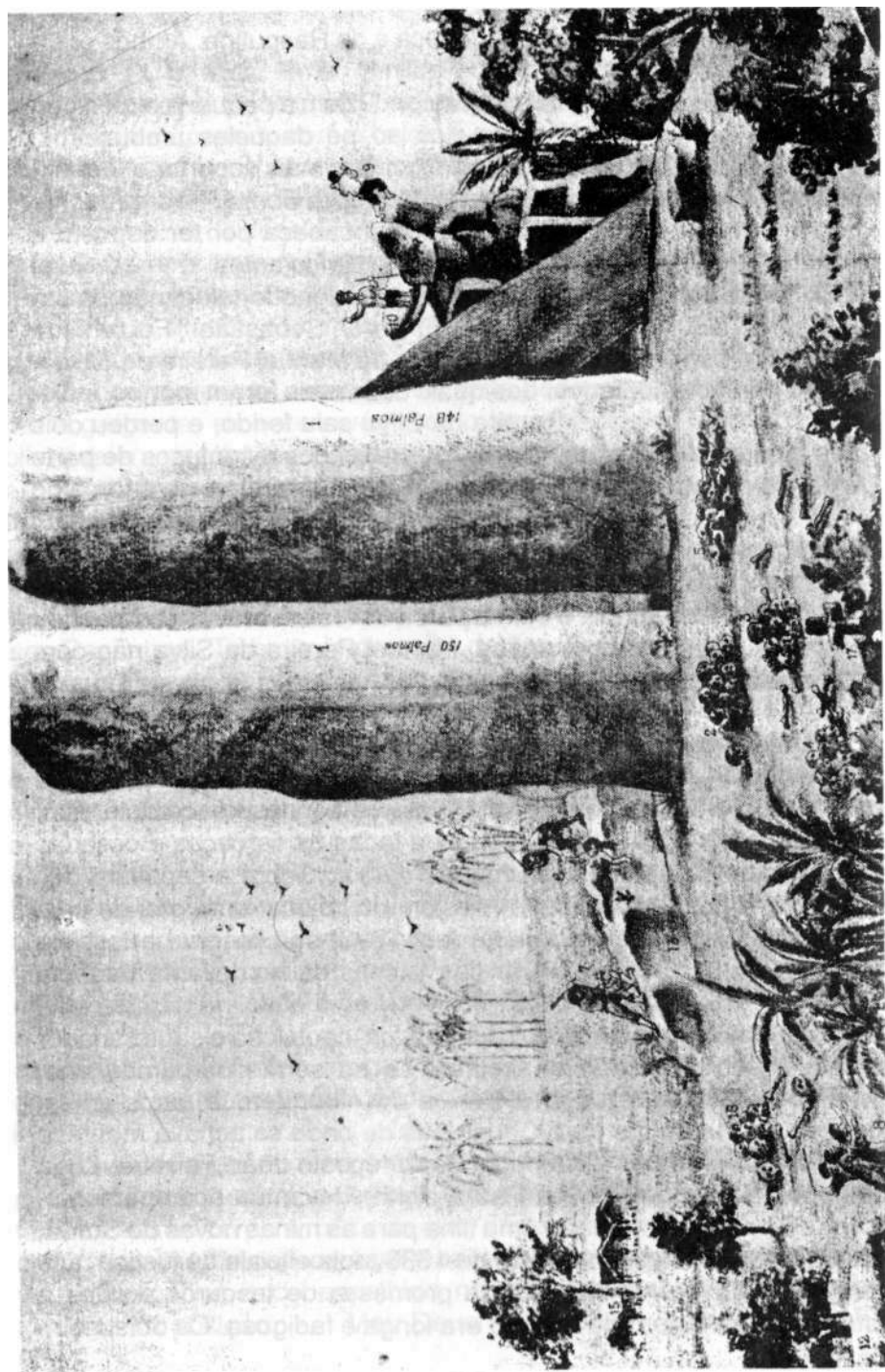
Os destemidos fazendeiros que conduziam a pequena expedição contra os fanáticos encontraram-nos ao pé daqueles umbuzeiros, onde construíam choças, porque não podiam mais suportar a fedentina dos corpos em putrefação ao redor da Pedra Bonita. Pedro Antonio comandava-os e trazia a coroa de cipó à cabeça por ter deposto e executado o satânico João Ferreira, como vimos antes.

Os sectários tomaram a ofensiva com denodo, atacando os expedicionários aos gritos de — "Viva El Rei D. Sebastião!" Foi renhida a luta entre o punhado de companheiros de Manuel Pereira da Silva e a aluvião de endemoniados, dos quais dezesseis foram mortos, inclusive o próprio rei. Manuel Pereira da Silva saiu ferido, e perdeu dois irmãos e quatro acostados. Houve muitos feridos e contusos de parte a parte. Os sebastianistas recuaram, mas esbarraram com a força do capitão Simplício que chegava a marchas forçadas e os acometeu pela retaguarda. Derrota completa. A maioria rendeu-se.

Os vencedores queriam chacinar todos os prisioneiros, indignados com a sua resistência e com a perda de leais e bravos companheiros. Apesar da morte dos irmãos, Manuel Pereira da Silva não consentiu que se tocasse num cabelo dos vencidos e os entregou à justiça (23).

Mandou chamar o padre Correa de Albuquerque, que andava por longe, tendo viajado, como dá conta ao bispo na carta inédita de que estampamos o final, 976 léguas! O velho e bondoso sacerdote veio, fez abrir grande cova e nela depositou todas as carcaças e ossadas esparsas diante das duas colunas do diabo. "Sobre a sepultura dos cadáveres, mandou o caridoso missionário colocar uma grande cruz de madeira tosca, que ainda hoje (em 1898) se conserva e testifica que ali jazem os restos mortais das vítimas da horripilante tragédia (24)."

O mameluco João Antonio dos Santos, cauteloso e sagaz criador daquele misticismo satânico, retirara-se do sertão pernambucano, conforme prometera ao padre Correa de Albuquerque, anos antes, indo para os Inhamuns ou o Cariri. Mas de onde se achava manteve "comunicação sempre ativa" com seu preposto João Ferreira. Logo que soube do acontecido na Pedra Bonita, levantou acampamento, passando-se com a mulher e uma filha para as minas novas do Suruá, onde o foram buscar, em agosto de 1838, dois oficiais de justiça, aos quais procurou deslumbrar com a promessa de tesouros ocultos e Misteriosos. A viagem de retorno era longa e fadigosa. Os dois meiri-

148 Palmos
150 Palmos

QUADRO EXPLICATIVO EXISTENTE NO INSTITUTO HISTÓRICO, FEITO DE ACORDO COM O DESENHO DO NATURAL, TRAZIDO PELO PADRE CORRÊA

1 — Estas duas colunas de granito, que parecem as de um templo maçônico, com mais ou menos 150 palmos de altura cada uma, deram o nome de Pedra Bonita ao local.

2 — Estado em que foram achadas 28 crianças imoladas.

3 — Grupo de 11 mulheres sacrificadas.

4 — Grupo de 12 homens sacrificados.

5 — Grupo de 14 cães sacrificados.

6 — Isabel, levada ao sacrifício em estado de gravidez, para não sofrer duas dores, no dizer do Rei, dá à luz ao receber o golpe.

7 — José Vieira, descarregando um golpe sobre o próprio filho, corta-lhe um braço, quando o infeliz lhe suplicava que o não matasse.

8 — Carlos e José Vieira perseguindo uma donzela que conseguira fugir do sacrifício, embora ferida.

9 — João Pilé, precipitando-se de uma altura de 50 palmos, com dois netos nos braços.

10 — Espécie de terraço de onde o rei João Ferreira diariamente pregava aos fanáticos.

11 — Pequena casa de pedra, onde se realizavam os banquetes.

12 — A Casa Santa, caverna onde os sectários bebiam jurema e realizavam os casamentos.

13 — Rampa dos sacrifícios ou da matança.

14 — Cadáver do rei João Ferreira no estado em que foi encontrado.

15 — Lugar onde se travou o combate entre as forças legais e os sectários.

16 — Grupo dos fanáticos mortos no combate de 18 de maio de 1838.

17 — Sepultura onde, dois meses mais tarde, o padre Correa e o povo recolheram as ossadas esparsas no campo, menos a do rei João Ferreira.

nhos adoeceram e temendo que o preso, apesar de algemado, usasse de **sortilégio** ou embuste para escapar, resolveram matá-lo, o que fizeram, no lugar denominado Lagoa Encantada, três léguas antes da vila de Xique-xique (25).

Dos dois homens que se ocuparam desse assombroso caso, quase desconhecido, da Pedra Bonita, o dr. Ático Leite viu nele um satanismo manifesto, o conselheiro Tristão de Alencar um verdadeiro socialismo, um movimento contra a propriedade. Ora, quem diz socialismo diz comunismo, porque "o socialismo é um bolchevismo inacabado" (26) e, como escrevia Zangwill, "o bolchevismo é o socialismo com pressa de acabar".

Vemos, assim, no fundo dos sertões abandonados e incultos, onde os ventos da anarquia maçônica da Regência assopram rebeldias matutas, se erguer, dentro do satanismo, o vulto do comunismo. É preciso olhar para esses fatos semi-misteriosos ou de todo misteriosos do nosso passado, a fim de compreender as diretivas atuais do Komintern procurando atrair os bandos de cangaceiros a seu serviço, sobretudo o de Lampeão, ou fazendo os remanescentes dispersos dos golpes comunistas recentes em Recife e Natal se espalharem pelo interior, semeando a insegurança e a anarquia. Os que conhecem nas suas minudências os surtos bolchevistas nordestinas sabem como por ali enxameiam articulações irradiadas pelos sertões. Os atores são filhos das catingas; os inspiradores estão mais longe; os fios que os movem vêm de lugares desconhecidos...

Por que se não teria dado o mesmo no tempo dos holocaustos infernais da Pedra Bonita? Infelizmente se perdeu ou não se encontrou a ligação entre inspiradores e executores da odiosa tragédia satânica de maio de 1838. Conhece-se a que unia os dois comparsas da obra infame e sangüinária: João Antonio, refugiado no Cariri, e João Ferreira reinando no Reino Encantado. Sabe-se que mantinham comunicação "sempre ativa". Quem haveria mais por trás deles? Os ignorantes e infelizes alfaiates da conspiração socialista baiana de 1794 também não tiveram inspiradores ocultos que souberam diluir-se na sombra e escapar ao castigo? Sente-se no mistério **alguém,** aquela **alguma coisa** a que alude com espanto René Guénon e que Margiotta revela cabalmente no diabólico paladismo maçônico!...

O satanismo das ocorrências da Pedra Bonita é mais do que evidente. Elas não se podem explicar de outra maneira. Têm os característicos essenciais do que é demoníaco: erro, mentira, egoísmo, crime, horror. Todo símbolo — preceitua grande mestre das ciências ocultas, Estanislau de Guaita, tido em alta conta e muita

honra nos meios maçônicos — que determina ritos infames é uma encarnação de Satanás. Que ritos mais infames do que os casamentos com prelibação, as orgias, a embriaguês bestial, os entorpecentes e, finalmente, os sacrifícios humanos? Verdadeira **magia negra** oculta e anti-sacerdotal, como definem os entendidos. "Da índia, onde Kali e Civa ainda hoje reivindicam seu tributo sangrento, até os diversos Estados Fenícios, onde as entranhas dos Rutrem monstruosos e dos gigantescos Molocs engoliam em datas marcadas fornadas de vítimas humanas; até à Céltica, onde as druidesas de Tor e Teutad acumulavam sobre o dólmen místico hecatombes de heróis; e, entre os povos greco-latinos, desde Helas, imolando Ifigênia e pagando o tributo anual da flor dos éfebos e virgens de Atenas à bestialidade cretense, até a Roma cesariana, fazendo tombar sob o cutelo sagrado os prisioneiros gauleses, somente se vêem rios de sangue humano correndo sobre as aras das nações... O Deus dos Judeus tinha sede de sangue dos reis e Josué lhe oferecia hecatombes de monarcas vencidos. Jefté sacrificava sua filha e Samuel cortava em pedaços o rei Agag sobre a lage sagrada de Galgai... (27)" Os cultos orgiasticos e sangrentos de todos os povos somente desapareceram com o cristianismo. "A voz do cristianismo repercutiu; ao cristianismo coube a glória de reformar os costumes (28)." É o verbo divino de Jesus que espalha os fantasmas da Goécia, da Magia Negra imemorial. Por isso, todas as heresias se aparentam com o demonismo (29). Para ver até onde essa religião do mal, desde o mais ignorante macumbeiro até o mais alto paladista da maçonaria suprema, pode levar um homem em matéria de torpezas, infâmias e crimes, basta ler o que contam as obras de demonólogos célebres como Remigius, Sprenger, Bodin, Lancre, Boguet, Delrio, Dellon, Marsollier, Llorente, Regnard, Margiotta e Guaita. O que praticou João Ferreira na Pedra Bonita é, em parte, o mesmo que fez o famigerado Gil de Lavai, senhor de Retz, nos seus castelos de Mâchecoul e de Tiffauges, e, em parte, também o mesmo que fez o Velho da Montanha nas grutas onde reunia a seita dos assassinos. Todos se equivalem.

A que levam práticas tão monstruosas? À negação do verbo humano, à retrogradação ao instinto animal. Por que meio? Pela apoteose do inconsciente (30). Essa é a obra do satanismo, quer entre estudantes bucheiros de São Paulo, quer entre míseros sertanejos nordestinos; quer entre o futuro escol da nação, quer entre a inculta massa camponesa.

A quem interessa conduzir e**lite** e povo a tamanha degradação?

A resposta a esta pergunta deve indicar, logicamente, os autores ocultos desses fermentes anti-sociais, anti-nacionais e anti-humanos,

inoculados com diabólica habilidade, que cria "miragens insidiosas para desviar do bom caminho as almas que procuram orientar-se por qualquer ideal místico" (31).

Essas miragens são, para a gente capaz de ser fanatizada, o satanismo místico no campo religioso, o comunismo no campo social.

Os dois campos se interpenetram no caso da Pedra Bonita.

Aos que duvidem da existência do satanismo e de sua organização em sociedades secretas oferecemos a leitura deste telegrama da República da Libéria estampado pelo vespertino carioca, "O Globo", em sua 3ª edição de 24 de fevereiro de 1937:

"MARSHALL, Libéria, 24 (U. P.) — O governo acaba de descobrir que as cerimônias de adoração do diabo, que ocupam as atenções de uma grande parte da população do sexo masculino, são a verdadeira causa da extraordinária escassez de arroz ultimamente verificada. Em vista disso, foram expedidas ordens severas no sentido de que as 'escolas' do Diabo encerrem dentro de um mês as suas longas sessões, a fim de que os seus membros possam voltar às fainas rurais.

Quando se produziu o declínio das safras de arroz, assumindo proporções alarmantes, as investigações realizadas pelas autoridades revelaram que a terça parte dos habitantes do sexo masculino da República negra estava no 'bosque do Diabo', e que alguns ali se achavam há cerca de cinco anos.

Como a maior parte das autoridades e funcionários públicos liberianos pertence ao credo dos adoradores do diabo, e esse credo reúne elementos das classes privilegiadas no país não se faz nenhum esforço no sentido de ser destruída a agremiação, reclamando-se simplesmente a volta temporária dos lavradores às terras de plantio.

O 'bosque do Diabo' é uma das mais velhas e mais poderosas sociedades secretas africanas. Embora oficialmente se ache abolida na maioria dos Estados do continente, tem sido protegida e incentivada na Libéria, sob o título pomposo de 'Ciência Africana', nome esse que encobre operações supersticiosas e de magia negra. A finalidade principal dessa agremiação é entretanto a adoração do diabo e sabe-se que a morte misteriosa constitui o destino de quantos violem as leis da sociedade."

O fenômeno de satanismo da Pedra Bonita estava ligado às sociedades secretas, como o culto do diabo liberiano. Mergulhava

suas raízes nas infiltrações maçônicas do interior pernambucano, muito fortes e espalhadas no começo do século. Desde 1819, a ressurreição de D. Sebastião era pregada naqueles sertões. Apareceu nessa época, na serra do Rodeador, um profeta chamado Silvestre José dos Santos, que celebrava "solenidades com um cerimonial particular" (32). Instalou em um grande mocambo de palhas uma imagem ou ídolo que se denominava a Santa da Pedra. Fazia-se chamar **Mestre Quiou.** Criou **irmandades** a cujos membros destribuía patentes ou diplomas. Os candidatos às iniciações nessas irmandades em que havia diversas graduações eram obrigados a se confessarem à Santa. O profeta ouvia as confissões e, em nome do órago, marcava as penas pecuniárias a que ficavam obrigados os penitentes.

Ao ser iniciado qualquer professando nos segredos do rito do Reinato Encantado de D. Sebastião, punha-se de joelhos **sob uma abóbada de aço,** o que dava "a entender que o profeta tinha um tal ou qual conhecimento da liturgia maçônica" (33).

Mestre Quiou intimava os proprietários da redondeza ao pagamento de contribuições em gado, gêneros e dinheiro, com as quais sustentava os seus crentes, corja de vadios que nada produzia. As queixas choveram no paço do governador de Pernambuco, o famoso Luiz do Rego, que. em luta com os maçons no tempo das juntas, pouco antes da independência, seria repelido do grande foco de Goiana. Ele mandou uma expedição sob o comando do marechal Luiz Antônio Salazar Moscoso, o qual investiu o arraial das irmandades na madrugada de 22 de outubro de 1820. Os soldados incendiaram as palhoças com quem se achava lá dentro e passaram a fio de espada os fanáticos que ofereceram resistência. O profeta levou a breca. A tropa conduziu, de regresso ao Recife, mais de quinhentas mulheres e crianças em mísero estado.

Crueldade inútil e estúpida. Seria melhor dominar de outra forma aquele núcleo e colher documentos sobre sua origem e desenvolvimento. Ninguém pensou nisso. A sanha da soldadesca destruiu tudo.

Não era possível deixar de haver uma ação oculta da maçonaria no culto diabólico do Reino Encantado. O que aqui referimos, devidamente documentado nas respectivas novas, não deixa sobre isso a menor dúvida.

No estudo de Luiz da Câmara Cascudo sobre o Catimbó, que citamos em nota deste capítulo, se palpa a influência do judaísmo cabalista na macumba, tal como se pratica no Brasil. Diz o exímio estudioso do nosso folclore: "Os talismãs gráficos são apenas sino-

NERGAL ou ABRAXAS, o galo ritual misterioso da KABBALAH judaica, segundo o desenho da página 57 do livro de Eliphas Lévi, "Les Mysteres de Ia Kabbale".

SUCCOTH-BENOTH, a galinha preta do Kahal, conforme o desenho da página 58 do livro de Eliphas Lévi, "Les Mysteres de Ia Kabbale". É — diz esse autor — **Ia poule noire des sorciers,** a galinha preta dos feiticeiros.

salomão, sinal de Salomão, estrela de seis raios, feita com dois triângulos, de tinta vermelha, sangue de galo preto ou bode da mesma cor. No centro, sempre se escreve uma frase cabalística, as mais das vezes ignorada pelo próprio Mestre. A que tive em mão tinha a palavra AGHA. Agha é uma sigla da cábala judaica e quer dizer: "Tu foste os mundos, Senhor, meu Senhor!" AGHA é a reunião das palavras hebraicas, ATHAN, tu, GABOR, foste, HEOLAN, plural de ALAM, mundo, os mundos, ADONAI, Senhor, meu Senhor."

Podemos, com conhecimento de causa, acrescentar que o galo preto é o ABRAXAS dos cabalistas talmudistas, o KAPPORAH dos ritos judaicos, dos quais vem a chamada **galinha preta** dos **despachos** macumbeiros, e que o bode preto se refere ao BAFOMET dos Templários. Segundo a documentada lição dos profundos conhecedores da QUESTÃO JUDAICA, Elias Brafmann e Calixto de Wolski, nos seus magníficos volumes "O livro sobre o Kahal" e "A Rússia Judaica", os judeus praticam uma cerimônia de verdadeira magia negra, ritualmente, em certa época do ano. Tal cerimônia consiste na purificação pela oferenda de um holocausto e chama-se em hebraico KAPPORAH. Encontra-se também esta palavra sob outras formas: KAPORES, CAPORES e CAPORET. Eis o que diz a respeito Calixto de Wolski: "A cerimônia do CAPORETO é um uso absolutamente pagão. Eis em que consiste: pela manhã, na véspera do YOM-KIPPUR (grande festa anual judaica), o judeu agarra pelas patas um galo vivo, levanta-o acima da cabeça e rodeia três vezes o aposento onde estiver, repetindo estas palavras:

— Este galo vai morrer, mas eu viverei eternamente feliz!

Depois disso, pega o galo pelo pescoço e o lança longe. A mulher judia pratica a mesma coisa com a galinha.

Com esse passeio em redor do aposento, levando o galo e a galinha, ficam o judeu e a judia na persuasão de se terem desembaraçado de todos os seus pecados, transmitindo-os aos pobres galináceos, que são, em seguida, sangrados e, provavelmente, comidos com grande apetite, depois do famoso jejum de vinte e seis horas realizado por ocasião do YOM-KIPPUR (34)."

A cerimônia rabínica e talmúdica do galo e da galinha CAPORETOS descrita por Wolski está de acordo com aquilo que os conhecedores das ciências ocultas denominam **substituição.** Baseados nesse rito da **substituição,** é que os antigos israelitas praticavam, segundo o testemunho da Bíblia, a cerimônia do famoso BODE EXPIATÓRIO, carregado com os pecados do povo de Israel e lançado ao fundo do abismo.

Quando se estuda a cábala ou, melhor, a KÁBBALAH, ciência oculta eminentemente judaica, que os rabinos aprofundaram e da qual os maiores mestres, como Adolfo Franck, para somente citar um entre os modernos, são judeus, se verifica a íntima ligação da cerimônia do CAPORETO com os símbolos cabalísticos. Na KÁBBALAH se encontram, entre as imagens hieróglíficas das chamadas ALTAS CONCEPÇÕES, um galo de cauda de serpente e uma galinha diademada, coberta de jóias, de pé sobre três pintainhos. O galo é NERGAL ou ABRAXAS, o Dragão Filosofal dos Alquimistas. A galinha é SUCCOTH-BENOTH, a Natureza, a Matéria, que deu, na baixa feitiçaria, a **galinha preta** dos **despachos...** (35)

Pois bem, de acordo com o que têm publicado ultimamente o "Iudenkenner" de Berlim, no seu número de 4 de março de 1936, o "Service-Mondial" de Erfurt, o "Der Stürmer" de maio de 1935, o Parecer do coronel Fleischhauer no processo dos "Protocolos", em Berna, editado por U. Bodung-Verlag, os judeus, quando resolvem a morte ou aniquilamento de um homem, de uma instituição, de um partido, de uma pátria, anunciam isso a todos os judeus do universo, a fim de que auxiliem de todos os modos a realização desse desideratum. Para tal anúncio, lançam mão de sinais que os GOYIM, os gentios, os cristãos ignoram, mas eles conhecem de sobra. Leiamos a propósito um trecho instrutivo do citado "Iudenkenner": "O **galo-capores** ou o **galo do sacrifício,** em hebraico KAPPORATH, é representado em lugar do que deve ser assassinado. Quando os judeus publicam, a fim de ser espalhada por toda a parte, a figura de um homem sob a forma de **galo-capores,** todos os judeus do mundo inteiro ficam logo sabendo, ao primeiro olhar, que esse homem foi condenado à morte pelo KAHAL UNIVERSAL."

Do referido jornal tiramos as gravuras aqui publicadas como elemento demonstrativo de nossas afirmações. Uma representa o infeliz Czar Nicolau II, Imperador de Todas as Rússias, covardemente assassinado pelos judeus em Ekaterimburgo, a 17 de julho de 1918. Comandou a execução da Família Imperial no porão lôbrego da casa Ipatief o judeu Jankel Iurovski. Depois, os assassinos judeus da Tcheka e da Guepeú mataram mais de dez milhões de cristãos russos. Pois bem, o desenho do Czar em forma de **galo-capores** foi distribuído em 1913, cinco anos antes! A outra traz Adolf Hitler também fantasiado de **galo do sacrifício** e foi espalhada na Europa desde setembro de 1933. A terceira, finalmente, representada da mesma forma e para o mesmo fim Wilheim Gustioff, o chefe nazista suíço assassinado a 4 de fevereiro de 1936 pelo judeu David Frankfurter.

S. M. o Czar Nicolau II da Rússia em forma de galo-capores, num cartão de Boas-Festas do Kahal, distribuído em setembro de 1913. O original do cartão se acha conservado no arquivo do coronel Fleischhauer, em Erfurt. O anúncio da morte precedeu de cinco anos o crime...

Cartão de Boas-Festas do Kahal, em setembro de 1933: Adolfo Hitler figurando como galo do sacrifício. O original no mesmo arquivo.

O líder nazista na Suíça, Wilhelm Gustloff, representado como **galo-kapporath** pouco tempo antes de ser assassinado pelo judeu David Frankfurter, no nº 2 de 1936 da revista maçônica suíça "Nebeispalter". Tudo isso mostra as ligações secretas do judaísmo com a maçonaria e com a macumba.

Foi estampada na revista maçônica suíça "Nebelspalter" pouco antes do crime (36).

Aí está porque o **galo preto** e a **galinha preta** são para o povo um sinal de morte. Vimos que a macumba não passa de um satanismo de fundo cabalista, isto é, tem oculta a inspiração judaica, embora sua forma aparente africana. Por essa razão, Israel, usando da imbecilidade dos cristãos, a põe em moda, levando os desprevenidos, os ávidos de sensações estranhas e os esnobes a freqüentá-la como coisa muito importante dos nossos costumes. Todo esse africanismo que anda por aí, apregoado como fonte imprescindível de nossa cultura (?), é simples sugestão judaica para levar os tolos ao convívio dos animismos fetichistas, afastando-os desta ou daquela forma do verdadeiro espírito cristão da nossa civilização. As apregoadas **escolas de samba** não passam de disfarces daquelas **escolas do diabo** de que nos fala o telegrama da Libéria. Com essa insidiosa propaganda, mascarada sob o manto de estudos folclóricos ou etnológicos e culturais, o judaísmo perverte o são juízo da mocidade das altas classes e mergulha as baixas no culto macumbeiro e nos sortilégios do baixo espiritismo.

Cumprimos um dever, abrindo os olhos aos nossos leitores e pouco nos importando com o que os toleirões, metidos a cultores de um africanismo verdadeiramente da **esquerda,** possam pensar, dizer ou escrever contra nós. O futuro nos dará razão.

O Brasil deve muito à raça negra. Os negros humildes e sofredores regaram com seu suor as terras de plantio, com suas lágrimas o chão batido das senzalas, com seu sangue os campos de batalha nas guerras civis e estrangeiras, com o leite de suas Mães Pretas, as bocas das crianças brancas! Merecem, portanto, nossa gratidão e nosso afeto. Por isso, devemos elevá-los pela educação, pela instrução, pelo apoio moral, pelo espírito, pela justiça social, dando-lhes uma situação digna na vida brasileira, e não abastardá-los e envilecê-los, chafurdando-os cada vez mais nas inferiorizações dos sambas e das macumbas. Devemos cristianizá-los, arrancando-os dos seus pendores atávicos, e não africanizá-los continuadamente, sob o pretexto de amor ao seu folclore. Devemos fundi-los na comunhão nacional e não torná-los um quisto perigoso, isolando-os nos seus ritos fetichistas. Os esquerdistas, fingindo amor pelos pretos, querem tornar certas populações do Brasil presas da vadiagem e da feitiçaria, como na Libéria ou no Haiti, **la Isla Magica.** Nós queremos incorporar o preto, fraternalmente, à civilização brasileira, à cultura brasileira,

para sua grandeza dentro da grandeza do Brasil. Porque o nosso afeto não é fingido.

Os estudos a que precedemos neste capítulo levaram-nos ao encontro do fio secreto que liga o Judaísmo, a Maçonaria, a Feitiçaria, a Macumba. Chama-se KABBALAH.

Os Reinos do Diabo não se acabaram nos sertões nordestinos. Um século depois, sua semente ainda rebrota. Leia-se este telegrama na "A Ofensiva" do Rio de Janeiro, de 21 de maio de 1937:

Fortaleza, 20 (Havas) — A polícia capturou no município de Maria Pereira, um indivíduo que, dizendo-se "enviado da monarquia" aplicava remédios e drogas de sua invenção e fazia curas deslocando os maxilares dos doentes.

Escoltado por policiais o "mestre Silvino" chegou hoje, trajando um uniforme branco, com dragonas e botões dourados, e encontra-se no xadrez da delegacia auxiliar.

Ouvido pela imprensa "mestre Silvino" declarou ser natural de Alagoas e que estivera vários anos em São Paulo. Ultimamente vivia em Maria Pereira, não sabendo o motivo da sua prisão, "pois não faz mal a ninguém".

"Mestre Silvino" trazia sob suas ordens grande número de pessoas fanatizadas e possuía várias mulheres que considerava "virgens purificadas".

Até nisto a época presente parece com a Regência: o espectro do satanismo não desaparece dos sertões...

Capítulo V

O IMPERADOR DOS BENTEVIS

No tempo da Regência, havia no Maranhão dois partidos políticos que se odiavam e digladiavam como todos os partidos políticos liberais. Eram os cabanos e os bentevis. Os primeiros tinham as mesmas idéias com que se levantaram seus homônimos do Grão-Pará, conservadorismo e anti-maçonismo, o que equivalia, na época, a reacionarismo e restauradorismo. Os segundos professavam idéias liberais (1). Por trás deles, aquelas forças já de nós conhecidas, exímias em lançar os homens de opiniões contrárias às lutas estéreis e até em se servirem, como instrumentos, dos que as combatem.

No dia de Santa Luzia, 13 de dezembro de 1838, um vaqueiro chamado Raimundo Gomes Vieira Jutaí partiu da vila do Itapicuru com dezoito homens, entrou na da Manga do Iguará e soltou os presos da cadeia, entre os quais estava um irmão seu. O destacamento local aderiu. "Data deste dia a revolução que o vulgo denominou Balaiada, do nome de um de seus mais assinalados caudilhos, e que tantos horrores e tão negros crimes espalhou pelas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará (2)." Todas as chamadas **jaquerias** de camponeses nasceram assim, repentinamente, sendo difícil deslindar a MÃO OCULTA que as impeliu e guiou. Um contemporâneo da Revolução Francesa reúne em uma obra reveladora certas coincidências eloqüentíssimas sobre as rebeldias campônias da Europa: os herdeiros de JACOBUS, de Jacob ou Jacques Molay, grão-mestre dos Templários, são aqueles rebeldes e bandidos da Idade Média apelidados JACQUES e, afinal, mais perto de nós, os JACOBINOS revolucionários e terroristas (3). O Jacobinismo é a doutrina incendiária. Jacob se identifica com Israel, o qual manobra através da cortina de fumaça das sociedades secretas...

Àqueles que riam ou mesmo sorriam da importância que damos a estas coincidências, levianamente julgadas acidentais, repetiremos as velhas palavras de Toussenel: "Os judeus formam uma nação na

nação e, muito embora o que façam e digam, se tornam em breve a **nação conquistadora e dominadora.** Que os cegos e os VENDIDOS, os que não vêem ou não querem ver não me incriminem por ter a vista mais aguda do que eles e a fibra nacionalista mais irritável (4)."

Assim, subitâneas e sem motivo justificado, estalaram todas as grandes revoltas de caráter campesino em diversos países, umas com feição socialista, outras com feição reacionária e outras, perdendo, no seu desenvolvimento, uma feição para assumir outra, às vezes inteiramente contrária. Os **robota** da Boemia e os **hoja** da Transilvania explodem da mesma forma, como nos mostra Barruel. A revolução campônia do Minho, em Portugal, se apresenta da mesma maneira. Idêntica é a cabanagem do Grão-Pará. Nas "Notas Diárias", Pereira de Alencastre escreve, referindo o crime inicial de Raimundo Gomes: "Era preciso um pretexto para que os ambiciosos e descontentes pudessem romper com o governo (5)." Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde do Araguaia, cronista dos acontecimentos, declarava, anos mais tarde: "Que MÃO OCULTA dirigia este drama não se pode duvidar. Era Raimundo Gomes incapaz de tomar tal resolução, posto que por seus hábitos muito próprio para executá-la (6)."

Quantos historiadores temos citado e vamos citando, antigos e modernos, que têm sentido a tal MÃO OCULTA nos sangrentos sucessos da Regência! Não fazemos mais do que identificar a Mão que sentiram, porém não puderam reconhecer.

Houve, como sempre, o preparo do **clima** necessário. O jornalzinho "Bemtevi", redigido em linguagem popular pelo maçon Estevam Rafael de Carvalho, atacava violentamente o presidente da província, Vicente Tomás Pires de Figueiredo Camargo. Acirrara-se uma luta de competência e prestígio, no seio dos municípios, entre os prefeitos e os juizes de paz. O presidente ficara do lado daqueles. O "Bemtevi", do destes (7). Isto levou o dissídio e o rancor à intimidade da vida municipal. "Raimundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteu-se em chefe do partido Bemtevi e os que o levantaram do pó da terra envergonharam-se de sua obra (8)." Rebentada a bomba, o presidente Camargo não viu. não quis ver ou não pôde a MÃO OCULTA que acendera seu estopim. Considerou e apresentou os rebeldes como simples salteadores de estrada.

Essa revolução matuta da Balaiada lembra em muitos pontos a rebeldia minhota a que já aludimos, vulgarmente conhecida pelo nome de Maria da Fonte, em 1846, cujo preparo foi visivelmente maçônico. Surgiam pelas aldeias indivíduos misteriosos, dando-se como apóstolos de novos credos, tal qual os que criaram o Reinado

Encantado da Pedra Bonita. Presos pelas ingênuas autoridades dos Conselhos, eram imediatamente postos em liberdade pelos governadores civis e voltavam às suas prédicas fanatizantes. Cometiam-se sacrilégios nas igrejas aldeãs, que provocavam a reação dos labregos. Um dia, repentinamente, as mulheres, armadas de forcados, foices e varapaus, invadiram a vila da Póvoa e, enquanto os sinos tangiam doidamente a rebate, soltavam os presos da cadeia, aos brados reacionários: — "Viva o Senhor Dom Miguel! Viva a Santa Religião!" Os comandantes dos destacamentos enviados para dar combate aos minhotos e, sobretudo, minhotas revoltados fraternizavam com eles e lhes mostravam as **confidenciais** que recebiam. Por que se alevantavam aqueles seareiros rudes e aquelas novas padeiras de Aljubarrota com a brava Maria da Fonte à testa, cantando "O Rei chegou!"? Uns querem que para se não sujeitarem a certas prescrições das chamadas Juntas de Saúde, como os cariocas, insuflados pelos positivistas, quando do caso da Vacina Obrigatória e do Quebra-Lampeão. Outros afirmam que os povos não queriam pagar o novo imposto de cruzado para as estradas (9). Os políticos, segundo Gomes de Amorim, "aproveitaram e colheram os frutos da revolução".

Mutatis mutandis, o que ocorreu no Maranhão. Campanha preparadora de imprensa, semeando a cizânia nos municípios. O golpe inesperado de Raimundo Gomes. Quais os motivos da rebelião? Vagos e variáveis. O cabecilha Militão Barros proclama em Pastos Bons a SANTA CAUSA DA LIBERDADE contra "o monstro e abuminável (sic), o cruel dragão, em fim o déspota da humanidade (sic), o português José da Costa Neiva" e contra a "desmoralizada lei da Prefeitura, a lei de ferro" (10). O Conselho Militar dos Balaios, em Caxias, exigia, depois, a destituição dos prefeitos (11). A proclamação do caudilho Balaio aos habitantes do Piauí fala do "despotismo do presidente Camargo", de abusos em geral contra as leis, no júri, no recrutamento e nas eleições (12). Muitos dos oficiais mandados contra as hostes balaias têm inteligências com seus chefes ou se deixam peitar por eles. O exército **faz que anda, mas não anda,** era o que se dizia à boca pequena, quando o governo do Império entregou à espada do futuro duque de Caxias a solução do conflito. E todos os documentos dos rebeldes terminam por vivas à Constituição, ao Soberano e à Santa Religião (13). A suprema habilidade do judaísmo-maçônico é enganar os que insubordina, fazendo-os pensar que estão seguindo seus pendores naturais. A gente de Maria da Fonte não dava vivas ao absolutista D. Miguel, inimigo fidagal da maçonaria, filho de Dona Carlota Joaquina que as lojas chamavam, como Militão Barros ao português Neiva, o DRAGÃO?...

No fundo das duas sublevações, o mesmo espírito de destruição da propriedade territorial, manifestando-se de forma incipiente na destruição dos registros e títulos que a comprovam e perpetuam, fermento socialista, senão comunista, muito digno de nota. Daí o ódio que, em geral, trazem os revolucionários contra os cartórios. As revoluções que não têm a coragem de arrasá-los ou de incendiá-los, tomam-nos violentamente aos antigos serventuários e os entregam a pessoas do peito, sobretudo de apoucada compostura moral para o cargo, da seqüela ou parentela dos dirigentes do movimento, para que o direito de todos fique à mercê de criaturas escolhidas. Aconteceu isso com a revolução de 1930, como é público e notório. Seu tão apregoado ESPÍRITO REVOLUCIONÁRIO, jamais definido em postulados doutrinários, é bem possível que tenha ficado encerrado nesse círculo restrito da tomada dos cartórios, de acordo, aliás, com a declaração alto e bom som do sr. Osvaldo Aranha: "Não há direitos adquiridos." O que equivale a não haver mais direitos de espécie alguma, nem mesmo o próprio conceito de direito.

No Minho, em 1846, os rebeldes passavam pelos Conselhos, "deixando queimados, nas regedorias, todos os papéis... Era triste ver, em roda, tudo alastrado de papéis rasgados e queimados: uns redemoinhando com o vento e outros servindo de joguete nas mãos dos rapazes, que os apanhavam às rebatinhas (14)." Os balaios praticavam comumente atos idênticos. Depõe João Brígido, narrando a tomada da vila cearense de Viçosa, na serra da Ibiapaba ou Serra Grande, província do Ceará, por um caudilho balaio, índio, o capitão Simão ou o terrível Matroá, que Gonzaga Duque alcunha de "bandoleiro famoso": "Aquele bruto invadiu o cartório da vila, e, de cócoras em cima da mesa do escrivão, deu ordem a seus soldados para lançarem fogo a toda aquela papelada! O escrivão, aflito, lhe suplicou: — Capitão, não me faça este mal; vivo destes livros e autos; extraio deles certidões, ganhando para meus filhos... — Não, não! lhe retorquiu o bárbaro. E, voltando-se para a sua gente, lhe disse: — Queima, queima tudo; aí é que está a velhacada! (15)"

A odienta concepção é digna dos comunistas de hoje. É preciso destruir tudo o que está organizado e, em tudo, o próprio passado. Sob todas as formas, guerra à tradição. A sugestão peçonhenta vem do fundo dos antros do Poder Oculto. Borbulha na queima ou na tomada dos cartórios, na destruição dos arquivos, no raspamento das próprias datas dos monumentos nacionais, como decretaram os sabinos bucheiro-maçônicos da Bahia...

A Balaiada começara a 13 de dezembro e o governo local somente vira nela pequeno surto de cangaceirismo. Mas, já a 2 de janeiro, Raimundo Gomes entrava na vila do Brejo e obtinha a adesão de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, que se tornou o general chefe das tropas bentevis. Começaram logo as maiores atrocidades contra os cabanos. Os dezoito homens do vaqueiro criminoso, que se aliaram aos presos libertados na Manga e aos soldados de polícia ali destacados, eram, agora, como escreve o visconde do Araguaia, "hostes devastadoras". "Por onde passa, o caudilho Balaio leva a tudo a fogo e a sangue (16)."

As populações apavoradas refugiam-se aonde podem e a jaqueria se alastra de modo assustador. Apesar do capitão Pedro Alexandrino seguir do Itapicuru com forças para bater os facciosos, Raimundo Gomes conquista Miritiba e avança para Tutóia, de onde, com cento e oitenta sequazes, parte a reunir-se ao bando de José Cardoso, na fazenda Marrequinha, preparando-se para atacar Parnaíba. O prefeito da vila, João Francisco de Miranda Osório ajunta gente e assume a ofensiva. O caudilho vaqueiro corre para a comarca de Campo-Maior, "a chamado de Lívio Lopes Castelo Branco, e na esperança de reunir novos sectários (17)."

Passou-se tudo isso em janeiro de 1839. Em fevereiro, Lívio junta-se a Raimundo Gomes e se encarrega de levantar o Piauí. "O facho revolucionário cada vez mais se ateia." O vaqueiro conquista Chapadinha e vai unir-se a Balaio, com o fito de tomar Parnaiba, cujo saque os seduzia. No dia 26, chega a São Luiz o novo presidente da província, Manuel Felizardo de Souza e Melo. Acha tudo na capital com aparências de paz. A revolta grulhava longe, nos sertões. Dias depois, sabia da junção de Raimundo Gomes repelido da Parnaiba com a gente do Balaio, apresentando-se ambos com grandes forças no Brejo. Diziam que Balaio pretendia vingar a desonra de duas filhas por um oficial, Antônio Raimundo Guimarães. Logo duas e pelo mesmo indivíduo! A história não é das que merecem inteira fé…

Em março, "receios na capital do Maranhão de que os rebeldes a querem atacar. Os ânimos estão exaltados e a imprensa prega abertamente as doutrinas mais desorganizadoras (19). Balaio tem engrossado suas fileiras com mais de mil homens, fora imensos grupos, que, em todas as direções, percorrem desatinados, saciando seus instintos ferozes no assassinato e no roubo" (20). É nesse ambiente, no dia 3, que o presidente toma posse, depois de haver levianamente comunicado à Regência que tudo estava calmo. Do Brejo a Itapicuru da Chapadinha à Tutóia, as matas estão inçadas de

sediciosos que atentam contra a honra, a propriedade e a vida dos indefesos moradores da redondeza. Praticam todos os excessos, que a pena de Gonzaga Duque pinta dramaticamente, excessos de **sans-culottes,** de bolchevistas da Tcheca, de judeus vermelhos, de mineiros asturianos. Os soldados de Pedro Alexandrino de pouco ou de nada servem: não encontram os rebeldes ou com eles tiroteiam fugazmente, sem travar nenhuma ação decisiva. As guerrilhas dos balaios prosseguem, sem peias, na obra de sangue e destruição. A revolta vai tomando cada vez maior incremento.

Os balaios precisam de uma base de operações em que se possam prover de recursos mais abundantes. Cercam a cidade de Caxias, a antiga Aldeias Altas, empório sertanejo. Sua posse lhes dará grande força moral. A população "errante e aventureira" dos arredores une-se a eles, cujos emissários arrebanham todos os párias do Maranhão e do Piauí, fomentando desordens livremente, graças à incapacidade e falta de meios que reduzem o governo provincial à impotência. "Desaparece completamente a segurança da vida e da propriedade!" Há cabecilhas ferozes que ostentam sempre as roupas nodoadas de sangue (21)!

As forças enviadas pelo presidente Manuel Felizardo em auxílio da cidade sitiada foram obrigadas a voltar do caminho para cobrir a capital, porque logo se espalharam boatos, alarmantes de um pretenso ataque a São Luiz. O governo caiu ineptamente nessa manobra típica das forças ocultas que insuflavam a anarquia. E Militão Bandeira Barros, Manuel de Souza Milhomem, Manuel Fernandes Lima e Pedro de Moura Albuquerque revoltam Pastos Bons e Mirador, no Piauí. Militão espalha uma proclamação em cassange. Milhomem reforça Balaio no cerco de Caxias. Lívio Lopes traz-lhe mais gente do interior piauiense (22).

A horrenda jaqueria avoluma-se ainda mais no mês de junho. É um verdadeiro inferno! No dia 30, Caxias desamparada cai em seu poder. Quatrocentos soldados rendem-se a mil e seiscentos balaios. Os rebeldes armam-se e municiam-se melhor com o seu botim. Aparecem caudilhos com curiosos nomes de guerra: Ruivo, Mulungueta, Pedregulho, Macambira, Tempestade. Há um judeu ou descendente de judeu: Cock! A cidade foi inteiramente saqueada! Horrores indescritíveis! Estabeleceu-se nela o Conselho Militar das Forças do Partido Bemtevi, que mandou emissários ao presidente da província, com as seguintes propostas: anistia, abrogação da lei da Guarda Nacional, processo legal dos presos existentes na capital, reconhecimento dos postos dos oficiais balaios de melhor conduta e oitenta contos de réis

em dinheiro de contado para indenizar a tropa! Era um verdadeiro exército chinês ditando condições ao poder enfraquecido... (23)

A rebeldia dominava os melhores pontos do interior: Brejo, Miritiba, Itapicuru, Pastos Bons, Passagem Franca, Manga do Iguará, Chapadinha e Caxias. Em duas províncias limítrofes, com um grande rio de permeio, o Parnaíba! Até sacerdotes tomavam seu partido: entre os enviados do Conselho Militar, se achava o padre Raimundo de Almeida Sampaio. Somente o bravo major Clementino de Souza Martins, marchando de Oeiras, a antiga capital piauiense, tomou-lhes, em julho, algumas posições à margem do rio, batendo-os em vários lugares e obrigando-os a fugir.

Em setembro, à sua aproximação, os balaios evacuam Caxias e se espalham pelas duas margens do Parnaíba. Atacados no Maranhão, fogem para o Piauí. Atacados no Piauí, fogem para o Maranhão. Batidos, dispersam-se. Concentram-se novamente e assaltam os povoados desguarnecidos. Tática de vendeanos. Derretem-se aqui. Aglutinam-se adiante. Eternizam a luta sem vantagens. A Balaiada é uma verdadeira chuaneria, ante a qual o governo vacila, o crédito míngua, as intrigas se tecem e todos os crimes se ostentam. Vem do Pará o coronel Francisco Sérgio de Oliveira, nomeado comandante das forças em operações, e o presidente reúne-se no Icatu às tropas de cobertura da capital, imobilizadas pelos boatos maçônicos, arma da confusão e da mentira. Durante o mês todo, o major Clementino, prático dos sertões, responde às guerrilhas com outras guerrilhas. Os rebeldes temem-no até que morre como um herói, ferido no ventre, no combate do Baixão. Substitui-o o capitão Antônio de Souza Mendes que tange o cabecilha Lívio Lopes para o Ceará (24).

No correr de outubro, organiza-se no Piauí mais uma coluna legal, a de Oeste, sob o comando do major José Martins de Souza, que projeta um ataque geral aos rebeldes. Perde lamentavelmente a partida e Raimundo Gomes, com dois mil homens, recupera Caxias, saqueada pela segunda vez e "teatro de horríveis cenas" (25). Não convém ao caudilho sertanejo enfurnar-se numa povoaçao, perdendo a superioridade de sua ação guerrilheira em campo livre, a sua mobilidade. Abandona-a em lastimável estado. Por isso, quando se seguem **pari-passu** as idas e vindas da Balaiada, se vêem a todo instante as vilas tomadas e abandonadas. Depois do saque, a retirada, a fim de se refazerem na tranqüilidade os bens para novo saque...

Paranaguá revolta-se em novembro. Os leais são derrotados nas trincheiras do Buriti Cortado, que retomam com reforços após quarenta e oito horas de fogo! À epopéia dos centauros Farrapos, no Sul,

responde a epopéia dos infantes infatigáveis, ao Norte. O porto da Conceição cai em poder dos sediciosos. Em dezembro, os balaios cercam no Estanhado a coluna de Antônio de Souza Mendes, e é nomeado comandante das forças do Paiuí um veterano dos quadrados do Passo do Rosário, José Feliciano de Morais Cid (26).

O ano de 1840 se inicia com a chegada de 550 soldados imperiais a Caxias, sob o comando do major Ernesto Emiliano de Medeiros. Um destacamento vindo de Piracuruca liberta Antônio de Souza Mendes, no Estanhado. Prossegue a enfadonha e estéril luta. É quando o governo da Regência sente a necessidade de acabar com aquela deplorável anarquia que a nada conduz, senão à exterminação da vida sertaneja. Impunha-se um comando único, civil e militar, em mão enérgica e experimentada, O coronel Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias, toma posse da presidência do Maranhão e do comando das armas no dia 7 de fevereiro. Trazia como chefe das forças navais o capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa, futuro marquês de Tamandaré. Os destacamentos começam a convergir para as zonas conflagradas. Vêm até do Ceará. Os balaios são derrotados no Sobradinho e defendem-se corajosamente em Morcegos, Maricota e Porto do Mato (27).

Em março de 1840, a comarca de Caxias começa a ser expurgada das guerrilhas que a infestavam e que se vão concentrar no Brejo. Em abril, aparece o poeta dos balaios, o goiano Pedro de Alcântara Soares, que "canta em versos o movimento revolucionário". É o autor das proclamações em estilo romântico, empolado e maçônico que substituem o cassange de Militão Madeira Barros. Em maio, Raimundo Gomes é expulso com seus bandos das matas do Curumatá e do Egito, passando-se do Piauí para o Maranhão. Os efetivos legais aumentam batalhões do Ceará, artilharia da Bahia, forças navais. Calculam-se os rebeldes, no entanto, ainda em cinco mil homens, nas comarcas do Brejo e Pastos Bons. Têm batalhões organizados e numerados. Seu uniforme significativo é a camisa vermelha, tão vermelha como as túnicas e gôndolas dos Farrapos do Sul! Coincidências... Sabem abrir e guarnecer trincheiras. As contínuas derrotas não os abatem e suas correrias não cessam. Durante seis dias consecutivos, são batidos em Frecheiras (28). E não querem ceder terreno.

A convergência das diversas colunas legais vai cerceando seus movimentos. Sente-se que um mando superior dirige com segura orientação as operações. Os bandos ferozes, refugados do Maranhão e do Piauí, correm para a muraiha da Serra Grande, no Ceará, invadindo e saqueando as povoaçoes de São Pedro, São Benedito e

Viçosa. Matam. Queima. Estupram. Paranaguá torna-se o centro polarizador da rebeldia. É aprisionado Francisco Lopes Castelo Branco, o famigerado Ruivo (29).

Um elemento novo e perigoso entra em cena, lançado à luta atroz como derradeiro trunfo: o escravo revoltado e armado pela própria sociedade em ebulição. O Espártaco da Balaiada era um facínora evadido da cadeia, o negro Cosme, que iibertava os cativos por onde passava, concitando-os às rebelião e ao ódio, distribuindo títulos pomposos com seus apaniguados, comandando a mais de três mil pretos em pé de guerra e se proclamando com empáfia: D. COSME I, TUTOR E IMPERADOR DAS LIBERDADES BEMTEVIS (30)!

Por toda a parte, de agosto em diante, os rebeldes são batidos: em Mombaba, na Serra Grande, no Regalo da Vida, no Brejinho, no Atrás da Serra, na Baixa Fria, no Olho d'Água da Jurema, na Curicaca, no Barro Vermelho e em Santa Maria. Vencidos, os balaios se espalham pelos campos gerais do Parnaiba ou escapolem para os ínvios araxás goianos. Os negros do IMPERADOR metem-se nos seus quilombos (31).

Em setembro, continua a conquista dos entrincheiramentos balaios do Bom Jesus, de Mocambos e Cocambos, suas linhas de defesa; mas, na ausência da tropa legal, volvem aos assaltos de surpresa e saqueiam, depredam, devastam Pastos Bons. Seu mais "sanhudo caudilho" no momento usa um nome de gesta sertaneja — Manuel da Figueira Damasquarem Feitosa Brasa Viva — e é preso por um destacamento. Outro, Manuel Lucas de Aguiar, morre nas cabeceiras do Gurguéia às mãos de um sargento. Nas emboscadas, trincheiras, tocaias e encontros, perecem mais de trezentos balaios. Passam-se pelas armas dezenas de outros. Todas as suas tentativas de concentração são impedidas. A revolta de Paranaguá extingue-se (32).

A par dos negros, os índios se haviam também rebelado, saqueando e incendiando quanto podiam, sob as ordens de seus brutos capitães, Simão e Matroá. Bate-os e redu-los à obediência uma expedição cearense comandada pelo capitão Jacarandá, veterano das contendas sertanejas. Os cabecilhas Pio, Valério, Dantas e Manuel Preto rolam de revés em revés. Por mais esforços que empregue para reorganizar suas tropas, o vaqueiro Raimundo Gomes vê-se quase abandonado (33).

Luiz Alves de Lima, estratego e político, lança, então, mão da arma de que se valerá com grande proveito mais tarde, no fim da revolução farroupilha, após as necessárias demonstrações de força e

de energia, que firmam o prestígio da autoridade: a clemência para os vencidos. Publica um decreto de anistia e, sucessivamente, "vão se apresentando até um mês depois mais de dois mil rebeldes". Os últimos caudilhos em armas são batidos. Uma após outra, falham todas as tentativas de Raimundo Gomes, o mais teimoso deles. Em janeiro de 1841, "os rebeldes do Maranhão e Piauí, cansados de uma luta inglória, derrotados por toda a parte e perseguidos energicamente, resolvem depor as armas e acobertar-se sob o manto da anistia... O presidente do Maranhão declara pacificada a província", no dia 19 (34). Para isso, também contribuíra em grande parte a proclamação da maioridade de D. Pedro II, que era um ponto do programa de reivindicações do partido Bemtevi (35), quando tal reivindicação não podia ser deferida... Agora, o pretexto servia para a paz. A 3 de abril, o coronel Morais Cid proclamava, em ordem do dia, extinta a revolta no Piauí.

O futuro duque de Caxias operara prodígios nas províncias sublevadas, onde contava com poucas e indisciplinadas tropas; a cada passo se amotinando pelo grande atraso dos soldos, transformando os próprios balaios que se iam entregando em soldados da legalidade e dispondo de parcos recursos em dinheiro, homens, armas e munições. Mas seu espírito de ordem e disciplina, sua capacidade de organização a tudo supriram. Formou a Divisão Pacificadora do Norte, dividiu-a em colunas volantes convergentes e estabeleceu depósitos e hospitais convenientemente fortificados. Restaurou a disciplina e a economia. Renovou a administração. A todos, amigos e inimigos, se impôs pela "severidade de seus costumes e a dignidade de seu proceder." O título que lhe foi posteriormente dado de barão de Caxias, que elevaria a duque, único duque do Império, significava: "disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória (36)."

Hoje, que conhecemos as diretivas internacionais judaicas do Komintem, órgão da revolução mundial marxista, recomendando a **guerra de raças,** incitando os negros norte-americanos aos graves distúrbios do bairro novaiorquino de Harlem e tentando a formação de **frentes negras** no nosso país, compreendemos bem de onde deve ter partido a inspiração dos levantes de índios e, sobretudo, de pretos, durante a Balaiada. Se os historiadores que lhe esmiuçaram as datas e os fatos aparentes, tivessem os atuais conhecimentos da questão judaico-maçônica, teriam observado melhor essa parte dos acontecimentos e nos deixado preciosos subsídios.

O TUTOR E IMPERADOR DAS LIBERDADES BEMTEVIS, o negro Cosme, chefiando a insurreição da escravaria, como seu com-

parsa, o negro Diamante, dos cabanos, e capitaneando os quilombolas de seu imenso séquito de três mil homens, é um índice muito apreciável. No seu ódio aos brancos, desavindo-se até com os próprios bentevis, em cujo socorro erguera o estandarte da rebelião, mostra a perversa habilidade das forças ocultas suscitando maquiavelicamente esse sentimento destruidor. Aprisionou-o no seu quilombo fortificado da Lagoa Amarela o balaio convertido à legalidade, Francisco Ferreira Pedrosa. Ainda tinha consigo mil e setecentos homens!

No seu desamparo final, Raimundo Gomes procurara asilo nas hostes negras; mas o IMPERADOR DOS BENTEVIS desconfiava dele e ia mandar matá-lo, quando o astuto vaqueiro farejou o perigo e se escafedeu, indo apresentar-se ao coronel Luiz Alves de Lima, no quartel general de Miritiba. Anistiado, temendo vinganças particulares, retirou-se para S. Paulo, onde morreu (37).

A aventura do IMPERADOR NEGRO nos traz à lembrança a de um Imperador índio de estofo semelhante, ocorrida no Paraguai, na segunda metade do século XVIII. Os jesuítas haviam criado ali um verdadeiro Estado Guarani, elogiado até pelos historiadores protestantes como Boehmer. O Paraguai é o ponto mais nevrálgico do continente, passagem obrigatória nos rios que levam ao coração da América Meridional. Compreenderam isso os conquistadores espanhóis que fundaram Assunção. Há um empenho constante e manifesto das forças internacionais em estabelecer ali o seu domínio. Foram elas que escreveram com o sangue dos paraguaios e bolivianos inutilmente sacrificados os trágicos capítulos da guerra do Chaco. De acordo com o legado do barão Hirsch, os judeus pretendem fundar sob o disfarce da colonização uma República Israelita abrangendo essa parte do território sul-americano, onde entestam fronteiras Paraguai, Argentina, Brasil e Bolívia. Tudo poriam em prática para minar e destruir a obra da civilização jesuítica-guarani processada de modo admirável.

Um dos meios era o envio de emissários que se fingiam jesuítas e procediam de modo a desacreditá-los entre os selvagens. Apareciam nas malocas vestidos como os padres da Companhia e em busca fingida de prosélitos. Plantavam uma cruz, davam presentes aos indígenas, exortavam-nos a abraçar o cristianismo e, depois de os reunirem em grande número, os levavam a lugar propício, onde, com outros comparsas, de surpresa, os chacinavam com requintes de perversidade. Os índios, convencidos de que eram verdadeiros jesuítas, tomavam-se de ódio e faziam com que os catequisadores corressem sérios perigos ao se embrenharem nas selvas (38). Vimos no

primeiro volume desta "História Secreta", no capítulo "O Ninho do Contrabando", o que muitos judeus, fantasiados de padres, apanhados com a boca na botija pela Inquisição de Lima, costumavam praticar no interior do Peru, a fim de desmoralizar o clero e a religião.

Conta-se que um desses agentes de descrédito conseguiu penetrar como irmão leigo no seio da Companhia de Jesus, para renegá-la oportunamente e provocar uma sublevação dos indígenas aldeados nas reduções, a qual custou muito sangue. Era um aventureiro espúrio chamado Nicolau Rubiuni, disfarce do nome judaico de Ruben, o qual, segundo dizem, chegou a se proclamar D. Nicolau I, Rei do Paraguai e Imperador dos Mamelucos, cunhando moeda (39).

Não entra absolutamente em nossos propósitos e cogitações examinar a autenticidade dessa questão histórica, da qual sabemos existir abundante, original e curiosa documentação no precioso arquivo do dr. Alberto Lamego, adquirido pelo governo do Estado de São Paulo. Os que se interessarem pelo caso que o elucidem. O que temos em mira é simplesmente ressaltar o parentesco dos títulos exóticos com certeza saídos da mesma forma, visando ao ridículo da majestade imperial: IMPERADOR DAS LIBERDADES BENTEVIS e IMPERADOR DOS MAMELUCOS. **Exdigitus gigans...**

No labirinto cretense das intrigas maçônicas que confundem e dilaceram a humanidade, em cujo insondável recesso se oculta satanicamente o Minotauro do Judaísmo à espera do momento de devorar as gerações cristãs, o menor fio de Ariadna não pode nem deve ser desprezado para nos guiar no dédalo trevoso e ensangüentado. Mas é preciso, sobretudo, não ter medo do Minotauro. Quem o tiver estará perdido.

Capítulo VI

A RESTAURAÇÃO DA AUTORIDADE

Os homens de bem sentiam a necessidade urgente de restaurar o prestígio do governo central, destruído pelo conluio maçônico de que resultara o 7 de abril. Os estadistas de responsabilidade pensavam assim, diante do panorama ensangüentado das províncias em permanente agitação. A República Farroupilha continuava como ameaça grave e constante na fronteira meridional. Esses estadistas eram, na maioria, maçons ideológicos. Muitos—honrados, sinceros, patriotas. Se eles soubessem que, por trás das lojas onde se prega o falso liberalismo e o falso humanitarismo, existem o paladismo-satânico e o estado-maior silencioso de Israel, com o plano dos seus "Protocolos", preparando a ruína da civilização cristã, decerto recuariam horrorizados e abjurariam o maçonismo.

Desde que, através da Reforma luterana e do calvinismo, o judaísmo introduziu o micróbio do livre-exame na consciência coletiva do mundo cristão ocidental, grande e perigosa confusão de idéias envolveu os homens arrancados a um pacto social unitário. Há, no domínio social e político, liberais sinceros que querem o liberalismo **até certo limite.** Logo que o liberalismo tende para formas meio socialistas, isso lhes repugna. Há os socialistas mais ou menos avançados, que querem o socialismo **até certo limite.** Desde que o socialismo se desenvolva no sentido do comunismo, condenam a este e o combatem. São sinceros, porque ainda não compreenderam que a revolução mundial de Israel é um plano diabólico e milenário que se vai desenrolando em etapas sucessivas e fatais, umas logicamente dependentes das outras, de modo a provocar o mínimo possível de reações. São sinceros, porque ainda não viram claramente que o liberalismo é o caminho do socialismo, o socialismo a porta do comunismo e o comunismo o corredor de passagem, segundo a sua própria técnica, para o anarquismo.

Pois bem, muitos dos estadistas brasileiros eram maçons **até certo limite** e entendiam imprescindível a centralização e o reforço do poder para salvar o país do esfacelamento. Para isso, só havia um meio prático: destruir a obra do 7 de abril, levantando outro Imperador no trono reposto em seu devido lugar. O menino imperial, que estudava com severos professores no paço de São Cristovam, que assistia tristemente pensativo às sizudas reuniões de ministros e conselheiros de Estado, que não brincava, não corria, não ria alto, devia logo ser **feito** homem para o **ingrato,** o **perjuro** D. Pedro I, o espantalho de 1835, fosse substituído e dignificado por D. Pedro II.

Nove anos horríveis haviam decorrido desde aquela madrugada de abril em que o primeiro Imperador, depois de esperar em vão se encontrasse o fugidio senador Vergueiro, Venerável da Bucha e da Acácia, resolvera num gesto de enjôo abdicar. E, nesse período entrecortado de crimes, desordens, sublevações e repúblicas separatistas, o Moloc da política judaico-maçônica-liberal devorara quatro Regências: a Provisória, a Trina Permanente e as duas Unas, com todos os gabinetes ministeriais que as haviam servido. Era necessário agora alguém fora e acima dos partidos, fora e acima dos conluios para ser o árbitro supremo das lutas e competições, o guia da Nação enferma no caminho da paz. Ali estava esse único guia, o principezinho-refém do 7 de abril à espera do trono de seu pai. Mas o preceito constitucional lho vedava antes dos dezoito anos e contava somente pouco mais de quinze...

O bom senso acordara diante do acervo horrendo de calamidades. A questão da maioridade de D. Pedro II preocupava a toda gente. Desde muito. Em 1835, aparecia num projeto de Luiz Cavalcanti. Em 1837, noutro de Vieira Souto. Em 1839, consultado, Acaiaba de Montezuma opinava em seu favor (1). Em abril de 1840. José Martiniano de Alencar propôs, de acordo com o estilo maçônico daquela época de clubes e sociedades, a formação de uma sociedade destinada a promover o casamento imediato de D. Pedro II. Era uma fórmula de torná-lo maior sem reformar a constituição, o que criaria dificuldades. Inúmeros liberais aderiram a esse clube. Formava-se a chamada **corrente maiorista,** que aumentou consideravelmente de julho a novembro (2). No seio da Câmara dos Deputados, se erguem, senão, as vozes sonoras, empoladas, tremidas dos oradores que mostram, de Norte a Sul, o Brasil retalhado, arquejante, sangrento, moribundo. Barreto Pedroso, que ultimara a Sabinada, declara querer um "governo armado de mais força", uma "ditadura legal para evitar a ditadura despótica, a ditadura militar". O próprio Antônio Carlos, corifeu dos

conchavos secretos desde a aurora do século, areopagita, iluminado e pedreiro-livre consumadíssimo, se reconcentra e reconhece, no seu estilo inspirado nos quadros de David e nas tiradas de Talma, que o país passa pela "noite que precedeu a morte de Galba e a usurpação de Oton"... As galerias ignoram absolutamente quem foram Oton e Galba e o que se passou naquela noite romana, mas batem palmas tanto mais fortes quanto menos entendem. Antônio Carlos curva ligeiramente, agradecendo, a cabeça encanecida—

Sentia-se, com efeito, a necessidade de um pulso que detivesse a Nação no seu contínuo rolar para a anarquia. Havia quem pensasse na espada ditatorial de um cabo de guerra vitorioso. A podridão política da Regência não permitira que nenhum general se alçasse acima da craveira comum. Faltara a um soldado feliz o luminoso prestígio que só dão as vitórias sobre os inimigos externos. A lembrança maçônica do que se passara na Revolução Francesa sugerira ao Senado, em 1839, quando os balaios devastavam o Norte e os Farrapos tinham alcançado Santa Catarina, a criação de uma Junta de Salvação Pública. Seria a tirania dos triunviratos. A idéia, felizmente, morreu no berço.

Desde o começo do movimento pró-maioridade, a Regência naturalmente se lhe opõe. Julga-o inoportuno e perigoso, além de fundamentalmente contrário ao texto constitucional. Todavia, ele agita as duas casas do Parlamento, onde há quem se atreva a falar em **ato revolucionário do legislativo** (3). É uma boa semente lançada à terra. Não se pode vislumbrar bem por que, de repente, quase todos os maçons abraçaram a causa, que, na maioria, combatiam ao princípio. Teria a maçonaria receio de que o país viesse a cair sob a espada de um ditador ou achava melhor contemporizar, coroando logo o menino imperial, a fim de mais facilmente destruí-lo e, assim, acabar de vez o Império, seu sonho dourado? A Religião do Segredo tapa a boca dos que poderiam falar. Mas o fato é que os **grosbonnets** do maçonismo e do buchismo se esgüelam em sua defesa: José Clemente Pereira, Martim Francisco, Antônio Carlos e outros.

A Fala do Trono de 1840 abriu a discussão em torno do assunto. Prepara-se o projeto de reforma do artigo 121 da Constituição, que fixa a maioridade nos dezoito anos. "Com o fim de pôr termo à Regência de Araújo Lima, depois marquês de Olinda, a oposição liberal levantara a questão da declaração da maioridade do Imperador D. Pedro II, que apenas contava 15 anos. No Senado, Holanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque, apresentou nesse sentido um projeto, que caiu no dia 20 de maio. Nas sessões de 20 e 21 de julho,

os deputados Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, Manuel Antônio Galvão e Antônio Carlos de Andrada renovaram a questão. Carneiro Leão, depois marquês do Paraná, líder da maioria conservadora, combateu o projeto por inconstitucional. Elegeu-se, entretanto, uma comissão especial para dar parecer. No dia 22, o regente completou o Gabinete com a nomeação de Bernardo de Vasconcelos para a pasta do Império e resolveu, por proposta dos ministros, adiar a reunião das Câmaras. A leitura do decreto de adiamento deu lugar a protestos da oposição e produziu grande agitação na cidade. A convite de Antônio Carlos, muitos deputados, seguidos pelo povo, dirigiram-se ao paço do Senado e aí se reuniram aos senadores sob a presidência do marquês de Paranaguá, Vilela Barbosa. Uma deputação foi enviada ao jovem Imperador, para pedir-lhe que entrasse logo no exercício das suas atribuições. O regente e os ministros estavam com o Imperador, quando a deputação chegou, e, à vista do pronunciamento de tantos representantes da nação e das manifestações populares, ficou resolvida a convocação da Assembléia Geral para o dia seguinte. De acordo com essa decisão, redigiu-se logo um decreto, assinado pelo regente e referendado pelo ministro Vasconcelos, que, depois desse ato, resignou o seu cargo. Os outros membros do Gabinete continuaram a despachar o expediente até o dia 24; em que foram lavrados os decretos de nomeação dos novos ministros. A expressão — "Gabinete das nove horas" — que se lê em alguns escritores, é imprópria, porque só Vasconcelos é que foi ministro apenas nove horas. Os seus colegas governavam desde 18 e 23 de maio (4)."

Que tinha a maçonaria com Bernardo de Vasconcelos ou que tinha Bernardo de Vasconcelos com a maçonaria? É um mistério que talvez não possa ser esclarecido nunca. A verdade é que Feijó prefere renunciar à Regência a aceitá-lo no seu ministério e que os outros preferem a maioridade à sua permanência no poder...

Bernardo de Vasconcelos, ministro de nove horas, a quem devia com certeza caber a Regência pela renúncia fatal e breve de Araújo Lima, tentou resistir ao golpe. Não o pôde. A maçonaria estava, talvez discretamente, mas estava no outro prato da balança. Ela aproveitava a velocidade adquirida da opinião geral pró-maioridade, a fim de fazer o Imperador antes que outros o fizessem. "Três condições, diz Calógeras, eram precisas para a vitória dessa corrente emancipadora: aquiescência imperial, voto do parlamento e o aplauso de uma opinião pública favorável (5)." A opinião sabemos que era toda a favor, expressando-se até nos versos populares. O voto do legislativo estava

de antemão garantido. Quando os emissários das Câmaras perguntaram ao jovem soberano se queria ser maior para reinar, respondeu com firmeza: — "Quero já!" Que havia de fazer diante disso Bernardo de Vasconcelos? Apelar para a tropa; mas a tropa, em sentido contrário embora, procedia como procedera no 7 de abril: falhava no momento em que se precisava dela. Já o Corpo de Estudantes da Escola Militar marchava com seu comandante à frente para o campo de Sant'Ana, imutável lugar de encontro das manifestações e sedições militares. Vinha disposto a defender pelas armas os partidários da maioridade no Parlamento. O comandante das armas da Corte, brigadeiro Francisco de Paula Vasconcelos, aderiu aos maioristas. O ministro do Império curvou a cabeça e retirou-se...

De ordem já de D. Pedro II, Senado e Câmara foram convocados em sessão conjunta para o dia 23 de julho de 1840. Reuniram-se deputados e senadores às nove horas da manhã. Não houve um protesto de parte dos que defendiam na véspera a continuação da Regência, quando a votação legalizou o ato revolucionário do dia anterior. Parece que a Divindade do Mistério lhes havia ordenado silêncio. Uma tempestade de aplausos, porém, cobriu a voz do marquês de Paranaguá ao ler, como presidente do Senado, a declaração da maioridade imperial. Os acontecimentos processavam-se a toque de caixa. Às três horas e meia da tarde, D. Pedro II prestava o juramento constitucional como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil. Por que tanta pressa? Havia receio de qualquer coisa?...

Estava salva, **providencialmente,** a unidade nacional, herança preciosa de nossos maiores. A restauração da autoridade, depois de vencer ainda dois surtos revolucionários desencadeados pelas sociedades secretas, o dos liberais de São Paulo e Minas, em 1842, e o dos praieiros de Pernambuco, em 1848, depois de apagar as derradeiras brasas do borralho farroupilha, traria ao Brasil quase meio século de paz interna, de costumes moralizados, de honestidade administrativa e de projeção diplomática e guerreira no exterior. As bandeiras auriverdes tremulariam vitoriosas em três capitais do continente. Um sentido imperial se firmaria na tradição militar, na vida administrativa, na aplicação da justiça, no desenvolvimento das artes, sobretudo a música e a pintura.

Um Imperador que nunca transpusera a soleira de uma loja, que jamais transporia o limiar de uma amante, pai de família, cidadão e homem exemplar, impunha, com a sua grandeza moral, ordem, respeito e tranqüilidade. Talvez não tivessem saído muito certos os cálculos maçônicos nas pressas da maioridade. Maçonaria e Bucha,

seu aliado — o positivismo, e o judaísmo, mestre de todos, não sossegaram, durante todo o Segundo Reinado, como veremos no terceiro volume desta história, enquanto não derrubaram o Império solapado pela sua atuação. À Coroa Imperial sucedeu, então, a Estrela Flamígera enfiada no Gládio Maçônico. As gerações de homens educados pela Bucha, que Júlio Frank fundara no início do período regencial ou no fim do Primeiro Reinado, chegaram afinal ao poder. São Paulo, capital da Camorra de Cima, foi explorado e sugado na sua produção cafeeira e na sua projeção política. A corrupção republicana trouxe o descontentamento generalizado, explodindo em solfataras de lama ou de sangue. Mazorcas. Quarteladas. Pronunciamentos. Golpes. O forte de Copacabana. Revoluções de 1924,1930 e 1932. O surto comunista de 1935. Em derredor, súcubos, íncubos, vampiros, ladrões, cáftens, agentes do judaísmo, toda a fauna das trevas, numa farândola de monstruosidades sociais, a ditar leis. Na face dos patriotas, passando de hora em hora o sopro quente do Minotauro resfolegante no fundo do antro, à espera de devorar a presa...

Estamos a um século do período da Regência. A anarquia no domínio dos fatos não é tão grande. Mas, no domínio espiritual, é maior e, sobretudo, mais profunda. Essa profundidade se traduzirá nos fatos, mais dia, menos dia. A daquele tempo de Sociedades e Clubes se espraiava na superfície. A deste de Ligas e de Células mergulha suas raízes venenosas nos abismos das almas revoltadas com sede de justiça. Outrora, havia o perigo da fragmentação do Brasil com a proclamação de meia dúzia de republiquetas liberalóides, como as da América Central, onde a vida, apesar dos pesares, continuaria possível. Agora, na retaguarda dos movimentos liberais, virão, fatalmente, os golpes comunistas que sovietizarão o país e o entregarão ao judeu russo, internacional. A vida não será mais possível, a não ser na mais abjeta escravidão.

Quem restaurará a autoridade no Brasil? Não o sabemos; sabemos, porém, que no mundo somente poderá ser restaurada pelo reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Cristo Rei será a salvação de todos os povos. Os homens não passam de instrumentos de Sua Vontade.

APÊNDICE

OS GRANDES MAÇONS DO BRASIL

A 28 de abril de 1936, a loja maçônica **União e Progresso,** de Vitória, capital do Espírito Santo, publicou um manifesto ou coisa que a valha no jornal local "O Estado", do qual extraímos escrupulosamente a seguinte lista de maçons históricos:

"A Loja 'União e Progresso' é apenas uma partícula do grande Oriente do Brasil, instalado, há séculos, na capital do País, à rua do Lavradio nº 97, onde se acha legalmente constituído **o seu poder Maçônico** e por onde passaram os brasileiros mais eminentes na política, nas armas, nas artes e nas letras, tais como: Olympio da Silveira, Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Alcindo Guanabara, almirante Jaceguay, Macedo Soares, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Machado e Silva, general Andrade Neves, marechal Almeida Barreto, Américo Brasiliense, barão de Macahuba, Bernardino Campos, Carlos Peixoto Filho, barão de Cotegipe, Benjamin Constant, Casemiro de Abreu, o regente do Império, padre Diogo Antonio Feijó, almirante Eduardo Wandenkolk, Euzébio de Queiroz, Evaristo Ferreira da Veiga, Rangel Pestana, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Fausto Cardoso, Torres Homem, senador Francisco Clycerio, conselheiro Gaspar da Silveira Martins, general Thaumaturgo de Azevedo, general Gomes Carneiro, marechal Hermes da Fonseca, Martins Junior, Junioir, Julio Ribeiro, visconde de Cayru, José Clemente Pereira, o ator João Caetano, José do Patrocínio, Saldanha Marinho, o patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, almirante Joaquim José Ignacio, visconde de Inhaúma, barão de Ramalho, Tenreiro Aranha, general Menna Barreto, barão de São Gabriel, Joaquim Nabuco, visconde do Rio Branco, Lauro Muller, o grande negro brasileiro, Luiz Gama, o naturalista Luiz Monteiro Caminhoá, duque de Caxias, Campos Salles, marquês de Abrantes, generalíssimo Deodoro, general Osório, maestro Marcos Portugal, Carlos Gomes, **os dois Martim Francisco Ribeiro de Andrada, pai e filho** (1); Nilo Peçanha, Nunes Machado, Pedro I, Prudente de Moraes, Pinheiro Machado, Quintino

Bocayuva, Sampaio Ferraz, Silva Jardim, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, o notável humorista Urbano Duarte, Ubaldino do Amaral, Valentim Magalhães, visconde de Taunay, Washington Luiz e vários outros.

Do clero brasileiro, também fizeram parte da Maçonaria os não menos ilustres: Bispo do Rio de Janeiro, Dom Manoel Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá, sagrador, coroador e celebrante do casamento de D. Pedro II, Bispo de Pernambuco, Dom J. J. da Cunha de Azevedo Coutinho, (célebre escritor), Frei Norberto da Purificação Paiva, Frei Francisco de S. Carlos, Frei Francisco de Mont'Alverne (o maior pregador brasileiro do século XIX), Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, (exímio orador, escritor e político), padre Luiz Gomes de Menezes, padre Joaquim Auliciano Pereira de Lyra, padre José Ferreira da Cruz Belmonte, padre Vicente Ferreira Alves do Rosário, padre (vigário) Eutychio Pereira da Costa, padre D. José Caetano (primeiro presidente da Constituinte), padre Diogo Antônio Feijó (regente do Império), padre José da Silva Figueiredo Caramuru, padre José Capistrano de Mendonça, padre Bartholomeu da Rocha Fagundes, Frei Cândido de Santa Izabel Cunha, Frei Antônio do Monte Carmelo, Cônego Ismael de Senna Ribeiro Nery, padre Francisco José de Azevedo (inventor de uma máquina de escrever), padre Antônio Álvares Guedes Vaz, padre Ernesto Ferreira da Cunha, padre Francisco Peixoto Levante, padre Antônio João Lessa, Padre José Rodrigues de Carvalho Celeste, Cônego Januário da Cunha Barbosa (fundador do Instituto Histórico Brasileiro, capelão do Paço Imperial, Reitor do Seminário do Rio de Janeiro), padre Manoel Ferreira Pita, Frei Carlos das Mercês Mecheli, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Cônego Francisco L. de Brito Medeiros Campos, Cônego dr. João Carlos Monteiro, padre Thomaz dos Santos Marlano Marques, padre Albino de Carvalho Lessa, padre Lourenço de Albuquerque Loyola, padre Manoel Cavalcante de Assis Bezerra de Menezes, padre Francisco João de Arruda, padre José Roberto da Silva, padre Cândido Ferreira da Cunha, padre Guilherme Cypriano Ribeiro, padre Torquato Antônio de Souza, padre João da Costa Pereira, Padre Francisco Marcondes do Amaral, padre Antônio da Imaculada Conceição, padre José Sebastião Moreira Maia, padre Antônio Areias, padre Paulo de Maia, padre José Mendes Leite de Almeida.

Aqui, no nosso Estado, fizeram parte desta Loja os eminentes capixabas: Muniz Freire, Cleto Nunes, Graciano Neves, Barão de Monjardim, ex-presidentes do Estado e senadores da República, dr.

Silvino de Faria, dr. Antônio Aguirre, desembargadores Gregório Magno, Genuíno de Andrade e Getúlio Serrano.

Entre os vivos existem nomes respeitáveis, tais como, desembargador Batalha Ribeiro, dr. Araujo Primo, dr. Afonso Lyrio, d. d. juiz Seccional no Estado, deputados federais, drs. Ubaldo Ramalhete e Francisco Gonçalves, deputados estaduais, dr. Tinoco e Areno Barbosa e muitos outros, que seria fastidioso enumerar." (Os grifos são nossos).

"FORÇAS SECRETAS QUE CONDUZEM O MUNDO"

No seu número de 19 de dezembro de 1935, o vespertino carioca "A Nota" publicou este documento interessante:

"A propósito do nosso editorial, subordinado àquela epígrafe, recebeu o dr. Geraldo Rocha, signatário daquele escrito, a seguinte carta, que amplia e confirma toda a sua argumentação e paralelos comentários:

"Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1935 — Exmo. sr. dr. Geraldo Rocha — Capital.

Não foi sem surpresa e emoção que li o seu magnífico artigo de 29 de novembro último, a propósito das "forças secretas que conduzem o mundo" e fazendo alusões à nossa sociedade estudantina, a "Burschenschaft", fundada em 1835, em São Paulo, pelo judeu alemão Jules Frank, e da qual sou membro dos mais obscuros há mais de 30 anos.

Pelo que me foi dado observar, quer nos bancos acadêmicos, quer na vida pública, a "Bucha", abreviação que se dá à referida sociedade secreta, foi a coisa que, no meu tempo, o estudante mais levou a sério, conquanto pouco depois de minha formatura, tenha constatado, de reflexão própria, que a referida sociedade maçônica escondia no seu bojo uma torpíssima manobra judaica contra os que nela acreditaram. Embora fazendo parte do número de suas vítimas, cumpri, porém, o meu juramento solene, de não revelar em tempo algum — sequer à minha esposa e filhos — o segredo que foi de mim exigido (diria melhor: extorquido...) na alvorada inexperiente dos meus 24 anos, quando, para todos nós, a vida ainda é um sonho!

Uma vez, porém, que o eminente redator da "A NOTA" revelou, em público, o segredo, creio útil lhe oferecer, pela presente, algumas considerações com relação à referida sociedade secreta, seus objetivos e resultados. É o meu depoimento para a história... A "Bucha", como v. s. diz muito bem, sempre exerceu e ainda exerce grande influência na vida brasileira, pois que subsiste, em toda a sua plenitude, dela fazendo parte, ainda hoje, várias personalidades que no momento ocupam cargos públicos elevados. Não houve, infelizmente, até a presente, quem tivesse a coragem de desvendar as insídias daquela sociedade maçônica judaica, cujos objetivos ocultos são desconhecidos, ainda, da maioria dos seus membros!

Relatemos, pois, os fatos como se passaram, no que se refere ao autor destas linhas:

Em princípios deste século, cheguei à Paulicéia, procedente do Norte do Brasil, apto, aos 19 anos, para cursar a Faculdade de Direito de São Paulo. Feitos os exames e admitido, iniciei o meu curso. Tenho, ainda, em mente, uma grande lista de contemporâneos, dos quais, alguns, ocuparam e ocupam cargos de responsabilidade na República.

Terminado o meu terceiro ano, fui procurado, certo dia de 1907 ou 1908, por um estimado colega e amigo — neste momento ministro de um Tribunal de Justiça do país — que me anunciou, como boa nova, o ter sido eu admitido na "Bucha", uma sociedade secreta existente em São Paulo e que, dizia ele, "tinha fins absolutamente altruísticos", dentre os quais, o "auxílio desinteressado ao estudante pobre". Deu-me a nova cheio de alegria, como se me tivesse anunciado uma honra insigne, determinando, ao mesmo tempo, que até o dia da posse eu não devia revelar uma palavra do que me era notificado. Na mesma ocasião recebia eu de vários colegas abraços e felicitações, em tons misteriosos, sem que eu percebesse, realmente, com que fundamento... Também na minha ignorância e boa fé de adolescente não procurei saber mais detalhes de semelhante instituição. Decorridos alguns dias, fui despertado alta madrugada, por um grupo de colegas, que me convidaram a vestir-me e a acompanhá-los, sem, contudo, explicarem do que se tratava. Obedeci. Momentos depois era introduzido num casarão (que se não me falha a memória era situado na rua do Carmo) e conduzido ao salão nobre da sociedade maçônica, onde encontrei, reunida, toda a "Bucha". O aspecto geral era solene e denotava algo de misterioso e de tenebroso. A mesa, presidida por vários colegas, em parte meus conhecidos, e "fantasiados" com uma capa preta, semelhante à Tuna de Coimbra e **masca-**

rados... No recinto, grande parte da mocidade da Faculdade de Direito daquela época. Minha surpresa foi enorme, porque, amigos íntimos, que pareciam não ter segredo para mim, lá estavam, firmes, respeitosos, como se estivessem na mais austera das cerimônias religiosas! Dentre eles ainda distingo, hoje, a figura sempre correta de um ex-presidente da República; a simpatia de um ex-ministro da Fazenda; o vigor de um dos atuais ministros do Tribunal de Contas, enfim, uma série de personalidades, em grande parte ainda vidas, e que, no momento ocupam cargos de responsabilidade na administração pública!

Nas paredes, pregados sobre fundos negros, vários esqueletos, com dísticos mais ou menos nestes termos: "Aqui jaz o infame..." Explicaram-me que se tratava de colegas que admitidos na "Bucha", revelaram os seus segredos, e foram considerados "traidores"... Alguém chegou a cochichar-me que tinham sido "assassinados"... Apavorei-me, porque conhecia um dos nomes dados como "infame".

Convidado a comparecer à mesa, prestei o meu juramento de fidelidade à instituição e de "manter absoluto segredo de tudo o que dali em diante ia ver e observar"... Soube, efetivamente, logo após, que a "Bucha" socorria e auxiliava estudantes pobres, custeando mesmo o curso de alguns, embora nunca se soubesse dos nomes dos beneficiados e a proveniência do dinheiro... Verifiquei, mesmo, certa vez, que dentre os beneficiados se achava um estudante que galgou a presidência da República...

Concluído o meu curso e de volta ao meu Estado, entrei na vida prática e na luta pela vida, chegando a praticar, momentaneamente, a política, e não mais me lembrando da "Bucha" e de seus mistérios e singularidades. Mesmo distante, não deixava, entretanto, de acompanhar a evolução da vida pública de alguns colegas e contemporâneos que permaneceram na minha estima. Ilustres uns, e medíocres outros, porém, quase todos, associados da "Bucha"...

Tendo sido um aluno de certo destaque, e, segundo alguns observadores, concluído o meu curso "com brilhantismo", surpreendia-me, todavia, o fato de ver, com freqüência, alguns colegas, de evidente mediocridade, se iniciarem na vida, — desde os bancos acadêmicos — com escandaloso sucesso! Começava pelas escolhas para as diretorias do Clube XI de Agosto, que, como v. s. diz muito bem, era uma fachada da "Bucha". Um exame aprofundado e sem paixões, deixava-me sempre a convicção de que a escolha, proclamada como acertada e brilhante, era sempre injusta, e, no fundo, incompreensível! O que observei nos bancos acadêmicos, passei a obser-

var, com mais evidência na vida pública: ascensão rápida e incompreensível de indivíduos destituídos de merecimento e que, no entanto, eram endeusados pelos membros da maçonaria acadêmica, e insucesso freqüente dos mais ilustres. Aprofundando-me no mistério, cheguei à perceber, ao cabo de muita leitura, e então já homem feito (nas proximidades dos 40 anos) o objetivo oculto da "Bucha": Controlar os espíritos, impedindo a ascensão, na vida pública — desde os bancos acadêmicos — dos que lhes pareciam mais esclarecidos, independentes e atilados, e que, na prática, pudessem se tornar uma reação aos planos maçônicos da sociedade. Enquanto **aparentava** beneficência desinteressada, submetia o adolescente a uma hábil escravização, manobrada pelos dirigentes ocultos da "Bucha"! Visavam os terríveis inspiradores ocultos da Sociedade Maçônica, fazer com que a República Brasileira, por eles recentemente fundada, fosse servida apenas por personalidades adrede escolhidas, e perfeitamente adaptáveis aos seus manejos ou às necessidades de seus objetivos. Nesse sentido, computavam todas as singularidades dos seus candidatos preferidos, desde a ambição, o orgulho, a mediocridade, etc, etc. Tratava-se, portanto, de um simples instrumento de predomínio judaico, embora levado à efeito por meios insidiosos, de embuste e de traição, e da escravização pelo espírito, de uma mocidade inexperiente de uma faculdade que forneceu ao Brasil a maior parte de seus homens públicos. Estavam assim explicadas as injustiças que me revoltavam e das quais fui eu mesmo uma das vítimas... A "Bucha" cortava as asas às águias, e ajudava os frangos a voar...

À proporção que me aprofundava na análise do fenômeno, chegava à convicção de que era necessário desvendar o mistério, que, certamente, tem sido a causa de muita desgraça nacional, pois que, ainda hoje, muito homem público brasileiro obedece às injunções, diretas, dos orientadores ocultos da terrível sociedade maçônica! Preso, porém, ao meu juramento, nunca cheguei a fazer qualquer coisa, vencido pelo escrúpulo que nos prende às regras do jogo lícito.

Veio a Revolução de 1930, a guerra civil de 1932, quando tive a amargura de ver as situações de todos os Estados do Brasil combaterem o Estado onde passei os melhores anos da minha vida, sendo que, dentre tais forças, tive um de meus filhos! Vieram as cenas comunistas de novembro último, de que acabo de ser testemunha horrorizada, e a "Bucha", em cada um destes acontecimentos, me apareceu, sempre, como força orientadora, em toda a sua hediondez! Sim! porque se a "Burschenchaft" desapareceu no estrangeiro, ainda subsiste, no Brasil, explorando a nossa inexperiência!

Muitos de seus membros, ainda hoje, embora encanecidos, desconhecem os objetivos ocultos da insidiosa sociedade, e se surpreenderão, justamente, com o que estamos revelando!

Alguns anos depois de minha formatura, tive necessidade de voltar à Paulicéia — em 1917 — onde me encontrei com vários amigos, velhos companheiros da lendária faculdade. Um deles, certa noite, me preveniu que no dia seguinte, alta personagem da República, em visita ao Estado, e antigo membro da "Bucha", faria uma visita pessoal e **secreta** à sede da Sociedade Estudantina, expressando, assim, o seu alto apreço pela organização maçônica, e convidava-me a comparecer. Fui por simples curiosidade, pois que já conhecia e me repugnavam os objetivos ocultos da sociedade, que não passava de uma torpíssima instituição judaica. Valeu a pena: lá estava a **elite** da época. Grande parte dos membros do governo estadual; grande número de parlamentares do Congresso Federal e estadual, juizes, cientistas, comerciantes e financistas. O visitante foi recebido com as honras devidas ao seu alto cargo e timbrou, assim, em homenagear, pessoalmente, uma instituição, de cuja influência, na vida do país — e na sua própria vida pública — não tinha, até então, talvez, se apercebido...

Poderia acrescentar a este relato uma série de nomes presentes à memorável reunião, todos respeitosos, cerimoniosos. Muito brasileiro se surpreenderia com uma relação de tais nomes e veria, então, porque razão muito imbecil conseguiu se alçar, no Brasil, aos mais altos postos da administração, **só e unicamente em virtude da influência da "Bucha" e para servir de pau mandado do judaísmo contra a sua pátria!...**

Eis aí, sr. Geraldo Rocha, o que me pareceu conveniente comunicar-lhe, na esperança de que outros façam o mesmo, a fim de se esclarecerem definitivamente, as causas ocultas da degringolada do país. Tudo o que vem sendo feito de mau, há anos, no Brasil, provém de insinuações daquela sociedade secreta maçônica, que se inspira nos judeus que dominam o mundo, e estão trabalhando, visivelmente, para a destruição do país, e chegarão, em breve, aos seus fins, se os brasileiros não derem ao assunto a importância que merece. Verão, pelos detalhes de outros depoimentos melhores do que os meus, a razão de muita coisa que à luz do dia não é compreensível...

Excusando-me, por motivos que v. s. compreenderá, de não assinar-me, sou, todavia, seu admirador e constante leitor.

NORDESTINO."

COMO FUGIU O HERÓI

A história brasileira tem os seus empolgantes episódios românticos, os seus casos novelescos, os seus fascinantes mistérios, filão rico e obscuro onde a fantasia dos nossos escritores poderá prover-se de inspiração e verdade, para construir as belas lendas do passado nacional. Nenhuma, porém, se nos afigura tão esplendidamente inaudita, entretanto veraz e grave — porque mudou a fisionomia política do país há um século — como a fuga de Bento Gonçalves da Bahia. Todas as tintas de um pitoresco romance policial bailam nesse acontecimento surpreendente: um general que se escapa de uma fortaleza ilhada no golfo, entranhando-se pelo oceano como um tritão, ele que fôra, nas campinas verdes do sul, o centauro indomável. Auxiliado por discretos correligionários da cidade, aconselhado pelos aliados baianos da Revolução Farroupilha, orientado sobre as cautelas e audácias que devia usar na manhã, resplandecente de sol, da evasão, obteve licença para nadar junto do Forte, vigiado duplamente pelas sentinelas em armas e por uma escuna de guerra — e como nas mágicas de teatros, desapareceu.

À notícia de que se sumira o herói do Rio Grande correram os artilheiros às suas peças. Mas a pólvora, molhada, negou fogo. O comandante valeu-se de um porta-voz. Só foi ouvido muito tempo depois. Do navio baixou um escaler com marinheiros armados. Indicaram-lhe os lados do Recôncavo. Pois o fugitivo se recolhera ao porto. Era, como Lauro e Byron, capaz de atravessar, nadando, o Helesponto. Mas um bote pescara-o na curva de uma onda. Conspiradores de chapéu alto esperavam-no na praia. Dias mais tarde, um palhabote de comércio largava mansamente os panos ao nordeste. Ia com farinhas para Pelotas ou Montevidéu. No topo do mastaréu a flâmula auri-verde tremulava. Um capitão português de suíças grisalhas fumava o seu cachimbo agarrado ao leme. Na placidez da tarde havia a paz das paisagens cheias de luz e das consciências inundadas de serenidade. Quem diria que entre os sacos brancos lá era devolvido, aos "pagos" sangrentos, o homem da Setembrina, ávido de cobrar em Piratini a dívida do Fanfa? Quando ressurgiu nas coxilhas montado no seu cavalo crioulo, de sabre em punho e poncho aos ventos, foi que se soube das peripécias e maravilhas da libertação. Até hoje, porém, o longo braço que o tirou das águas inquietas da baía de Todos os Santos ficara na sombra. Insinuava-se apenas: a maçonaria inutilizara a pólvora dos canhões, aliciara os guardas, promovera o entremês, e

escondera, sob a sua poderosa proteção, o foragido, para recambiá-lo aos pagos pelo primeiro brigue.

Podemos agora esclarecer definitivamente o assunto. É justo que bastem cem anos para um segredo. Sobretudo é necessário que se restabeleçam os valores históricos numa revisão exata. Bento Gonçalves livrou-se dos úmidos cárceres do Forte do Mar graças ao concurso e ao apoio de um "espírito": o dos republicanos da Bahia que, em 7 de novembro de 37, vibrariam o golpe da Sabinada. Mas nas lojas maçônicas se premeditou e realizou a façanha, do que há documento novo, nas atas velhas, que passamos a transcrever.

Assim, no dia 28 de junho daquele ano, na Loja **Virtude** no Oriente da Bahia, "o Irmão Secretário apresentou uma 'prancha' do Ir. Bento Gonçalves da Silva, grau 18, de que ficou a Loja ciente, logo nomeados os I. I. Guimarães, Manoel Joaquim e Marques para se dirigirem por parte da Loja ao dito I. e participarem-lhe que ela ficou inteirada, e que faria o que estivesse a seu alcance a fim de melhorar a sua sorte..." E no dia 30, na **Fidelidade e Beneficência:** "teve lugar igualmente a leitura de outra 'prancha' (maçônica) dirigida pelo Ir. Rosa-cruz Bento Gonçalves da Silva, preso no Forte do Mar por efeito de comoções políticas, fazendo ver o estado em que se achava; e à vista do que pedia o único recurso de lhe serem ministrados meios de ser mudado para uma prisão cômoda, onde fosse lícito falar aos seus amigos; do que, sendo a Loja inteirada, foram nomeados pelo Ir. Ven. para visitarem ao dito Ir., e lhe oferecerem os socorros de que ainda precisasse, ou estivesse ao alcance da L., o Ir. Roberto, Tesoureiro e Orador Adjunto... "Era um dos fundadores da sociedade secreta o próprio comandante do Forte de S. Marcelo; e, por notável coincidência, naquela noite recebeu a investidura maçônica o português Antônio Gonçalves Pereira Duarte, "brasileiro adotivo, com 36 anos de idade, católico romano, negociante, morador no cais Dourado".

A referência é preciosa.

Rezam as crônicas que o bergantim das farinhas, que preguiçosamente abria à viração as velas numa tarde calma de setembro, levando para o Rio Grande do Sul oculto e salvo o chefe "Farrapo" — pertencia ao honrado comerciante Antônio Gonçalves Pereira Duarte.

Aquelas bocas seladas por um juramento nunca falaram. Tinham, contudo, aqueles homens uma idéia altiva e digna de sua proeza. Formara-se no recinto de suas reuniões confidenciais a tempestade que destruiu Feijó. Dessas nuvens partiu o raio que siderou a Regência. Entregaram a Bento Gonçalves a espada caída; e impeliram o Império para a tranqüila estrada do segundo Reinado.

Cores de uma palheta literária... Também uma ronda de ilustres fantasmas que vêm recuperar no cenário da publicidade o seu honesto lugar, à sombra de um monumento — o do paladino gaúcho — e, num friso de Acrópole — a história do idealismo antigo!

PEDRO CALMON
(Da "A Noite", de 3 de abril de 1937)

NOTAS

(1) Gustavo Barroso, "Osório — o centauro dos pampas", ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1933, pgs. 7-8.
(2) H. Canabarro Reichardt, "Bento Gonçalves", Livraria do Globo, Porto Alegre, 1932, pg. 22.
(3) D. José M. Caro, "Mistério!", pg. 69, V. a nota 3 do cap. I.
(4) João de Witt, "Mémoires des societés sécrètes", pgs. 6-11.
(5) Alexandre Dumas, "Mémoires de Garibaldi".
(6) "Storia d'Italia".
(7) N. Deschamps, "Les societés sécrètes", Avignon-Paris, 1881,1.1, pg. 99.
(8) Op. cit., loc. cit.
(9) Clavel, "Histoire pittoresque", pg. 215.
(10) Saint-Edme, "Constitutions et organisation des carbonari ou documents exacts sur tout ce qui concerne l'existence, l'origine et le but de cette societé sécrète", Paris, 1821, pg. 51 e "passim".
(11) "Fragments extraits de l'histoire de ma vie et de mon époque". pgs. 21-22; "Mémoires sécrètes relatifs á l'état de la révolution du Piémont, de l'esprit qui régne en Italie et de ses societés sécrètes", Boulland et Canel, Paris, 1831, 1ª p., pg. 21.
(12) "Deutsche Rundschau", nº de outubro de 1882.
(13) Domenico Margiotta, "Adriano Lemmi, chef suprême des francs-maçons", Delhomme et Breguet, Paris-Lyon, 1894, pg. 42.
(14) Op. cit., pg. 38.
(15) Op. cit., pg. 59.
(16) Op. cit., pg. 58.
(17) H. Canabarro Reichardt, "Bento Gonçalves", pg. 35.
(18) Op. cit., pg. 38.
(19) Op. cit., pg. 35.
(20) Cf. op. cit., pg. 22.
(21) Souza Docca, "Assuntos do Rio Grande do Sul — Semi-Deus lendário" "in" "Jornal do Comércio", dezembro de 1934.
(22) Loc. cit.
(23) Domenico Margiotta, "Adriano Lemmi, t. I, pg. 85.
(24) Alfredo Varela, "Revoluções Cisplatinas", Chardron, Porto, 1915,t.I, pg. 306.
(25) Carta de Antônio Alves Pereira Coruja, no arquivo de Alfredo Varela. Cf. op. cit., t. II, pg. 618.
(26) Souza Docca, loc. cit.
(27) Fernando Osório, "Os supremos objetivos da jornada de 1835", pg. 65.
(28) Op. cit., pg. 42.
(29) Op. cit., pg. 64.
(30) Alfredo Varela, op. cit., t. I, pg. 306.
(31) "Documenti e biografia di Livo Zambeccari", Florença.
(32) Brunialti, "Annuario biográfico universale", ano I, pg. 420.
(33) Alfredo Varela, op. cit., pg. 305; "Processo dos Farrapos" in "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1933, pg. 227.
(34) Depois da união com a franco-maçonaria, como já vimos.
(35) Alfredo Varela, op. cit., pg. 312.
(36) Op. cit., t. cit., pg.301.
(38) "História da República Riograndense", São Paulo, ed. de 1881.
(39) "Garibaldi, Rossetti e Zambeccari" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul", 1932, pg. 289.

(40) Souza Docca, loc. cit.

(41) Eduardo Duarte, op. cit., pg. 295.

(42) Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 54. V. Handelmaun, "História do Brasil", Rio, 1931.

(43) Rodrigo Pontes, "Memórias".

(44) Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 69.

(45) Tal qual as bibliotecas comunistas judaicas de hoje. Por exemplo, a Schlomon Aleichen desvendada e fechada, em 1935, pela polícia carioca. O mesmo processo é empregado pelos judeus com cozinhas populares.

(46) "Memória histórica" de uma "Testemunha Ocular" in "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, 1935, pg. 190.

(47) Souza Docca, loc. cit.

(48) "Memória histórica", cit., pg. 273; "Apontamentos sobre a revolução do Rio Grande do Sul até o deplorável ataque do Rio Pardo, vol. cit., pgs. 273 e segs.; comentários de Aurélio Porto ao mesmo volume, pgs. 521 e segs.

(49) Eduardo Duarte, op. cit., pg. 282.

(50) Sebastião Ferreira Soares, "Breves considerações sobre a revolução de 20 de setembro de 1835", pg. 359.

(51) Op. cit., pg. 367.

(52) Cf. Rio Branco, op. cit., pgs. 452, 453 e 465; "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1933, pgs. 149-150.

(53) Op. cit., pg. 525.

(54) Op. cit., pg. 465.

(55) Calógeras, "Formação histórica do Brasil", pgs. 60, 158 e segs.; Comentários de Aurélio Porto ao "Processo dos Farrapos" "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1935, pgs. 308 e seguintes.

(56) Calógeras, op. cit., pg. 156.

(57) Rio Branco, op. cit., pg. 431.

(58) "Revoluções Cisplatinas", t. II, pg. 101.

(59) Onde esteve preso o carbonário Zambeccari até 1839.

(60) O grifo é nosso. Que admirável dedicação! De enternecer...

(61) Grão-mestre da maçonaria, autor da revolução de 1842.

(62) "Mauá", Companhia Editora Nacional, São Paulo, pg. 53.

(63) "Exposição aos credores de Mauá & C."

(64) Alberto Faria, op. cit., pg. cit.

(65) Alfredo Varela, loc. cit.

(66) Cristiano Ottoni, "Biografia de Benedito Ottoni".

(67) Alberto Faria, op. cit., pg. 71.

(68) Op. cit., pgs. 104 e 121.

(69) Edouard Drumond, op. cit., pg. 122.

(70) Op. cit., pg. 125.

(71) Aurélio Porto Afirma "a grande influência da maçonaria" na organização e preparação revolucionárias, "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, pg. 528.

(72) "A guerra dos farrapos", ed. Adersen, Rio de Janeiro, pg. 7.

II

(1) Aurélio Porto, Comentários ao "Processo dos Farrapos", in "Publicações do Arquivo Nacional", tms. XXIX e XXXI, pgs. 290, 455 e segs.

(2) Assis Brasil, op. cit., pgs. 73-74.

(3) Bento Gonçalves, "Manifesto de 25 de setembro de 1835".

(4) Ramiro Barcelos, "Revoluções do Rio Grande", cap. I.

(5) Assis Brasil, op. cit., pg. 92.

(6) A. D. P., "Apuntes para Ia historia de Ia Republica Oriental dei Uruguay", t. II, cap. 4.

(7) Assis Brasil, op. cit., pg. 101.

(8) "Correio Oficial", nº 55, de 27 de junho de 1835.

(9) Cartas de Bento Gonçalves a Manuel de Almeida Vasconcellos, encarregado de negócios do Brasil em Montevidéu, e ao general Manuel Oribe.

(10) Assis Brasil, op. cit., pg. 159.

(11) Nº111 do jornal "O Povo".

(12) Manuel Martins da Silveira Lemos, "Apontamentos".

(13) Assis Brasil, op. cit., pg. 201.

(14) Op. cit., pg. 202. O grifo é nosso. As manobras maçônicas conduzem "insensivelmente" os homens aonde querem...

(15) Op. cit., pg. 204.

(16) Op. cit., pgs. 205-206.

(17) Op. cit., pgs. 208 e segs.; Parte Oficial de Bento Manuel Ribeiro ao ministro da Guerra.

(18) Calógeras, op. cit., pg. 162.

(19) Rio Branco, op. cit., pgs. 234, 295, 389 e 514.

(20) Op. cit., pg. 431. Na "A Noite", de 3 de abril de 1837, Pedro Calmon estampou um artigo "Como fugiu o herói", no qual conta como a maçonaria deu fuga a Bento Gonçalves, na Bahia. Damo-lo no nosso "Apêndice", "in fine".

(21) Op. cit., pgs. 446 e 451; Calógeras, op. cit., pg. 163.

(22) Garcez Palha, "Efemérides Navais".

(23) Rio Branco, op. cit., pgs. 419, 545, 550 e 552.

(24) 14 de janeiro de 1839.

(25) H. Canabarro Reichardt, "David Canabarro", ed. da Papelaria Velho, Rio de Janeiro, 1934, pg. 53.

(26) Op. cit., pg. 55.

(27) Op. cit., pg. 60; Calógeras, op. cit., pg. 165; Rio Branco, op. cit., pgs. 337, 353 e 359.

(28) Rio Branco, op. cit., pgs. 356-357, 536-537.

(29) Op. cit., pgs. 410 e 451.

(30) Op. cit., pgs. 22, 55, 315, 381, 465 e 575.

(31) Op. cit., pgs. 259, 305, 480, 575 e 599.

(32) J. Pinto da Silva, "A província de São Pedro", ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1930, pgs. 170 e 188.

(33) Rio Branco, op. cit., pgs. 337, 510 e 611.

(34) Calógeras, op. cit., pg. 168.

(35) J. Pinto da Silva, op. cit., pg. 193.

(36) H. Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 102.

III

(1) Pedro Calmon, "História da Bahia", pg. 174.

(2) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 217-219.

(3) Augusto Vitorino Sacramento Blake, "A revolução da Bahia" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. L, p. *2ª*, 1887, pgs. 178 e 195.

(4) "Exposição", Villeneuve & Cia., Rio de Janeiro, 1938, pg. 3.

(5) Op. cit., pg. 11.

(6) Padre Francisco Bernardino de Souza, "Páginas da História Pátria" in "Revista Popular", tomo de outubro a dezembro de 1862, pg. 5.

(7) Op. cit., pg. 6.

(8) General Abreu Lima, "História do Brasil", ed. de 1843, t. II, pg. 121.

(9) Ofício do chefe de polícia da Bahia ao ministro da Justiça, de 2 de novembro de 1837; Comentários de Aurélio Porto ao "Processo dos Farrapos" "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, pgs. 561 e segs.

(10) Pgs. 8-9.

(11) Pedro Calmon, op. cit., pg. 175; Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pgs. 526-527; Francisco Bernardino, op. cit., pg. 6.

(12) Moreira de Azevedo, "Sabinada da Bahia" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. XLVII, 1ª p., 1884, pg. 285.

(13) Francisco Bemardino, op. cit., pgs. 90 e segs.; Rio Branco, op. cit., pg. 541.

(14) Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 287 e 293.

(15) Op. cit., pg. 288.

(16) Op. cit., pg. 289.

(17) Op. cit., pg. 287.

(18) "Memorial", de Isaac Amzalak, sem referência de impressor e lugar, pg. 1.

(19) Op. cit., pgs. 2 e segs.

(20) Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 293.

(21) "Memorial" ao Supremo Tribunal de Justiça, Imprensa Americana, Rio de Janeiro, 1839.

(22) Cf. Pedro Calmon, op. cit., pg. 177; "Exposição dos sucessos do marechal Calado, tip. Franco Lima, Bahia, 1838; Marechal Calado, "Relatório dos acontecimentos memoráveis", tip. do "Correio Mercantil", Bahia, 1838; Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 295 e seguintes.

(23) Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 297.

(24) A sentença vem publicada na íntegra em Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 305-306.

(25) Pg. 194.

(26) "A Sabinada" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. XLV, 1ª p., 1882.

IV

(1) Gustavo Barroso, "Almas de lama e aço", Weiszflog, São Paulo, pg. 18.

(2) Antônio Ático Leite, "Fanatismo Religioso — Memória sobre o Reino Encantado", tip. Matoso, Juiz de Fora, 1898, pg. 21.

(3) Antônio Ático Leite, op. cit., pg. 22.

(4) Gustavo Barroso, op. cit., pg. 19.

(5) Antônio Ático Leite, op. cit., pgs. 25 e segs.

(6) Gustavo Barroso, op. cit., pg. cit.

(7) Antônio Ático Leite, op. cit., pgs. 9-11.

(8) Op. cit., pgs. 35-38.

(9) Op. cit., pg. 16.

(10) Quem lhe teria ensinado essas formas cabalísticas? É de notar o fermento de dissolução da família que o estranho rito encerra.

(11) Op. cit., pgs. 43-44.

(12) "Cultos indecentes e costumes obscenos — Ensaio histórico, filosófico, moral e arqueológico sobre o culto ao Phallo e outras divindades que presidem à geração, seguido de um esboço sobre a Libertinagem", versão do latim e do espanhol, sem nome de autor, Recife, tip. do "Jornal do Recife", 1878.

(13) Cf. Antônio Ático Leite, op. cit., pg. 44; Luiz Cascudo, "Notas sobre o Catimbó" "in" "Novos Estudos Afro-Brasileiros", ed. da Civilização Brasileira, 1937, pgs. 84 e 89; Garcia da Orta, "Colóquios da índia", ed. de 1872; Rodrigues Dória, "Os fumadores de maconha; efeitos e males do vício", Bahia, 1916.

(14) Cf. Hammer, "Geschichte der Assassinen", Stuttgard, 1818; Stanislas Guyard, "Un grand-maítre des assassins au temps de Saladin", Paris, 1877: Domenico Margiotta, "Le Palladisme".

(15) Antônio Ático Leite, op. cit., pgs. 45-46.

(16) Cf. op. cit., cap. V.

(17) Cf. op. cit., cap. VI.

(18) Cf. Op.cit, cap. VII.

(19) Op. cit.pg. 63.
(20) Op. cit.pg. 9.
(21) Op. cit., pg. 65, "in" nota. O grifo é nosso.
(22) Príncipe Felix Yussupoff, "La fin de Rasputine", Plon, Paris, 1928, pgs. 172-183.
(23) Antônio Ático Leite, op. cit., cap. VIII. O combate travou-se no dia 18 de maio de 1838.
(24) Op. cit., pg. 77.
(25) Op. cit., cap. X.
(26) A. Cavalier e P. d'Halterive, "Israel aux mystérieuy destins", ed. Grandpré, Blois, 1933, pg. 177.
(27) Stanislas de Guarita, "Le serpent de Ia Genése", ed. H. Durville, Paris, 1915, pgs. 134-135.
(28) "Cultos indecentes e costumes obscenos, etc", pg. 226.
(29) Stanislas de Guaita, op. cit., pgs. 144-145.
(30) Op. cit., pg. 532.
(31) Op. cit., pg. 533.
(32) Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, "Folk Lore Pernambucano", in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. LXXX, parte *2-* , pg. 33.
(33) Op. cit., pg. 34.
(34) "La Russie Juive", ed. Albert Savine, Paris, 1887, pgs. 292-293.
(35) Éliphas Lévi, "Les mystéres de Ia Kabbale ou l'harmonie occulte des Deux Testaments", ed. Émile Nourry, Paris, 1920, pgs. 57-58.
(36) A condenação judaica do movimento integralista no Brasil foi, por exemplo, pronunciada desde o momento em que começaram a aparecer as caricaturas de seus chefes em corpo de galinha e se vulgarizou a alcunha de galinhas-verdes...

V

(1) Gonzaga Duque, "Revoluções Brasileiras", Laernmert, Rio de Janeiro, 1905, pg. 180.
(2) J. M. Pereira de Alencastre, "Notas diárias sobre a revolta civil que teve lugar nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará pelos anos de 1838,1839,1840,1841, escritas em 1854 à vista de documentos oficiais" in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. XXXV, *2-* p., 1872, pg. 423. O caudilho que daria o nome ao movimento chamava-se Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio.
(3) Cadet de Gassicourt, "Le tombeau de Jacques Molay", Paris, l'an quatriême de l'Ére Française, pgs. 21-22.
(4) "Les juifs, rois de l'époque".
(5) Op. cit., pg. cit.
(6) "A revolução da província do Maranhão", separata da "Revista Trimensal de História e Geografia", nº II, pg. 23.
(7) Op. cit., pgs. 19-22.
(8) Op. cit., pg. 24.
(9) Cf. Camilo Castelo Branco, "Maria da Fonte", *2-* ed., Chardron, Porto, 1901, pgs. 20, 28, 29, 33 e 35; Gomes de Amorim, "Apontamentos", t. III, pgs. 167 e segs.
(10) "Proclamação" do comandante das forças militares da comarca de Pastos Bons, Militão Bandeira Barros, datada de 30 de maio de 1839.
(11) Ofício dirigido pelo Conselho Militar dos Balaios ao presidente do Maranhão, datado de 10 de julho de 1839.
(12) Documento datado de 29 de agosto de 1839.
(13) Cf. J. M. Pereira de Alencastre, "Notas Diárias", pgs. 467 e segs.
(14) Camilo Castelo Branco, op. cit., pgs. 36-37.
(15) "O Ceará", ed. L. C. Choloviecki, Fortaleza, 1899, pg. 179.
(16) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 424-425.
(17) Op. cit., pgs. cits.

(18) Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pgs. 31-32.

(19) A que forças secretas, a que MÃO OCULTA obedecia essa imprensa desatinada, fazendo contra a ordem pública o triste jogo da rebeldia?

(20) Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 426.

(21) Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 427; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pgs. 32-35.

(22) Idem, pgs. 428, 469 e 470; idem, pgs. 37 e segs.

(23) Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pgs. 39-40; ofício dirigido pelo Conselho Militar dos rebeldes de Caxias ao presidente do Maranhão in Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 470.

(24) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 435-437.

(25) Op. cit., pgs. 435-437.

(26) Op. cit., pgs. 439-441.

(27) Op. cit., pgs. 443-445.

(28) Op. cit., pgs. 445-456.

(29) Op. cit., pgs. 456-458.

(30) Op. cit., pg. 458; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pg. 118.

(31) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 458-469.

(32) Op. cit.pg. 463.

(33) Op. cit., pgs. 464-465.

(34) Op. cit., pgs. 465-467.

(35) Gqnzaga Duque, op. cit., pgs. 196-197.

(36) Pinto de Campos, "Vida do grande cidadão brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva", Imprensa Nacional, Lisboa, 1878, pgs. 57-63; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit.

(37) Gonzaga Duque, op. cit., pgs. 196-197.

(38) Padre P. F. Xavier de Charlevoix, "Histoire du Paraguay", Paris, 1757, t. II, pg. 162.

(39) "Nicolas I, Rey dei Paraguay y Emperador de los Mamelucos", Imprensa Biedma, Buenos Aires, 1904.

VI

(1) Aureliano Leal, "Anais do Congresso de História Nacional", t. III, pg. 159.

(2) Calógeras, "Formação histórica do Brasil", pg. 173.

(3) Discurso de José Clemente Pereira.

(4) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pgs. 354-355, na data de 22 de julho de 1840.

(5) Op. cit., pgs. 174-175.

APÊNDICE

(1) O filho era José Bonifácio, o Moço. E Martim Francisco negou era maçon?... Quem mente, Martim Francisco ou a maçonaria? Mente tudo o que se aproxima do Pai da Mentira...